

BLUMENAU

em Cadernos

t. 52 n. 2 março/abril 2011 Blumenau

ISSN 0006-5218

Blumenau cad.	Blumenau	t. 52	n. 2	p. 1-128	mar./abr. 2011
---------------	----------	-------	------	----------	----------------

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Todos os direitos desta edição reservados à Fundação Cultural de Blumenau.
O conteúdo de cada artigo é de responsabilidade de seu respectivo autor.

Editora Cultura em Movimento
Rua XV de Novembro, 161 - Centro - Caixa Postal 425 - Blumenau - SC - CEP 89010-001
Contato 47 3326 7511 - editora@fcbu.com.br - www.fcbu.com.br

Prefeito Municipal | João Paulo Kleinübing
Vice-prefeito | Rufinus Seibt
Presidente da Fundação Cultural de Blumenau | Marlene Schлиндwein
Diretor Administrativo-Financeiro | Neusa Maria Soares Müller
Diretor de Cultura | Vinicius da Cunha Wolff
Diretora do Patrimônio Histórico-Museológico | Sueli Maria Vanzuita Petry

Blumenau em Cadernos
Editor | Órgão de fomento | **Divulgação** | **Distribuição** | Arquivo Histórico José Ferreira da Silva
Alameda Duque de Caxias, 64 - Blumenau - SC - CEP 89015-010
Contato 47 3326 6990 - arquivohistorico@fcbu.com.br
Diretora | Sueli Maria Vanzuita Petry
Conselho Editorial
Presidente | Annemarie Fouquet Schünke
Carla Fernanda da Silva
Cristina Ferreira
Gervásio Tesselano Luz
Ivo Marcos Theis
Marcos Schroeder
Urda Alice Klueger

Projeto gráfico | Giba Santos
Capa | Elaborada por Nancy de Souza | **Fotografia** | Gláucia Maindra e Marli Gonçalves Schiavenin
Normalização do projeto gráfico | Gláucia Maindra da Silva
Revisão | Valdir Anselmo Petry | **Secretária** | Kátia Elizabeth Curti

Prêmio Almirante Lucas Alexandre Boiteux, na área de História - edição 1998,
concedido pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina;
Prêmio Destaque - 2002, concebido pela Academia Catarinense de Letras;
Homenagem Especial - 2007, pelos 50 anos de publicação.

Em 1973, a família Ferreira da Silva doou os direitos da revista à, então, Fundação Casa Dr. Blumenau.
Declarada de utilidade pública pela Lei Municipal nº 1895, de 15 de dezembro de 1972.
Recuperado pelo diretório Ulrich's Internacional Periodics

Catálogo | Gláucia Maindra da Silva CRB-14/924

Blumenau em Cadernos. – T. 1, n. 1 (nov. 1957)- . – Blumenau : [s.n.],
1957- .
v. ; 23 cm.

Mensal (nov./dez. editados juntos), 1957-ago. 2000; bimestral, set. 2000-
Fundada por José Ferreira da Silva.
Reestruturada em comemoração aos 40 anos da revista, 1997.
Editor varia: José Ferreira da Silva, 1957-1973; Fundação Casa Dr. Blumenau, 1974-1996, mudando o nome
para Fundação Cultural de Blumenau, 1996-1998; Editora Cultura em Movimento, 1998-
Suplementos dependentes acompanham alguns fascículos.
Edições especiais dependentes: centenário de morte do Dr. Blumenau, 1997; comemoração dos
45 anos da revista, 2002; comemoração dos 50 anos, 2007.
Seqüência numérica nos tomos: mensal de 1 a 12, 1957-2000 (com algumas falhas); bimestral
com intervalo duplo de 1 a 12, 2000-2007; bimestral de 1 a 6, 2008-. Tentativa de numeração
alternativa dos fascículos como edição: abr. 1987, ed. 364; nov./dez. 1987, ed. 371; dez. 1988, ed. 372.
Índice anual todo mês de dezembro; índice cumulativo (1957-1995), organizado por Neide
Almeida Fiori e Sueli Maria Vanzuita Petry. 1996. ISBN 85-328-0062-9
ISSN 0006-5218 = Blumenau em Cadernos
1. Santa Catarina – História – Periódico. II. Fundação Cultural de Blumenau.

CDD 981.64

SUMÁRIO

Documentos originais | Lembranças de imigrante

No trabalho

An der Arbeit

Emilie Heinrichs

Tradução: Adriana Maximino dos Santos

7

Artigos

Discussão de fontes primárias

Rafael Hoerhann

31

Capitalismo e território, um olhar de aproximação entre o
teórico e o empírico: observações e verificações *in loco* no
vale do Itajaí-Mirim, SC

Urda Alice Klueger / Nilson Cesar Fraga

58

Memórias

Colégio Normal Sagrada Família: o colégio das freiras

Ellen Crista da Silva

Colaboração: Sueli Scharf da Costa

79

Entrevista

“Ouvi essa música e ela me pegou”: Entrevista com Noemi
da Silva Kellermann

Viegas Fernandes da Costa

96

Autores catarinenses

Livros sobre o Contestado

Enéas Athanázio

121

APRESENTAÇÃO

Blumenau em Cadernos deste bimestre apresenta diferentes textos, os quais permitem tecer novas visões e análises dos fatos e acontecimentos que marcaram a história regional e que se renovam sob novos conceitos e leituras.

Abrindo a revista, em **Documentos Originais**, publica-se o texto que se intitula “No trabalho”. Trata do terceiro capítulo da obra “A mulher imigrante: vivências da esposa de um colono no Sul do Brasil”, de autoria da imigrante alemã Emilie Heinrichs. A tradução é um trabalho da doutoranda em Estudos da Tradução – PGET – pela Universidade Federal de Santa Catarina, Adriana Maximino dos Santos. A revisão do texto coube à Mestre, formada pelo curso de Pós Graduação de Estudos da Tradução – UFSC, Manuela Accássia Accácio. O texto, editado em língua alemã, foi revisado pela senhora Annemarie Fouquet Schünke. Conforme evidencia a chamada, o tema versa sobre as dificuldades enfrentadas pelo colonizador que, ao chegar à sua propriedade, via-se desfalcado de mão de obra, instrumentos agrícolas e conhecimento para domar o novo meio, enquanto ... “a mulher tinha que suportar sozinha todo (...) sofrimento; não devia atrapalhar meu marido no trabalho com lágrimas e lamentações, pois ele mesmo sofria”.

Na seção **Artigos**, o mestre e doutorando em História pela Universidade Federal de Santa Catarina, Rafael Hoerhann, fez e faz uso do acervo documental reunido para produzir a tese que deverá ser defendida em 2012. O autor, com esta pesquisa, levanta questões de identidade indígena dos Xokleng. O recorte temporal deste estudo tem como ponto de partida o ano de 1926, quando o governo cedeu para eles uma área demarcada. A discussão se estende até 1954, período em que a direção do Posto Indígena estava nas mãos de Eduardo de Lima e Silva Hoerhann.

Com o artigo intitulado “Capitalismo e território, um olhar de aproximação entre o teórico e o empírico: observações e verificações in loco no vale do Itajaí-Mirim, SC” - a doutoranda em Geografia pela Universidade

Federal do Paraná – PPGeo-UFPR - historiadora e escritora Urda Alice Klueger, juntamente com o seu orientador o geógrafo e doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Nilson Cesar Fraga, fazem uma leitura das observações de campo e uma análise descritiva e crítica da região em estudo, envolvendo a problemática do capitalismo e território.

“Tudo mudou, ficam apenas as lembranças! Tudo muda, mas ficam as marcas do amor, do carinho, da alegria e da felicidade vividas em um tempo. (...) me lembrei de nosso último dia de aula do Segundo Grau, em dezembro de 1975...” Este sentimento de saudosismo e lembranças, revelado na coluna **Memórias**, foi descrito e lembrado pelas amigas e ex-alunas do Colégio Sagrada Família, Ellen Crista da Silva e Sueli Scharf da Costa.

A entrevista apresentada nesta edição foi realizada em 2009 pelo escritor, historiador e pós-graduado em Estudos Literários, Viegas Fernandes da Costa. A entrevistada, Noemi Kellermann, foi professora do Curso de Artes da FURB, chefiou a Divisão de Promoções Culturais desta instituição. Presidiu e integra o Conselho Municipal de Cultura de Blumenau, e é no momento, Diretora Pedagógica da Escola de Música do Teatro Carlos Gomes. Neste seu depoimento aborda aspectos da sua história pessoal e profissional, da história musical e cultural de Blumenau e da trajetória do ensino superior de Artes no Vale do Itajaí.

Finalizando, na coluna **Autores Catarinenses**, o escritor e advogado Enéas Athanázio tece comentários sobre publicações que discorrem sobre o Contestado e sobre o mais novo lançamento de Anair Weirich “Adolfo o cãozinho das praias”, lançado em 2010.

Para dar sentido ao seu papel de divulgadora de literatura, história, memória e realidade locais, Blumenau em cadernos aguarda a colaboração dos seus leitores e pesquisadores, através do envio de textos para as seções de **Artigos**, **Memórias** e **Crônicas do Cotidiano**.

Sueli Petry
Diretora
Blumenau em Cadernos



NO TRABALHO

5 AN DER ARBEIT

Zwölf Wochen, ein Vierteljahr, im Urwald! Welch eine Fülle von Arbeit liegt in dieser Spanne Zeit! Die Worte des Kolonisten, der mir seine Hände zeigte, sind zur Wahrheit geworden. Meine Hände sind heut gerade so, wie die seiner Frau. Und erst die Hände meines Mannes! Es ist fürwahr ein bitteres Brot, das man hier im Urwald erarbeiten muß. Oft, recht oft, kam die Zeit, wo wir beide verzagen wollten, wo wir glaubten, wir würden uns durch die gewaltige Arbeit nicht hindurchzwingen. Heute, nach einem Vierteljahr, ist die Arbeit nicht weniger geworden. Im Gegenteil, jetzt kam die Zeit, wo neben dem Waldschlagen noch gepflanzt werden mußte. Ziemlich zwei Morgen Wald waren der Axt zum Opfer gefallen. Sobald günstiger Wind eintrat, sollte die erste Roca (roça) gebrannt werden. Zehn Hühner hatten uns Zühldorfs bei ihrem Besuch mitgebracht, das nötige Maisfutter dazu. Meine Glucke mit ihren Kücken gedieh gut, so hatten wir wenigstens etwas Selbsterworbenes, die Hühnereier. Als wir einige Tage später unsere erste Roca brannten, hatten wir Glück. Es ist nämlich lange nicht gleich, wie die Roca brennt. Brennt sie schlecht, verbrennt das Grünzeug auf dem Boden nicht mit, und es muß mit der Hacke nachgearbeitet werden. Brennt sie zu gut, so daß die Glut zu stark wird, verbrennt der gute Humusboden mit, und der trägt die Hauptkraft in sich. Am besten ist ein schnellbrennendes Glutfeuer, das, vom Winde gepeitscht, über die Roca wegfliegt. Wir hatten also Glück. Wie ein Ungewitter stäubte das Feuer durch das dürre Holz. Knatternd und prasselnd schlugen die Flammen hoch in die Luft. Eine Viertelstunde, und die Roca war kahl gebrannt. Nun darf man aber nicht denken, jetzt liegt ein freies reines Ackerland vor einem. Nein, beim Brennen der Roca verbrennt nur das kleine Holz, Rohr, Bambus, Aeste, Zweige und dünne Stämme; die dicken Stämme verbrennen nicht, auch nicht die Stümpfe der Bäume. Kreuz und quer liegen Baumstämme umher, und alle zwei Schritte steht ein Baumstumpf. An all das stört sich der Kolonist nicht. Er pflanzt zwischen die Baumstämme und

5 NO TRABALHO

Emilie Heinrichs

Doze semanas, meio ano, na floresta!

Quanto trabalho foi realizado neste período de tempo! As palavras do colono, que mostrou-me suas mãos, tornaram-se realidade. Minhas mãos estão hoje exatamente como as de sua esposa. E primeiro ficaram assim as mãos de meu marido! É, de fato, uma realidade dura que se tem que suportar na floresta. Frequentemente, muito frequentemente, vinham momentos em que nós dois queríamos desistir, quando acreditávamos que não nos submeteríamos a este trabalho árduo. Hoje, depois de meio ano, o trabalho não tornou-se menor. Pelo contrário, houve momento, que além de derrubar floresta, tínhamos que plantar também. Cerca de duas jeiras de floresta foram vitimadas pelo machado. Assim que tivéssemos vento favorável, a primeira roça deveria ser queimada. Os Zühlsdorfs tinham nos trazido em visita dez galinhas, assim como a ração de milho necessária. Minha galinha com seus pintinhos estavam se desenvolvendo bem, assim tínhamos, no mínimo, uma produção própria, os ovos.

Tivemos sorte, alguns dias mais tarde, quando fizemos a queimada da nossa primeira roça. A roça não se abrasa uniformemente. Se ela queimar mal, o mato sobre o chão não é destruído e tem que ser arrancado depois com a enxada. Se queimar bem, de modo que a brasa fique alta, a terra rica em húmus queima também, e este contém a seiva principal. O melhor é quando há um fogo em brasa que queima rapidamente, alastrando-se sobre a roça quando o vento sopra. Tivemos sorte. Como uma tempestade, o fogo espalhou-se sobre a madeira seca. As chamas estalavam e, crepitando, rebentavam bem alto no ar. Em quinze

Stümpfe Mais, Kartoffeln und schwarze Bohnen, Lebensmittel für Menschen und Vieh. Frischer Waldboden ist gut und fruchtbar, und das warme Klima, vereint mit zureichend Regen, bringt alles zum üppigen Gedeihen. Allein, nicht nur die Frucht wächst schnell, noch schneller wächst das Unkraut. Da gibt es dann Arbeit für die Frau in Fülle. Stets muß sie mit der Hacke bereitstehen, um zu putzen, d.h. das Unkraut auszuhacken. Noch ist ja die Roca klein, sind erst einmal ein paar Rocaen gebrannt, gibt es bald zu viel zu putzen. Die Arbeit der Frau wächst mit der Größe des bepflanzten Bodens. Die Hitze stieg von Tag zu Tag. Jetzt im September war es einfach unmöglich, in den Mittagstunden von 11 bis 3 Uhr draußen zu arbeiten. Die glühende Luft in diesem rings von Urwald umgebenen Kessel wirkte erschlaffend auf den Körper. Ist man erst länger im Lande, gewöhnt sich ja der Körper auch daran. Eines Abends, es war schon vollständig finster, saßen wir vor unserer Hütte, zum Schlafen war es uns noch zu warm, da auf einmal hörten wir im Hühnerstall – mein Mann hatte nämlich für die Hühner einen Stall aus Palmitlatten gemacht – großes Geschrei der Hühner. Zuerst achteten wir nicht darauf. Aber der Lärm wurde größer. Mein Mann holte aus unserer Hütte eine Laterne, und wir liefen zum Stall. Wie wild geworden flogen uns die Hühner um den Kopf. Drei lagen tot auf dem Boden, zerrissen von einem Ungeheuer, das, geblendet von dem Licht, in einer Ecke saß. Ohne sich zu wehren, ließ es sich von meinem Mann mit einem Knüppel totschiagen. Es war eine Beutelratte, gut so groß wie in Kaninchen. Diese mordlustigen Tiere haben schon in einer Nacht einen ganzen Stall voll Hühner totgebissen. Sie beißen sie tot und lassen sie dann liegen. Zum Glück hatten wir für unsere Glucke eine eigene Kiste angefertigt, die wir jeden Abend absperreten. Die Glucke saß ganz ruhig mit ihren Kücken in ihrer Behausung. Im Urwald lernt man jeden Tag neues Ungeziefer kennen, Raubzeug, das dem Kolonisten viel zu schaffen machen kann. Es war die höchste Zeit, ein paar Hunde anzuschaffen, die die Kolonie von dieser Art Ungeziefer freihalten müssen. Zühlsdorf wollten uns, wenn sie wieder mal zu Besuch kamen, einen mitbringen. Eher als wir dachten, kam schon einer an. Frau Zühlsdorf

minutos, a roça estava totalmente incinerada. Mas não se deve pensar que nesta hora, ali a nossa frente, estava uma terra de lavoura pronta e limpa. Não, na queimada de roça são consumidos pelo fogo apenas os pequenos paus, taquaras, bambus, galhos, ramos, e troncos finos; os troncos grossos não se queimam, assim como os tocos das árvores. Os troncos das árvores estavam no chão por todos os lados e a cada dois passos estava em pé um toco de árvore. E tudo isto não atrapalha o colono. Ele planta, entre os troncos e tocos de árvores, milho, batatas e feijão preto, alimento para as pessoas e o gado.

Terra fresca de floresta é boa e frutífera, e o clima quente acrescido de bastante chuva faz tudo crescer abundantemente. Porém, não apenas as frutas crescem rápido, mais rapidamente ainda crescem as ervas daninhas. Há muito trabalho também para a mulher. Ela sempre tem que estar com a enxada na mão para limpar, ou seja, retirar as ervas daninhas. Agora, a roça é ainda pequena, mas quando houver algumas roças queimadas, logo vai ter muito para limpar. O trabalho da mulher cresce na medida da terra plantada. O calor aumentava dia após dia. Agora em setembro é impossível trabalhar lá fora durante o meio dia, das 11 às 15:00h. O ar incandescente neste vale cercado de floresta faz o corpo enfraquecer. Depois de ficar bastante tempo nesta terra, o corpo também se acostuma.

Num finalzinho de tarde, quando já estava totalmente escuro, estávamos sentados em frente a nossa cabana. Para dormir estava muito quente. Nisto ouvimos um grande rebuliço no galinheiro – meu marido tinha feito um galinheiro com ripas de palmeiras. De início não demos atenção, mas o barulho foi aumentando cada vez mais. Meu marido buscou em nossa cabana um lampião e corremos para o galinheiro. As galinhas voaram ariscas sobre nossas cabeças. Três estavam mortas no chão, despedaçadas por um monstro, que cego pela luz, estava sentado em um canto. Sem se defender, foi morto pelo meu marido com uma vara de pau.

war nämlich um diese Zeit gerade in der Wenda gewesen. Die Wenda dient nun zugleich als Poststation, alle Postsachen müssen dort abgeholt werden. Da hatte ihr der Wendist zwei Briefe für uns mitgegeben. Nun wußte die gute Frau, mit welcher Sehnsucht ich auf die ersten Briefe wartete. Ihr Sohn mußte also losreiten und mir die Briefe bringen; gleichzeitig brachte er uns einen Hund mit.

Welch eine Freude für mich: die erste Nachricht aus der Heimat! Zitternd vor Freude nahm ich ihm die Briefe ab. Schon der Anblick erweckt Heimatsgefühle. Zu meiner größten Beruhigung las ich, daß es meinen Lieben in der fernen Heimat noch gut ging und daß alle wohlauf waren. Briefe, liebe lange Briefe aus der Heimat, sind die beste Medizin gegen das Heimweh. Damit der Bote nun sofort die Briefe mitnehmen konnte, setzte ich mich gleich hin und schrieb Antwort auf die vielen Fragen, die man mir aus der Heimat gestellt hatte. Und auch ich hatte viel zu fragen nach all dem, was mir in der Heimat lieb gewesen. Wäre nur nicht die fürchterliche Wartezeit! Dauerte es ja immer ein Vierteljahr, ehe ich wieder Antwort haben konnte. Dann ging es wieder mit frischem Mut an die Arbeit. Um unsere Hütte legte ich einen regelrechten Gemüsegarten an. Er wurde mit Palmitlatten umzäunt. Bald gab es frisches Gemüse eigener Züchtung. Unsere deutschen Gemüse wachsen in Südbrasilien sehr gut. Nur die Hülsenfrüchte, wie gelbe und grüne Erbsen, die auch gut gedeihen, sind für menschliche Nahrung nicht zu gebrauchen. Sie sitzen an dem Strauch schon voller Bische, d. h. Würmer; wie das kommt, habe ich nicht herausbringen können. Besonders gedeihen Erdnüsse; sie wachsen genau wie die Kartoffeln und geben ein vorzügliches Oel ab. Ich hatte aus Deutschland einigen Blumensamen mitgebracht und auch eingesät. Wie staunte ich über der Erfolg! Ich hatte im zweiten Jahre Geranien und Fuchsenstämme wie ein mittlerer Kirschbaum. Für dieserlei Arbeit aber gab es in Zukunft wenig Zeit mehr. Die Roca wurde grün und mußte geputzt werden. Etwas später mußten Kartoffeln und Bohnen durchgehackt werden. Vier Wochen darauf wurde die zweite Roca gebrannt. Sie war größer als die erste. Da mußte wieder gepflanzt werden. Kaum

Era uma espécie de gambá, tão grande quanto um coelho. Estes animais assassinos já mataram um galinheiro inteiro em uma noite. Eles mordem até matar e depois as deixam no chão. Por sorte, fizemos para nossa galinha choca uma caixa separada que trancávamos toda a noite. A galinha estava sentada bem tranquilamente com os pintinhos no seu abrigo. Na floresta ficamos conhecendo todos os dias novos bichos, animais que podem dar muito trabalho ao colono. Já era tempo de conseguir alguns cachorros que livrariam a colônia deste tipo de animal. Os Zühldorfs queriam nos trazer um quando nos visitassem novamente.

Mais cedo do que imaginávamos, chegou-nos um cachorro. Neste tempo, a Sra. Zühldorfs estivera na venda. A venda servia também como correio, todas as coisas relacionadas ao correio teriam que ser buscadas ali. O vendedor deu a ela duas cartas para entregar-nos. A boa mulher sabia que eu esperava com muita saudade as primeiras cartas. Portanto, o filho dela teve que partir, cavalgando, para entregá-las a mim e ao mesmo tempo, trouxe-nos um cachorro. Mas que felicidade receber as primeiras notícias do meu país! Tremendo de alegria peguei as cartas dele. Só de olhar para elas, despertou-me sentimentos patrióticos. Para minha grande tranquilidade, li que meus entes queridos na distante terra natal estavam com saúde e que tudo corria bem. Cartas, longas e amáveis cartas de meu país: é o melhor remédio contra a saudade.

Para que o mensageiro pudesse levar as cartas imediatamente, sentei-me e escrevi a resposta para muitas perguntas que fizeram-me lá da terra natal. Também tinha muitas perguntas sobre todos aqueles que eram queridos por mim. Se não fosse este horrível tempo de espera! Durava sempre três meses até que a resposta conseguisse chegar.

Depois, o trabalho sempre era feito com novo ânimo. Em volta de nossa cabana havia uma verdadeira horta. Ela foi cercada com ripas de palmeira. Logo tínhamos legumes frescos de cultivo próprio.

damit fertig, mußte zum zweitenmal geputzt werden. Für dieses Jahr konnte mein Mann mit Waldschlagen aufhören. Ist die dritte Roca geschlagen, gebrannt und gepflanzt, dann ist die Pflanzzeit für Mais und Bohnen vorbei. Bis zur nächsten Pflanzzeit konnte wieder Wald genug geschlagen werden. Diese Unterbrechung der schweren Arbeit war für meinen Mann sehr nötig. Fünf Morgen Wald waren geschlagen, ein Stück Arbeit, das nur der begreifen kann, der Gelegenheit hatte, zu sehen, was Urwald ist. Die Unterbrechung war nicht etwa mit Rasttagen zu vergleichen, nun gab es andere Arbeit. Es fehlten bei jeder Gelegenheit guter Bretter. Baumstämme waren genügend vorhanden. Aus diesen Bretter zu machen, ist sehr einfach, wenn man in der Nähe einer Schneidemühle wohnt. Es ist aber bedeutend schwerer wenn man die Stämme selbst zersägen muß. Wir hatten nun zehn Stunden im Umkreise keine solche Mühle. So blieb uns nur ein Weg. Es hieß, wie so oft im Urwald: hilf dir selbst!

Mein Mann hatte sich bei Zühlsdorfs die Einrichtung solch eines Sägewerks genau besehen. Er baute also ein Gerüst von Balken und Palmitlatten, zwei Meter hoch. Auf diesem Gerüst lag der Baumstamm, nicht zu lang, damit zwei Menschen ihn bewältigen konnten. Eine große, zwei Meter lange Blattsäge hatten wir uns von Zühlsdorfs geliehen. Weil nun solch eine Riesensäge nicht von einem Mann allein regiert werden konnte, ein zweiter Mann aber nicht vorhanden war, da mußte ich als Kolonistenfrau wieder einspringen. Erst war ich auf diese Art Arbeit sehr neugierig. Bald war meine Wißbegierde vollständig befriedigt. Eine Stunde dies Auf und Abziehen der großen Säge, und mein Rücken war so steif, daß ich nicht mehr konnte. Mein Mann stand oben auf dem Gerüst, ich stand darunter und hatte noch den Vorzug, das ganze Sägemehl, das hier fabriziert wurde, auf mich herunterrieseln zu sehen. Für heute hatte mein Rücken genug von dieser Arbeit. Da will ich doch lieber putzen. Mein Mann, tröstete mich damit, die ersten Bretter, die wir fertig bekämen, wären für neue Möbel, wie Bett, Tisch und Bänke bestimmt. Ich bin fest überzeugt, wenn in Deutschland alle jungen Eheleute die Bretter für ihre Möbel selbst sägen müßten, dann würde es in

Nossos legumes alemães cresciam muito bem no sul do Brasil. Apenas as leguminosas, como ervilhas verdes e amarelas, que deram certo, não podiam ser usadas na alimentação de pessoas. Ainda no arbusto, elas ficavam cheias de bichos, ou seja, bigatos. Como aconteceu isto, ainda não consegui descobrir. Principalmente os amendoins cresceram bem. Eles crescem exatamente como as batatas e dão um óleo excelente. Trouxe da Alemanha algumas sementes de flores e também as plantei. Como me admirei com o bom resultado! No segundo ano, tinha pés de gerânios e fúcsias como uma cerejeira de tamanho médio. Entretanto, logo haveria pouco tempo para este trabalho. A roça estava ficando verde e precisava ser limpa. Pouco tempo depois, as batatas e o feijão precisaram ser carpidos. Quatro semanas mais tarde, a segunda roça foi queimada. Era maior que a primeira. Precisávamos plantar novamente. Depois de quase tudo pronto, tínhamos que limpá-la pela segunda vez.

Neste ano, meu marido pôde parar de derrubar a floresta. A terceira roça foi cortada, queimada e plantada. Então passou o tempo do plantio do milho e do feijão. Até o próximo período de plantação, a floresta podia ser cortada regularmente outra vez. Esta interrupção de trabalho pesado foi muito importante para ele. Cinco jeiras de floresta foram derrubadas, um bocado de trabalho; isto só pode entender aquele que teve a oportunidade de ver o que é a floresta. Esta interrupção não dá para se comparar com dias de folga, pois havia outros trabalhos. Faltavam tábuas boas em todas as ocasiões. Troncos de árvores havia o suficiente. Fazer tábuas com eles é simples quando se mora perto de uma serraria. Mas é bem difícil quando nós mesmos temos que serrar os troncos. Não tínhamos nenhuma serraria nos arredores, ao menos em dez horas de viagem. Só restava-nos uma saída. E isto significava, como ocorre frequentemente na floresta: ajudar a si mesmo!

den Wohnungen recht kahl aussehen. Bei all der Arbeit verstrichen die Wochen recht schnell. Ich hatte in unserer Hütte einen großen Bogen Papier befestigt, das war mein Kalender. Es hatte nämlich bei uns zum zweitenmal wegen des Samstag und Sonntags großen Streit gegeben. Wir hatten vergessen, einen Kalender mitzunehmen, und täglich erscheinende Zeitungen gab es im Urwald noch nicht. Wir einigten uns diesmal dahin, daß der morgige Tag ein Sonntag sei. Wir hatten ja versprochen, an diesem Tage unsern Nachbarn zu besuchen. Als wir glücklich am andern Morgen zu einen sonntäglichen Besuch dort ankamen, staunten die lieben Leute, es war erst Samstag. So hatte denn diesmal mein Mann recht gehabt, und er triumphierte deshalb nicht wenig. Nun wir einmal hier waren, bekamen wir diese Woche zwei Sonntage; wir blieben nämlich bis zum Sonntagabend gleich da. Von nun an schrieb ich jeden Tag auf dem Blatt Papier an. Erst tat ich es mit Bleistift. Gegen Ende der Woche, als ich wieder meinen Kalender in Ordnung bringen wollte, da war ich trotzdem im Zweifel. Hatte ich denn nicht gestern den Donnerstag schon angeschrieben? Es mußte wohl nicht so sein, denn als letzter Tag stand da Mittwoch. Folglich war heute Donnerstag. Ich war erstaunt wie nach meiner Rechnung mein Mann schon am Freitag alle Arbeiten um das Haus tat, die sonst Samstags gemacht wurden. Ich fragte ihn, was das zu bedeuten habe. „Aber Frau,“ sagte er, „morgen ist doch Sonntag.“ Jetzt triumphierte natürlich ich. Ich zeigte stolz auf meinen Kalender; da stand Freitag. Mein Mann ließ sich dadurch nicht überzeugen, er behauptete weiter fest morgen ist Sonntag. Ich hätte am liebsten weinen mögen, so ärgerte ich mich über sein überzeugtes Lächeln. Genau wieder wie vor Wochen: der eine behauptete, morgen ist Samstag, der andere morgen ist Sonntag.

„Nun paß mal genau auf,“ sagte mein Mann mit Siegesgewißheit, „am Montag haben wir zu Mittag schwarze Bohnen mit Speck gegessen, Dienstag Kartoffelsuppe, am Mittwoch Fetteis mit Mettwurst, am Donnerstag Spinat mit Bratkartoffeln und Eiern und gestern Mehlklößē – stimmt das?“

Es stimmte ganz genau, ich zählte an den Fingern die Speisekarte

Meu marido tinha observado bem a instalação de uma serraria na casa dos Zühldorfs. Ele construiu um andaime de dois metros de altura com vigas e ripas de palmeiras. O tronco de árvore, que não era tão longo para que duas pessoas pudessem dar conta, ficava sobre este andaime. Uma serra grande de dois metros de comprimento tínhamos emprestado dos Zühldorfs. Já que uma serra tão grande não podia ser manejada por um único homem e um segundo homem não havia, logo, eu, como esposa de colono, tinha que, novamente, substituí-lo. Inicialmente fiquei curiosa sobre este tipo de trabalho. Logo minha curiosidade estava totalmente satisfeita. Uma hora puxando para cima e para baixo aquela serra grande, minhas costas ficaram tão duras que não consegui mais. Meu marido estava em pé em cima do andaime, já eu estava embaixo, tendo a vantagem de ver todo o pó da serra, que era ali produzido, caindo sobre mim. Para aquele dia minhas costas já estavam fartas deste tipo de trabalho. Assim, preferia limpar. Meu marido consolou-me dizendo que as primeiras tábuas que ficassem prontas seriam certamente para os móveis novos, como cama, mesa e bancos. Estou convencida de que se todos os jovens casais na Alemanha tivessem que serrar seus próprios móveis, os apartamentos ficariam vazios.

Com todo este trabalho o tempo passava rápido. Fixei uma folha grande de papel, que era meu calendário, na nossa cabana. Pela segunda vez, houve uma grande discussão por causa do sábado e domingo. Tínhamos esquecido de trazer um calendário e ainda não existia um jornal publicado diariamente na floresta. Portanto, chegamos a um acordo, que a manhã seguinte era um domingo. Havíamos prometido visitar nosso vizinho neste dia. Na outra manhã, quando chegamos felizes para uma visita de domingo, os queridos vizinhos ficaram admirados: era sábado ainda. Desta vez meu marido tinha razão e, portanto, não vangloriou-se pouco. Já que estávamos ali, tivemos desta forma, dois domingos nesta

nach: heute war wirklich Samstag. Meinen Kalender traute ich nun nicht mehr. Das Schmunzeln meines Mannes mußte ich dazu in Kauf nehmen. Einige Tage später hörte ich dann, auf welche Weise Unstimmigkeiten in meinen Kalender gekommen waren. Er hatte den Donnerstag einfach ausradiert. Da war denn mein Zorn groß. Zu seinem Glück befand sich mein Mann in diesem Augenblick in Sicherheit, er stand oben auf dem Sägegerüst, ich unten. Nun – entrüstet ließ ich ihn oben allein stehen; zur Strafe streikte ich heute. Unsere Früchte in der Roca gediehen vorzüglich. Nach sechs Wochen mußte ich die Maisstauden lichten. Beim Pflanzen werden immer fünf Körner gelegt, jedesmal einen Meter auseinander. Ist die Maisstaude einen halben Meter hoch, dann werden die zwei schwächsten Pflanzen ausgezogen und als Viehfutter verwendet. Drei bleiben stehen. Noch eine Reihe von Tagen, und die von Baumstämmen und Baumstümpfen besäte Roca macht einen ganz anderen Eindruck. Die Maisstauden verdecken die Stämme, ein wogendes grünes Feld liegt vor einem. Nach dem ersten Putzen werden zwischen den Mais Bobern gepflanzt, eine Frucht wie unser Kürbis. Sie sind für das Vieh ein gutes Beifutter. Ein etwas ergiebiges Jahr, und man weiß nicht, wo man mit den gewaltigen Früchten bleiben soll. Hat der Mais Mannshöhe erreicht, so entwickelt sich eine große Blütenfahne, aber nicht an der Stelle, wo sich die Frucht, der Kolben, entwickelt, sondern oben an der Spitze der Staude. Diese Blütenfahne wird ausgebrochen und ebenfalls als Viehfutter verwendet. Der Mais braucht bis zum Reifen vier Monate. Eine Staude trägt in der Regel ein oder zwei Kolben; sitzen mehr, werden sie ausgebrochen, damit die bleibenden sich voller entwickeln. Ist der Kolben reif, wird er geknickt, damit er mit der Spitze nach unten hängt und so besser trocknet. Nach weiteren vierzehn Tagen wird dann geerntet. Die Kolben werden gesammelt und in den Schuppen ausgepackt. Man muß gut aufpassen, daß die Papageien nicht zuviel am Mais verderben, solange er noch auf dem Felde steht. Sie kommen in ganzen Scharen aus dem Walde, reißen die Blätter von den Kolben, zwicken einige Körner heraus und hüpfen auf den nächsten Kolben. Die so zugerichteten Kolben müssen verfaulen. Unser neuer

semana. Ficamos por lá até o final da tarde de domingo. Deste dia em diante escrevi todos os dias na folha de papel. No início, fiz isto com o lápis. Perto do fim da semana, quando queria colocar meu calendário em ordem, ficava em dúvida. Será que já não escrevi ontem a quinta-feira? Não pode ser, pois o último dia que estava ali era quarta-feira. Logo, hoje era quinta. Fiquei espantada, que de acordo com meus cálculos, meu marido já fizera na sexta-feira todos os trabalhos ao redor da casa, que eram feitos aos sábados. Perguntei-lhe o que significava aquilo.

– Mas mulher – disse ele, – amanhã é domingo. Agora eu vangloriava-me. Orgulhosa, mostrei-lhe meu calendário; lá estava marcado sexta. Ele não se deixou convencer, continuava afirmando que amanhã é domingo. Preferia ter chorado, pois irritava-me o seu sorriso convencido. Exatamente como há quatro semanas, um afirmava "amanhã é sábado", o outro "amanhã é domingo".

– Agora preste bem atenção – disse ele com certeza de vitória: Na segunda, almoçamos feijão preto com toucinho; na terça, sopa de batatas; na quarta, arroz com gordura e com salsicha defumada; na quinta, espinafre com batatas assadas e ovos; e ontem, bolinho de farinha – está correto?

Estava totalmente certo, contei nos dedos o cardápio: hoje era realmente sábado. Não confiei mais no meu calendário. Tive que aceitar o sorrisinho de meu marido. Dias depois, fiquei sabendo sobre como ocorreu a inexatidão do meu calendário. Ele simplesmente apagou a quinta-feira do meu calendário. Fiquei com muita raiva. Para sorte dele, naquele momento ele se encontrava em segurança: estava em cima do andaime da serra, e eu embaixo. Indignada, deixei-o sozinho lá em cima. Como castigo, fiz greve naquele dia. Nossos frutos na roça estavam crescendo excelentemente. Depois de seis semanas, tive que podar os pés de milho. No plantio, sempre são colocados cinco grãos a um metro de distância cada. Quando o pé

Hund, Cäsar war sein Name, war kein großer Freund dieser bunten Spitzbuben, unsere noch kleine Roca hielt er rein. Als wir unsere erste Maisernte gehalten hatten und zu gleicher Zeit die Kartoffeln reif wurden, war die Zeit gekommen, daß wir uns die ersten Schweinchen zulegen konnten. Zwei pechschwarze Ferkel brachten denn auch Leben auf die Kolonie. Es wurde Zeit, daß wir bald das, was wir zum Leben brauchten, selbst erzeugten, unser Geld war bis auf ein kleines Häufchen zusammengeschmolzen. Nun hatten wir bald Aussicht, so ziemlich alles selbst zu ziehen. Unsere Hühnerzahl vermehrte sich schnell, stets hatte ich ein paar Glucken sitzen. Erst einmal im Besitze von hundert Hühnern, konnte man schon ab und zu Eier verkaufen. Weniger schön ist dabei: sie sind hier zu billig: das Dutzend kostet nur 20 – 25 Pfennig. Den Verdienst muß eben mit der Zeit die Masse bringen. Mein Mann ging schon mit dem Plan um, die zuerst gebrannte Roca im nächsten Jahr liegen zu lassen. Sie sollte eine Portreiro, o. i. eine Viehweide, geben. Wir könnten uns eine Kuh kaufen, und wir hätten Milch und Butter, die wir bis jetzt sehr vermißten. Ich hatte auch eine neue Küche bekommen. Mein Mann hatte sie mir aus den äußersten Brettern gezimmert, die von den versägten Bäumen abfielen. Es war keine blitzblanke Küche wie zu Hause, aber bedeutend besser als die bisherige. Aus Steinen und Lehm hatte er darin einen Herd gebaut. Wir legten die mitgebrachte Kochplatte darauf; nun ließ sich doch bedeutend besser kochen, auch ein Rauchfang war vorgesehen, es fehlten bloß der Speck und die Schinken darin. So verbesserte sich alles langsam, aber stetig. Nur war die Arbeit für zwei Menschen zu viel. Das wäre früher, als mein Vater noch lebte, etwas für uns gewesen. Zu zehn – wir waren acht Geschwister – ja, da läßt sich die Arbeit einteilen. Zu zweien wußte man oft wirklich nicht, welche Arbeit am eiligsten war. Um die Zeit der ersten Ernte bekamen wir auf einmal zwei neue Nachbarn. Es waren zwei kürzlich verheiratete Brüder, Kolonistensöhne, die beide schon in Brasilien geboren waren. Sind die Kolonistensöhne erwachsen, dann heiraten sie. Der Vater kauft ihnen eine Kolonie, die Hochzeitsreise geht in den Urwald. Genau wie der Vater, so muß sich auch der Sohn durcharbeiten.

de milho está com meio metro de altura, as duas plantas mais fracas são arrancadas e usadas como alimento para os animais de criação. Três ficam em pé. Mais alguns dias e a roça, semeada entre os troncos e tocos de árvores, causava uma boa impressão. Os pés de milho escondiam os troncos, um campo verde e ondulado estava bem a nossa frente. Depois da primeira limpeza, foram plantadas abóboras entre os milhos. Elas servem como um bom suplemento alimentar para os animais. Um ano relativamente produtivo, e já não se sabe onde ficar com esses frutos. Quando o milho alcança a altura de um homem, cresce o cabelo-de-milho, entretanto, não no lugar onde o fruto, a espiga, se desenvolve, mas sim no topo do pé de milho. Este cabelo-de-milho é arrancado e usado também como alimento para criação. O milho precisa de quatro meses para amadurecer. Via de regra, um pé de milho dá uma ou duas espigas. Se der mais, elas serão arrancadas para que as outras possam desenvolver-se totalmente. Se a espiga estiver madura, ela é dobrada para ficar pendurada, virada para baixo, e secar melhor. Depois de catorze dias são colhidas, coletadas e guardadas no paiol. Deve-se tomar cuidado para que os papagaios não estraguem muito o milho, enquanto ele estiver no campo. Eles vêm da floresta em bandos, rasgam as folhas das espigas, beliscam alguns grãos e saltam para as próximas espigas. Estas espigas estragadas deverão apodrecer. Nosso novo cachorro, Cäsar, era seu nome, não era um grande amigo destes ladrões coloridos. Ele mantinha limpa nossa pequena roça.

Quando tivemos nossa primeira colheita de milho e ao mesmo tempo as batatas ficaram maduras, chegara a época em que podíamos adquirir nossos primeiros porquinhos. Dois leitõezinhos bem pretos trouxeram também vida à colônia. Já era tempo de produzirmos, aquilo de que precisávamos para viver. Nosso dinheiro tinha reduzido-se a um pequeno montante. Tínhamos agora a perspectiva de produzirmos tudo sozinhos. Nosso galinheiro aumentava rapidamente, sempre tinha algumas

Uns war es wirklich angenehm, in der Nähe Nachbarn zu bekommen. Man hat manchmal wirklich Verlangen, mit andern Menschen zu sprechen und zu überlegen. Jetzt wohnte der nächste Nachbar nur eine Viertelstunde von uns entfernt. Die vier Menschen bauten sich erst ein gemeinschaftliches Haus, und zwar aus Brettern, die sie von Vaters Kolonie holten. Da räumte die Arbeit. Ich habe mich gewundert, mit welcher Geschicklichkeit diese jungen Frauen es verstanden, Bäume zu fällen. Der Axtschlag der Frauen galt ebensoviel wie der der Männer, Von jung auf an diese Arbeiten gewöhnt, teilt die Kolonistenfrau alle Arbeit mit ihrem Manne. Von jetzt an gab es für die sonntäglichen Besuche größere Kreise. Es wurde jedesmal am Sonntag festgemacht, wo am nächsten Sonntag die Zusammenkunft stattfinden sollte. Machte noch so viel Arbeit auf einer neuen Kolonie sein, der Sonntag wurde geheiligt. Jetzt konnte sich mein Mann auch noch als Reiter ausbilden. Die beiden Brüder hatten nämlich ihre Pferde von Hause mitgebracht. Sie stellten ihm auch eins zur Verfügung, wenn er in der Wenda einkaufen wollte. Dies war auf jeden Fall bequemer, als wenn er, wie früher, das Einge kaufte auf dem Rücken nach Hause tragen mußte Immer weiter rollte die Zeit. Der Sommer hatte seine Höhe erreicht. Bei einer Hitze von 45° feierten wir das Weihnachtstfest. In dieser Weihnachtszeit meldete sich bei mir das Heimweh wieder mit Macht. Manche Träne ist da geflossen. Nichts ist ja in diesem Urwald zu finden, wo ein heimwehkrankes Herz Trost suchen könnte. Unsere Nachbarn kannten diese Krankheit nicht. Im Urwald geboren, fanden sie überall das, was ich nicht finden konnte, eine Heimat. Ich bin bei meinen jahrelangen Aufenthalt in Brasilien zu der festen Ueberzeugung gekommen, eine deutsche Frau wird niemals in der Fremde das Heimweh ganz überwinden, so da sie von Herzen sagen kann: ich habe eine neue Heimat gefunden. Wieviele alte Kolonistenfrauen habe ich kennen gelernt, die dreißig und vierzig Jahre in Brasilien waren und eine blühende Kolonie durch eigene Kraft und Arbeit aus einem Stück Urwald hervorgezaubert hatten. Sprach ich mit ihnen von längst vergangenen Zeiten, dann sah ich ihre Augen leuchten; diese Greisinnen hatten

galinhas chocas. Quando já se possui centenas de galinhas, pode-se de vez em quando vender ovos. Apesar disso, não era muito lucrativo: aqui eles são muito baratos; a dúzia custa entre 20 e 25 *Pfennig* apenas. Com o tempo, a grande quantidade traz o lucro.

Meu marido tinha o plano de deixar a primeira roça sem queimar no ano seguinte. Ela deveria tornar-se um potreiro, ou seja, um pasto. Podíamos comprar uma vaca e teria leite e manteiga, que nos faziam muita falta até aquele momento. Também ganhei uma nova cozinha. Ele a construiu das tábuas mais alongadas, tiradas das árvores cerradas. Não era uma cozinha limpa como em casa, mas muito melhor do que a anterior. Construiu ali um fogão de pedra e barro. Colocamos sobre ele a chapa de fogão que tínhamos trazido; assim se podia cozinhar bem melhor. Estava previsto também um defumadouro, faltavam apenas o toucinho e presunto nele. Devagar tudo ia melhorando. Só o trabalho que para duas pessoas era demais. Teria sido algo para nós antigamente, no tempo em que meu pai vivia. Em dez – éramos oito irmãos – sim, deste modo era possível dividir o trabalho. Em dois geralmente não se sabia qual trabalho era o mais urgente.

No tempo de nossa primeira colheita, ganhamos, de uma vez só, mais dois vizinhos novos. Eram dois irmãos, recém-casados, filhos de colonos, que tinham nascido no Brasil.

Quando os filhos dos colonos crescem, então casam-se. O pai compra para eles uma colônia; a viagem de lua-de-mel é para a floresta. Exatamente como o pai, o filho tem que trabalhar sem parar. Era muito agradável para nós ter vizinhos por perto. Às vezes temos o desejo de refletir e falar com outras pessoas. O vizinho mais próximo agora morava apenas a quinze minutos de distância. As quatro pessoas construíram uma casa em comum, e era de tábuas de madeira, que eles buscaram da colônia do pai. Lá o trabalho rendia. Admirei-me com a habilidade que estas jovens senhoras tinham para derrubar árvores. O golpe de machado das mulheres

ihre alte Heimat nicht vergessen. Das Heimweh, wenn auch überwunden, meldete sich immer noch nach langen, langen Jahren. Gerade dann, wenn die zu Hause so recht als Familienfest geltenden Weihnachtstage kommen, stellt sich die Krankheit ein. Tage, ja Wochen hat man zu ringen, um zu überwinden. Bei all dem mußte ich mein Leid völlig allein tragen; ich durfte meinem Manne, der selbst darunter litt, nicht mit Weinen und Klagen die Arbeit verleiden. Mußte doch jetzt, wenn die Ernte vorbei war, wieder mit aller Kraft gearbeitet werden.

Alles Land, das urbar gemacht war, konnte wegen Baumstümpfe die ersten Jahre nicht gepflügt werden. Nur mit der Hacke ließ es sich aufarbeiten, damit man es später wieder bepflanzen konnte. Die ersten Jahre bringt, das neue Land viel Unkraut. Die Schößlinge von Bambus, Rohr und sonstigem Unterholz, deren Wurzeln nicht vom Feuer zerstört sind, schlagen wieder aus und müssen ausgehackt werden. Ebenso heißt es, die Maisstauden aushacken, zusammentragen und verbrennen; alles Frauenarbeit, weil der Mann wieder zur Axt greifen muß, um Wald zu schlagen. Wie mein Mann es geplant hatte, die erste Roca als Viehweide liegen zu lassen, so geschah es auch. Nun mußten wir diese Weide umzäunen. Der Draht war zur teuer. Da mußte der Wald die Umzäunung liefern. Hunderte von Pfosten schleppten wir heran und gruben sie ein. Dann spalteten wir dünne Stämme, die an die Pfosten genagelt wurden. Es war eine Arbeit die wir nur so nebenbei machen konnten und daher Monate in Anspruch nahm. Als der Zaun fertig war, ritt mein Mann eines Morgens los, um eine Kuh zu kaufen. Er kam gegen Abend auch als glücklicher Besitzer einer schönen Kuh mit einem acht Wochen alten Kalb zurück. Diese zwei Tiere hatten ihm zusammen 75 Milreis gekostet, damals nicht ganz hundert Mark. Nun hatten wir eine Kuh, die sollte uns Milch und Butter bringen; aber um diese Milch zu besitzen, mußte die Kuh gemolken werden. Weder mein Mann noch ich hatten je im Leben eine Kuh gemolken. Ich hatte bei diesem einkömmlichen Geschäft wohl schon öfter zugehört. Nachdem wir unsere Kuh erst gut gefüttert hatten, ging es ans Melken. Was der Mensch können will und muß, kann er auch. Erst noch etwas ungeschickt, lernte ich diese Arbeit in ein paar Tagen. Es war für uns

valia tanto quanto ao dos homens. Desde jovem acostumada a este trabalho, a esposa de colono dividia todo o trabalho com o marido. Deste momento em diante havia um grupo maior para as visitas de domingo. Sempre neste dia ficava determinado onde deveria ocorrer o próximo encontro dominical.

Meu marido ainda pôde aprender a ser um cavaleiro. Os dois irmãos trouxeram cavalos de casa. Eles colocaram um à disposição, para usar quando quisesse ir à venda. Em todo caso, isto era mais confortável do que antigamente, quando tinha que trazer as compras nas costas. O tempo continuava passando. O verão alcançou seu ponto máximo. Em um calor de 45 °C comemoramos a festa de Natal. Neste período, a saudade da terra natal veio com toda força. Algumas lágrimas rolaram. Não havia nada que se podia encontrar nesta floresta que pudesse servir de consolo para um coração adoecido de saudade. Nossos vizinhos não conheciam esta doença. Nascidos na floresta, eles encontravam em todo lugar aquilo que eu não podia encontrar, uma pátria. Nestes anos de permanência no Brasil, cheguei à firme convicção de que uma mulher alemã no estrangeiro nunca vai superar a saudade de tal forma que possa dizer de todo o coração: encontrei uma nova pátria. Quantas mulheres de colonos conheci que já estavam no Brasil há trinta e quarenta anos e tinham transformado um pedaço da floresta em uma colônia próspera, devido à própria força e ao próprio trabalho. Conversei com elas sobre os tempos passados, e vi seus olhos brilharem; as anciãs não tinham esquecido sua pátria. A saudade quando superada, aparece sempre, mesmo depois de muitos e muitos anos. Quando esses dias, considerados em nosso país como uma verdadeira festa da família, chegam, desencadeia-se novamente a doença. Dias, até mesmo semanas, tem que se lutar para superá-la. Tinha que suportar sozinha todo meu sofrimento; não devia atrapalhar meu marido no trabalho com lágrimas e lamentações, pois ele mesmo sofria. Afinal, assim que a colheita passou, tivemos que trabalhar com toda força.

ein Genuß, wieder frische Milch und ein Stück Butter zu haben. Wenn wir unsern Viehbestand betrachteten, hatten wir in den einundeinhalb Jahren, die wir jetzt hier waren, schon allerlei erreicht. Wir besaßen vier Schweine, eine Kuh, ein Kalb und gut hundert Hühner, große und kleine gerechnet. Dieses zusammengenommen wäre in Deutschland ein kleines Vermögen; hier in Brasilien hatten uns die Kuh und die vier Ferkel einhundertzwanzig Mark gekostet, die Hühner überhaupt nichts; die ersten hatten wir hier geschenkt bekommen und die übrigen selbst gezüchtet. So kostet die Anschaffung von Vieh in Brasilien nicht viel Geld später kauft man kein Vieh mehr, sondern zieht alles selbst. Kurz daraus kaufte sich mein Mann ein Reitpferd für sechzig Milreis (78 Mk). Es war nicht etwa ein klapperiges Tier, denn daß schon Pferde von 25 Milreis angeboten wurden, war damals keine Seltenheit. Dagegen war alles, was man in der Wenda kaufte, sehr teuer. Preise waren es, wie wir sie jetzt im eigenen Lande kennengelernt haben. Wir hatten uns aber auf Jahre mit Kleidern und sonstigen Sachen vorgesehen, brauchten also die märchenhaften Preise nicht zu bezahlen. Was wir unbedingt kaufen mußten, war immer dasselbe: Weizenmehl zum Brotbacken (zur Hälfte nahm ich Maismehl, später auch Roggenmehl), weiter Salz und Petroleum; alles andere brachte die Kolonie hervor. Selbst Zucker und Oel ließen wir uns in der Mühle pressen. Essig machte ich mir aus Weinblättern. Eine Weinlaube hatte mir mein Mann schon angepflanzt; sie brachte gute Ernte ein. Einen Pfefferstrauch nannten wir auch unser eigen. Schließlich pflanzten wir in diesem Jahre Reis. So versorgten wir uns allmählich selbst mit allem, was nötig. Tabak und Baumwolle brachten für den Hausgebrauch genügend ein. Als Handelsware pflanzt man sie nicht; sie brauchen das wärmere Klima Mittelbrasiliens. Auch stehen auf einer Kolonie einige Bananenbäume. Bäume ist zwar nicht der richtige Ausdruck; die Banane ist eine jedes Jahr neu ausschlagende Pflanze. Die Früchte sind hier nicht so groß wie die Mittelbrasiliens doch werden sie vollständig reif. Als schönstes Obst sind die Orange und der Pfirsich zu nennen. Orangen gibt es das ganze Jahr frisch vom Baum. Der immer grüne Baum trägt zu gleicher Zeit Blüten, unreife

Toda terra que tinha sido cultivada não podia ser arada nos primeiros anos por causa dos tocos de árvores. Era possível apenas prepará-la com a enxada, para que depois pudesse ser plantado nela novamente. Nos primeiros anos, a terra dá bastante ervas daninhas. Os rebentos de bambus, taquaras, e outros tipos de matos, cuja raiz não é danificada com fogo, crescem novamente e têm que ser retirados com a enxada. Isso quer dizer também: capinar, juntar e queimar os pés de milho; tudo trabalho para a mulher, porque o homem tem que pegar no machado para cortar a floresta. Como meu marido já tinha planejado deixar a primeira roça como pasto para o gado, assim ocorreu. Agora tínhamos que cercar este pasto. O arame era muito caro. Portanto, a floresta tinha que fornecer a cerca. Arrastamos e enterramos centenas de esteios. Depois rachamos troncos finos, que foram pregados aos postes. Era um trabalho que só podíamos fazer à parte e que, conseqüentemente, fizemos durante meses.

Quando a cerca ficou pronta, meu marido saiu para comprar uma vaca. Ele voltou à noitezinha como um proprietário feliz de uma vaca bonita com um bezerro de oito semanas. Estes dois animais juntos custaram 75 mil réis. Naquele tempo não chegava a cem marcos. Agora tínhamos uma vaca, que nos daria leite e manteiga; só que para termos este leite, a vaca tinha que ser ordenhada. Nem meu marido e nem eu tínhamos nenhuma vez na vida ordenhado uma vaca. Já tinha observado muitas vezes esta tarefa, que agora desempenharíamos. Depois de alimentarmos bem a vaca, fomos para a ordenha. O que uma pessoa quer e precisa fazer, ela consegue! No começo foi um pouco desajeitado, mas aprendi este trabalho em alguns dias. Era um prazer ter de novo leite e manteiga frescos.

Quando olhamos para nossa criação neste um ano e meio que ali estávamos, já tínhamos conseguido animais de toda espécie. Possuíamos quatro porcos, uma vaca, um bezerro e centenas de galinhas, contando os

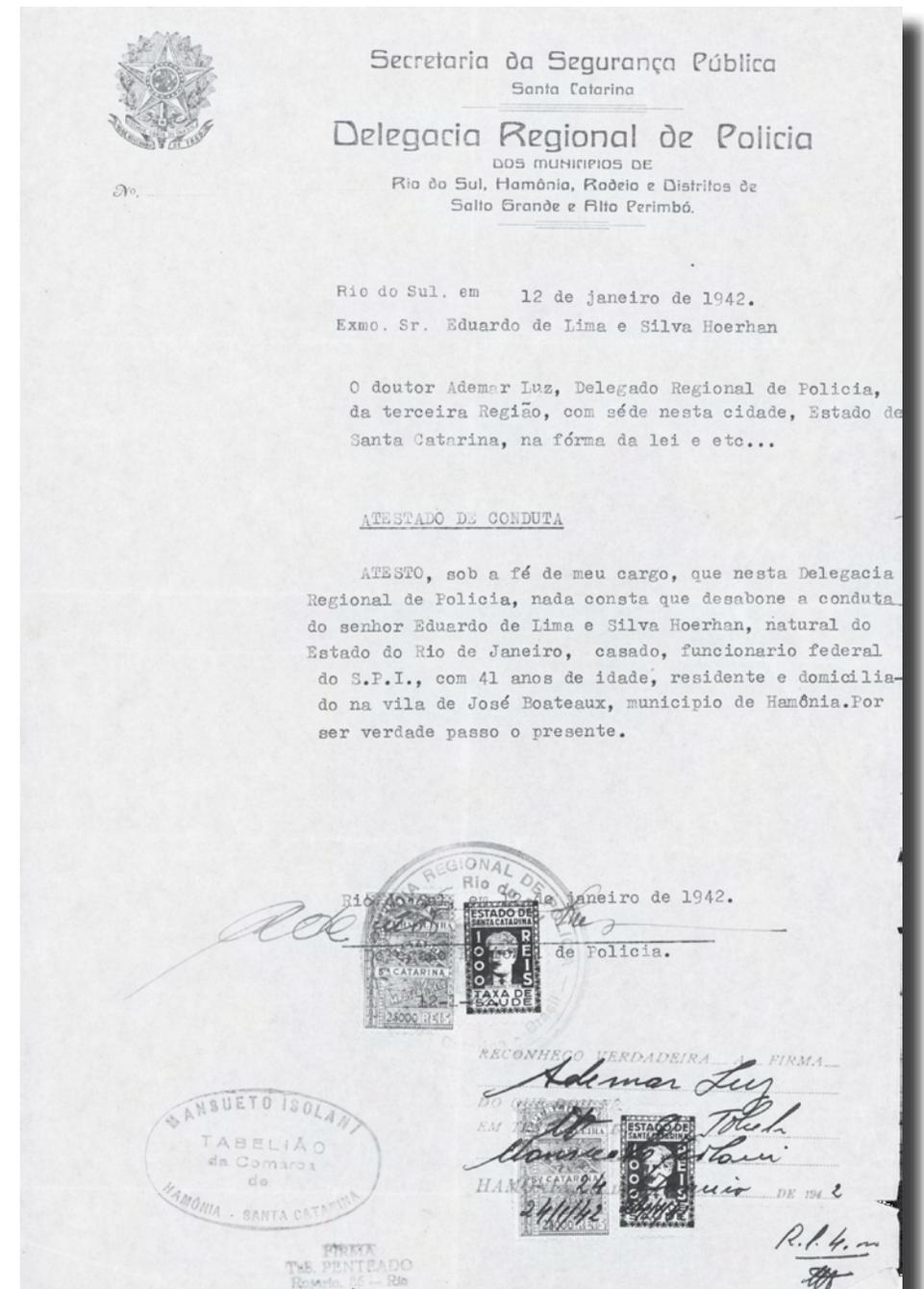
und reife Früchte. Die Pflirsichernte ist so ergiebig, daß bei den älteren Kolonisten die Schweine damit gefüttert werden. Troßdem man diese Früchte zentnerweise trocknet und auch frisch zu Marmelade verarbeitet, bleibt noch reichlich viel Futter übrig. Bei uns auf dem neuen Lande war ja alles im Werden begriffen; Orangen und Pfirsiche hatten wir schon im dritten Jahr. Mein Garten um unsere Hütte war rings mit jungen Orangen, Zitronen und Pfirsichen bepflanzt. Gemüse hatte ich immer reichlich, nur machten mir die Ameisen viel zu schaffen. Besonders war da eine Art. Sie wurden von den Kolonisten Nachtschlepper genannt, weil sie nur bei Nacht den Garten heimsuchten. Sie sind größer als die, die sich bei Tage sehen lassen und würden dann unweigerlich von den Hühnern verzehrt werden. So benutzen sie die dunkle Nacht. Sie bringen es fertig, in ein paar Stunden einen ganzen Garten zu verwüsten, so daß auch nicht ein Blättchen Gemüse übrig bleibt. Sie kommen in solchen Scharen, daß man genau ihren Weg sehen und verfolgen kann. Dann heißt es hinter drein, um das Nest zu suchen und zu vertilgen. Es liegt meist tief im Walde versteckt, und man findet es erst nach vieler Mühe. Dies nun zu vernichten und dadurch die Tiere unschädlich zu machen, ist gar nicht so leicht. Sie bauen sich Nester aus Lehm. Diese Nester sind hart wie Stein ausgetrocknet, und man kann nur mit schwerer Hacke es wagen, sie zu zerschlagen. Ist das Loch groß genug, muß man ein paar Eimer Wasser, vermischt mit Petroleum, hineingießen. Das Nest so eingeweicht, wird zu recht zähem Schlamm verrührt. Hat man kein Wasser in der Nähe, wird das Nest verbrannt. Man braucht aber, soll das Feuer bis aus den Grund gehen, viel trockenes Holz. Eine andere Art „Holzameisen“ waren schon wochenlang an der Arbeit, unsere Holzhütte im kleinen zu verzehren und fortzuschleppen. Trotz eifrigen Suchens haben wir das Nest nicht gefunden. Sie ziehen nämlich ihren Weg ganze Strecken tunnelartig unter der Erde her, und daher ist es sehr schwer, ihre Nester zu finden. Viele Liter Petroleum hat es gekostet, diese Tiere zu vertreiben; es ist wohl das beste und einzige Mittel, sie zu bekämpfen.

grandes e os pequenos. Isto já seria um pequeno patrimônio na Alemanha; aqui no Brasil a vaca e os quatro porquinhos nos custaram cem marcos, já as galinhas não custaram absolutamente nada: as primeiras ganhamos como presente e o restante se criou sozinho. Portanto, a aquisição de animais não custa muito dinheiro no Brasil, e mais tarde não se precisa comprar mais animais, eles se criam todos sozinhos.

Um pouco depois disto, meu marido comprou um cavalo de passeio por sessenta mil réis (78 DM). Não era um animal raquítico como aqueles cavalos que são oferecidos por 25 mil réis, mas também não era uma raridade. Por outro lado, tudo o que meu marido comprava na venda era muito caro. Preços são aquilo que já conhecemos no nosso país. Já tínhamos nos guarnecido com roupas e outras coisas, assim não precisamos pagar estes fabulosos preços. O que precisávamos mesmo comprar era sempre o mesmo: farinha de trigo para assar pão (a metade eu usava farinha de milho, depois também centeio), sal e querosene; todo o resto a colônia produzia. O açúcar e o óleo, nós mesmos prensávamos no moinho. Vinagre, eu mesma fazia com as folhas de uva. Meu marido já tinha plantado uma parreira; ela nos deu uma boa colheita. Podíamos citar um pé de pimenta como nosso também. Finalmente plantamos arroz neste ano. Assim, aos poucos, nós mesmos províamos-nos com tudo o que era necessário. Tabaco e algodão tínhamos apenas para o uso doméstico. Não os plantamos como produto de comércio. Para isto, precisávamos do clima mais quente do Brasil central. Não faltavam também em nenhuma colônia alguns pés de banana. A banana é uma planta que brota todo o ano. As frutas aqui não são muito grandes como no Brasil central, ficam, no entanto, completamente maduras. As frutas mais bonitas são a laranja e o pêssego. Durante todo o ano tem laranja no pé. A árvore sempre verde dá ao mesmo tempo flores, frutas verdes e maduras. A colheita de pêssegos é tão farta que os velhos colonos alimentam os porcos com eles. Apesar de

secarem em grande quantidade e também prepararem geleias com a fruta fresca, ainda acabam sobrando muitos pêssegos. Na nossa nova terra tudo estava se transformando; no terceiro ano já tínhamos laranjas e pêssegos. Minha horta em volta de nossa cabana estava cercada com novas laranjas, limões e pêssegos. Legumes sempre havia fartamente, apenas as formigas me davam muito trabalho. Elas eram chamadas de carregadoras noturnas pelos colonos, porque procuravam a horta só à noite. Elas são maiores do que aquelas que aparecem durante o dia e seriam certamente devoradas pelas galinhas. Por isso, utilizam a noite escura. Em algumas horas conseguem devastar uma horta inteira, de tal modo que não sobra nem uma única folhinha de verdura. Elas vêm em bandos, o que permite ver exatamente seu caminho e segui-las. Isto quer dizer, ir atrás delas mato adentro para procurar e exterminar o formigueiro que fica geralmente escondido bem no meio da floresta. Só pode ser achado depois de muito esforço. Aniquilar e não prejudicar os animais não é nem um pouco fácil. Elas constroem formigueiros de barro. Estes formigueiros são duros e secos como pedra e só é possível ousar destruí-los com uma enxada grande. Se o buraco for grande, é necessário jogar lá dentro alguns baldes de água misturado com querosene. O ninho fica tão mole que a lama dura pode ser bem remexida. Se não houver água por perto, o ninho é queimado. Porém, é necessário utilizar muita madeira seca para colocar fogo no chão. Um outro tipo de “formigas de madeira” já estava trabalhando há semanas, reduzindo nossa cabana a pedacinhos e levando-os embora. Apesar de uma busca assídua, não conseguimos encontrar o ninho. Trechos inteiros do seu caminho são túneis embaixo da terra e, portanto, é muito difícil encontrar seus ninhos. Muitos litros de querosene foram necessários para expulsar estes animais mas é a melhor e a única maneira de combatê-los.

DISCUSSÃO DE FONTES PRIMÁRIAS



DISCUSSÃO DE FONTES PRIMÁRIAS

Rafael Hoerhann*

A proposta deste artigo é discutir algumas fontes primárias que servirão de base para a tese do autor, a ser defendida em 2012. A tese se propõe a levantar questões de identidade indígena, uma vez que os Xokleng¹ passavam por um segundo momento da integração regional, entre o recorte temporal de 1926 quando o governo cedeu para eles uma área demarcada, até 1954 quando a chefia do Posto Indígena foi substituída. Tais fontes são compostas de documentos, correspondências, relatórios e ofícios que pertenceram a Eduardo de Lima e Silva Hoerhann², encarregado do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) entre 1914 e 1954, no Alto Vale do Itajaí/SC. Os documentos aqui expostos e comentados são uma pequena parte do que será trabalhado para a elaboração da tese. Suas condições estão em estado deplorável de conservação³ e em posse do autor. Para adentrarmos ao tema, se faz necessário um breve relato do início da atuação de Eduardo Hoerhann no SPI e a política indigenista brasileira acerca do paternalismo institucionalizado. Em todas as citações contidas dentro do corpo do presente texto, as falas originais dos autores foram mantidas.

A atuação de Eduardo Hoerhann como líder do SPI na região do Alto Vale começou com o pedido de demissão do encarregado anterior Raul Abbott em 1914, depois de suas inúmeras incursões sem êxito para

encontrar os Xokleng e pacificá-los.⁴ Nesse mesmo ano, o problema indígena foi reconhecido como único e específico, e o SPI começou a tratar exclusivamente dele⁵. Por quatro anos o órgão foi conhecido como SPI-LTN (Serviço de Proteção os Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais). Mas a partir de 1914, por ser complicada demais a solubilidade da questão indígena, o governo resolveu esquecer a nacionalização dos trabalhadores sertanejos residentes nas fronteiras do país e se concentrar mais nos indígenas “desamparados”.

Hoerhann ingressou no serviço em 1912 graças a uma carta dirigida pelo Doutor Generino dos Santos - pessoa com grande influência política na época - a Manuel Tavares da Costa, chefe da segunda seção do SPI-LTN. Neste trecho Generino expõe as qualidades do jovem Eduardo e sua ânsia para engajar na instituição:

[...] dotado da bem mais formada natureza e do mais alto espírito cavalheiresco; pois achando-se actualmente empregado n'uma boa casa allemã, deseja, entusiasmado pelos brilhantes successos da comissão Rondon, e com assentimento paterno, seguir-lhe o exemplo, auxiliando-o na cathechese dos nossos aborígenes que ainda vivem na selva brasileira. Muito desejaria servir junto delle mesmo; caso porém, seja de todo impossivel, muitíssimo grato lhe ficaria se V. lhe podesse obter um modesto lugar junto a algum de nossos correligionários que, como elle, se dedicam de corpo e alma, a esta nobre e patriótica cruzada civilizadora.⁶

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História - UFSC, sob a orientação do Dr. Valmir Muraro. E-mail: hoerhann@gmail.com

¹ Originalmente conhecidos como bugres e posteriormente como Botocudo, devido ao seu enfeite labial.

² Ver obras do antropólogo Silvio Coelho dos Santos relacionadas com os Xokleng.

³ Com a morte de Eduardo Hoerhann em 1976, seus pertences permaneceram abandonados em sua residência e sofreram a ação destrutiva de duas enchentes na região. Os documentos foram resgatados por mim, somente no ano de 2001.

⁴ As razões pelas quais Abbott foi substituído ainda permanecem imprecisas. Na missiva de Eduardo Hoerhann ao seu pai, em dezembro de 1913, há relatos de inúmeras incursões sem êxito acontecidas entre outubro e dezembro do mesmo ano. Além disso, está registrado o descontentamento da maioria dos funcionários do SPI-LTN que ameaçavam abandonar o Serviço, caso não houvesse aumento salarial.

⁵ As modificações do caráter administrativo mantiveram, contudo, as linhas gerais daquele regulamento. As principais foram estatuídas pelo decreto-lei nº. 3454 de 1918 que transfere a outros serviços os dispositivos referentes a trabalhadores nacionais. (H. Oliveira – 1947), A. Ribeiro (1943) e V. de Paula (1939 - 1941).

⁶ SANTOS, G. **Carta dirigida a Manuel Tavares da Costa Miranda, chefe da segunda Seção do SPI-LTN.** 1912.

Não se sabe por que Hoerhann saiu do conforto de sua família para ingressar no SPI-LTN, pois era de origem urbana e, provavelmente, só havia ouvido falar a respeito dos indígenas com os quais viria a contatar e conviver. O antropólogo Sílvio Coelho dos Santos afirma que Eduardo Hoerhann possuía boa formação educacional e escolar. Por esse motivo e outros detalhes, em pouco tempo, apesar de ter pouca idade, ele conseguiu se destacar dos demais membros do grupo de Santa Catarina.⁷ Iniciou no serviço na função de fotógrafo e, com a desistência de Abbott em 1914, Hoerhann assumiu a liderança e, junto de sua equipe, conseguiu o contato pacífico com os Xokleng em 22 de setembro do mesmo ano.

Existe uma missiva de 1922, escrita por Miguel Hoerhann⁸ e direcionada a Generino dos Santos, na qual conta a experiência em visitar seu filho Eduardo. O documento é mais interessante, na descrição da viagem entre o Rio de Janeiro até a localidade do posto indígena no Alto Vale catarinense:

Generino:

Cordiaes saudações.

Afinal estou com meu filho! Informado de minha vinda, foi buscar-me a bordo do vapor “Ruy Barbosa”, em Itajahy, em 12 do corr.,(sic) dia da minha chegada. Devido ao mau tempo, a viagem por mar durou 6 dias. Imagine o prazer que invadiu meu coração ao ver meu filho. As 10 horas da manhã, no mesmo dia, embarcamos n’um vaporinho, seguindo o Rio Itajahy acima até Blumenau (8 horas de viagem), onde pernoitamos. D’ahi n’outro dia, às 3 horas da tarde, tomamos o trem chegando a noitinha em Hammonia; ahi novamente pernoitamos, para no dia seguinte, de manhã cedo, seguirmos para o famoso posto Duque de Caxias – com inauditos esforços e contínuo perigo de vida – creado pelo Eduardo. Encetamos a viagem às 7 horas da manhã, num carro leve (aranha), e, assim viajamos até as 5 1/2

⁷ SANTOS, Sílvio Coelho dos. Entrevista concedida a Rafael Hoerhann em 1999. In: **Blumenau em Cadernos**. Tomo 50, nº5, setembro/outubro, 2009. p.92.

⁸ Miguel Hoerhann foi instrutor de Artilharia a serviço das Forças Armadas do Império Austro-húngaro. Migrou para o Rio de Janeiro para lecionar ginástica sueca de guerra à Marinha brasileira.

da tarde; d’ahi em diante seguimos n’uma canôa tripulada por dois remadores o Rio Itajahy do Norte acima.⁹

Infelizmente na carta citada acima não há maiores detalhes sobre o trabalho do SPI com os indígenas. Apenas o deslumbre de um cidadão urbano em conhecer as existentes – na época – e vastas matas subtropicais catarinenses. Porém, no acervo existem inúmeras cartas deste mesmo missivista ao seu filho Eduardo, que relatam situações cotidianas, além de também fornecerem pistas de publicações nacionais circulantes, no Rio de Janeiro, sobre o trabalho de pacificação no Vale do Itajaí.



Miguel Hoerhann posa para a foto em 1912.
Acervo (Rafael Hoerhann)

⁹ HOERHANN, Miguel. Carta a Generino dos Santos. Data de 21, jan. 1922.

A questão do trabalho e do bom exemplo dos funcionários do SPI para com os indígenas era um fator considerado de extrema importância pelos líderes do serviço, pois qualquer desvio por parte dos “civilizados” romperia com todos os avanços até o momento conquistados. Em Santa Catarina, com a expansão das poderosas empresas colonizadoras, havia grande oferta para trabalhadores braçais, o que retirava a disponibilidade de pessoal qualificado e de boa índole para os específicos serviços da ação indigenista estatal. É certo que as companhias de colonização pagavam muito melhor do que uma entidade cuja projeção era considerada inferior. Na epístola abaixo, E. Hoerhann fala a respeito disto para Luiz Bueno da Horta Barbosa que era inspetor-geral do Serviço:

As consideráveis empresas acima referidas naturalmente absorveram todo o pessoal operário disponível, e mesmo assim ainda procuram trabalhadores, disputando-os entre si, ofertando cada qual maiores salários. Desta circunstancia, a colossal falta de operários em todo o município, e da qual também o Posto, muito se resente.

Compreende-se que, já pela sua natureza, o Posto luta com grandes dificuldades para conseguir pessoal prestável. Raros são os que querem trabalhar longe de suas famílias e dos povoados, mormente no meio de índios, correndo constante perigo. Ora, o único meio de vencer esta natural relutância, seria empregar o mesmo *systema*, adoptado pelas taes Companhias colonizadoras, isto é, pagar aos operários um salário ainda superior ao que poderiam perceber em outros quaesquer trabalhos. Solução esta, que se torna impossível ao Serviço aqui, deante da insuficiência dos recursos, de que dispõe. Peço venia Snr. Director, para citar-vos o seguinte facto: Na mesma picada que vae ter ao nosso Posto, estão trabalhando três grandes turmas, no alargamento da mesma, para a construção de estradas de rodagem. Nestas turmas, qualquer operário, percebe Rs. 5\$500 e 6\$000, e, nos serviços de pedreira, Rs. 7\$000 e 8\$000, diários, que lhes são pagos semanalmente. Nada mais evidente, que, desprezando as condições acima, se apresente alguém, disposto a se internar mais quatro horas no sertão para, no Posto, ganhar Rs.: 2\$500 e 3\$000; para ainda esperar pelo seu dinheiro. Dadas estas circumstancias, não pôde o Posto, sob forma alguma, competir com as vantagens offerecidas pelas já citadas companhias, resultando forçosamente ter-mos que

aceitar, premidos pela absoluta necessidade, os notórios vadios que, expellidos de turma em turma, finalmente não tendo mais onde parar, se nos apresentam.

Dá-se pois, no Posto, exactamente o contrario do que devia acontecer: É o exemplo, o factor básico de toda nossa influencia sobre os índios, sendo portanto de incondicional importância, que as emergências, dar-lhes sempre os melhores exemplos. Alem de que, não se deve olvidar, que os exemplos dados aos índios agora, não são simplesmente um efeito transitório, mas calando em seus espíritos, poderosamente influirão em todo o seus futuro.¹⁰

Este relato de 1921 nos mostra detalhadamente a situação deste posto indígena catarinense para a contratação de pessoal qualificado aos serviços específicos que o mesmo exigia. Com uma superficial análise da documentação a ser trabalhada feita até o momento, pode-se perceber uma constante insolúvel ao caso descrito pelo menos até a década de 40. Em 1921 o posto indígena Plate passou a se chamar Posto Indígena Duque de Caxias (PIDC)¹¹.

A maior dificuldade do SPI foi pôr um fim nas invasões recíprocas, ao considerar que esta é uma realidade ainda não resolvida até hoje. O que existiu, pelo menos em Santa Catarina, foi a amenização de tais invasões de ambos os lados – indígenas e moradores regionais – desde o primeiro contato amistoso entre Xokleng e funcionários do SPI no ano de 1914. Em 1926 (ano que a área indígena foi demarcada) até 1954 (quando substituíram a liderança do SPI) houve um notável respeito por parte dos “civilizados” pelas áreas limítrofes de acordo com a literatura vigente. Após isso, foi aberto espaço para o ingresso de companhias exploratórias dos

¹⁰ HOERHANN, E. **Carta a Luiz Bueno da Horta Barbosa**. 1921.

¹¹ Primeiramente batizado de Posto Plate em 1912, pois estava à margem do rio de mesmo nome. No ano de 1921 foi rebatizado para Posto Indígena Duque de Caxias (PIDC), em homenagem a Luis Alves de Lima e Silva, o patrono do Exército brasileiro. O posto estava localizado na região onde atualmente é o município de José Boiteux, no Vale do Itajaí em Santa Catarina. A localidade é hoje conhecida como Terra Indígena Ibirama.

recursos naturais, identificadas principalmente nas quase intocadas terras da reserva. Uma vez acontecido isso, reiniciou o ciclo de invasões em busca de mais terras destinadas à prática da agricultura.

Mesmo em 1926, quando as terras indígenas foram demarcadas, ainda se encontra em correspondências o registro da presença dos Xokleng em outras localidades além do Posto:

Tenho esta afim de lhe participar visto o amigo ter me pedido a ultima veis que esteve aqui sobre qualquer assunto sobre os índios elles estiveram aqui estes dias atrais tirando pinhão e agora estão outra veis, pellos frutos não se fais conta mais estão derubando muito pinheiros que isto já prejudico porque aproveita só uma veis e a sim pesso ao bão amigo providenciar no mais estão tudo bãos tenho tratado todos muito bem. Seria um prazer o amigo dar uma chegada aqui; seu amigo criado, Francisco Vidal.¹²

Francisco Vidal provavelmente foi um funcionário do Posto Indígena Duque de Caxias e operava na localidade de Campo Grande (em pesquisa sobre este local, aparentemente seria uma fazenda perto de Rio Negrinho: Planalto Norte, a 89km de Joinville, 62km de Jaraguá do Sul e 250km de Florianópolis.). Assim como esta carta, ainda existem no acervo algumas centenas de outras escritas por diversos funcionários que serviram ao Posto no decorrer dos anos de sua existência.



Índigenas e funcionários do SPI preparam-se para receber a comitiva de Adolfo Konder em 1926. Note Eduardo e sua esposa Francisca na extrema esquerda da foto.
(Acervo Rafael Hoerhann)

Ainda sobre a criação do SPI-LTN, Rondon¹³ não participou da elaboração das diretrizes que definiram o diretório da instituição. Em princípio tornou-se diretor do serviço e depois orientador, sempre vigilante. Foi por causa de sua ação indigenista que o SPI pacificou muitos grupos indígenas, sempre com métodos persuasórios, com os quais a sociedade brasileira deparou-se em sua expansão. Dezenas de integrantes desse órgão, ideologicamente integrados, motivados pela sombra de Rondon, provaram, à custa de sua vida, que a máxima *morrer se preciso for, matar nunca não*

¹² VIDAL, F. Carta a Eduardo Hoerhann 16 de maio de 1926.

¹³ Candido Mariano da Silva Rondon (1865 – 1958) foi um militar e sertanista brasileiro. De origem indígena, foi o principal idealizador e diretor do SPI.

era apenas uma frase teórica.¹⁴ É o caso do chefe da unidade do Paraná, Fioravante Esperança, que morreu abraçado à haste da bandeira nacional quando foi flechado pelos Xokleng no ano de 1912.

Um dos métodos básicos e interessantes das diretrizes de Rondon é a visão evolucionista pela qual foi orientado. Tal visão proporcionou não apenas afinação da relevância funcional e da peculiaridade das instituições culturais, como a esperança de um desenvolvimento natural e gradativo ao indígena, na base de seus próprios traços culturais e na introdução gradativa de alguns traços dos “civilizados”. O melhor exemplo desse programa formulado por Luís Bueno da Horta Barbosa, anos mais tarde da criação do SPI, é destacado na citação de RIBEIRO:

O Serviço não procura nem espera transformar o índio, os seus hábitos, os seus costumes, a sua mentalidade, por uma série de discursos, ou de lições verbais, de prescrições, proibições e conselhos; conta apenas melhorá-lo, proporcionando-lhe os meios, o exemplo e os incentivos indiretos para isso: melhorar os seus meios de trabalho, pela introdução de ferramentas; as suas roupas, pelo fornecimento de tecidos e dos meios de usar da arte e de coser, a mão e a máquina; a preparação de seus alimentos, pela introdução do sal, da gordura, dos utensílios de ferro etc; as suas habitações; os objetos de uso doméstico; enfim, melhorar tudo quanto ele tem e que constitui o fundo mesmo de toda existência social. E de todo esse trabalho, resulta que o índio torna-se um melhor índio e não um mísero ente sem classificação social possível, por ter perdido a civilização a que pertencia sem ter conseguido entrar naquela para onde o queriam levar.¹⁵

O SPI realmente acreditava na “melhora” do indígena incorporando-o aos valores ocidentais da sociedade regional. A persuasão era um dos métodos salientados para o auxílio nesse fim, pois o indígena não deveria ser forçado, de maneira alguma, a mudar seus hábitos tradicionais. Ele precisaria compreender, espontaneamente, que seu ingresso na “civilização”

¹⁴ RIBEIRO. **Os Índios e a civilização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.p.160.

¹⁵ Idem. p.p.160-161.

seria o melhor caminho para a sua sobrevivência. Uma vez realizado tal feito, o indígena passaria a pertencer à sociedade dominante com condições igualitárias de ascensão. Essa seria a etapa final de sua evolução, segundo os moldes criados pelos positivistas.

Em 1932, foi descrito no Diário Oficial todas as funções que deveriam exercer as lideranças dos postos indígenas regionais. Aqui cito o texto parcialmente:

Art. 17 – Os Inspectores Regionais são responsáveis, directa e immediatamente, por todos os trabalhos atribuídos á competência das Inspectorias, nas respectivas zonas, quer esses trabalhos dependam somente de sua iniciativa e sejam executados pelo pessoal subordinado á sua direção, quer exija a colaboração de funcionarios de outros serviços do Ministerio do Trabalho, Industria e Comercio e dos demais Ministerios ou de empregados e repartições estadoaes e municipaes.

Art. 18 --- Compete ao Inspector Regional: --

a) – determinar, dirigir, fiscalizar os trabalhos de todos os funcionarios com exercicio na Inspectoria, não só no que respeite ás attribuições da mesma Inspectoria, como ás determinações directamente recebidas do Ministro, ou dos directores geraes, nos termos do art. 2º, attendendo, pessoalmente, sempre que for possível, ás inspecções e encargos mais importantes;¹⁶

As funções mais práticas do serviço estavam nas mãos dos inspetores regionais ou dos chefes de postos indígenas. O cargo era a maior responsabilidade dentre todos os outros do SPI, pois os chefes designados deveriam entrar em contato com indígenas, mantê-los em um território determinado e fazê-los assimilar os conceitos básicos do positivismo para um melhor ingresso na sociedade regional. Entendia-se, na época, que o indígena como habitante das fronteiras, um elemento precioso por seu moral, robustez física e de fácil adaptação ao clima, deveria ser educado e chamado à nossa nacionalidade antes que os países limítrofes o fizessem. Como se tratava de questões fronteiriças e de resguardo de nacionalidade,

¹⁶ **Diário Oficial**. 24 de dezembro de 1932.

o Ministério da Guerra foi considerado o órgão mais indicado para supervisionar e modernizar os métodos utilizados pelo SPI.

No mesmo ano de 1932, Hoerhann recebe do Inspetor José Maria de Paula uma correspondência pela qual foi informado da visita de um cientista estadunidense:

...transmito-lhe, em seguida, os trechos de uma carta particular, datada de 30 do corrente mês, do nosso prezado chefe e Amigo Dr. Bezerra Cavalcanti: “recomendado pelo Prof. Alberto Torres do Museu Nacional, procurou-me o Snr. Jules H. Blomensohn da Columbia University, mandado ao Brasil pelo Prof. Franz Boas para fazer um estudo especial dos índios Gês, língua, costume, etc. Trata-se de pessoa idônea e, quanto ao interesse do Serviço nada tem a oppor, uma vez que se obriga a respeitar as instruções que lhe forem dadas nos nossos estabelecimentos em que tiver de agir. Por isto apresentando-o ao diretor do Departamento informei que poderia ser consentida a visita de estudos e elle concordou em autoriza-la. Consoante o programma que formulou o Snr. Blomensohn precisará passar um certo tempo no Posto Duque de Caxias, talvez dous mezes ou mais, pois que os Botocudos do Plate, constituem o grupo que melhores informes poderá colher, atualmente, para o trabalho que se propõe. É essencial, que elle tenha toda a boa vontade do Eduardo a fim de que os índios o recebam bem e se crie entres elles o estado de confiança necessário para um trabalho de tal natureza. O Snr. Blomensohn fará a viagem á expensas próprias e custeará por sua conta as despesas de estadia, mas não deixara de Ser, até certo ponto, um hospede do Posto; pois convirá que nessa estadia lhe seja facilitada bem como a ida até lá...”¹⁷

Jules H. Blomensohn que assinava apenas **Jules Henry**, passou dois anos como hóspede do Posto Duque de Caxias, onde inicialmente intencionava permanecer por dois meses. Sob a orientação do renomado antropólogo Franz Boas, Henry resolveu estudar uma pequena comunidade indígena nos confins do Brasil. De seus estudos sobre os Xokleng resultaram, alguns anos mais tarde, na obra *Jungle People - Kaingang tribe of the highlands of Brazil*. Henry teve a oportunidade de registrar o

¹⁷ PAULA, J. M. Carta a E. Hoerhann, Curitiba 17 de nov. de 1932.

trabalho do SPI com os Xokleng aos princípios impostos à nova condição cultural proporcionada pelo contato com habitantes não indígenas. Este estudo mostra olhares antropológicos sobre a experiência de pacificação e o relacionamento entre a equipe do Serviço de Proteção aos Índios e os indígenas contatados. De acordo com Rodrigo Lavina,¹⁸ a obra *Jungle People*, de Henry, é a principal publicada sobre a sociedade Xokleng tradicional. Henry descreveu a sociedade Xokleng, desde a organização social e econômica até a cultura material do grupo, fixando-se também nas questões de parentesco, questões ritualísticas, psicológicas e linguísticas.

Quando retornou ao seu país, Jules Henry manteve correspondência durante alguns anos com Eduardo Hoerhann e sua esposa Francisca. Nela se encontram assuntos relacionados à publicação de sua obra e – aparentemente – o pouco impacto que teve no meio acadêmico. Apesar disto, a obra *Jungle People* é, atualmente, referência obrigatória a todos que estudam o povo Xokleng, seja de forma arqueológica, antropológica ou histórica. O próprio Silvio Coelho dos Santos a citou constantemente em suas obras. O jovem antropólogo também expôs a sua paixão duradoura por Francisca, registrada em algumas cartas pessoais, cujo teor não vem ao caso no momento e não são pertinentes a este artigo. Ao contrário, as cartas dirigidas a Hoerhann possuíam certa formalidade como podemos notar no trecho a seguir:

...A semana passada passei a exames por Doutor de Philosophia. O Professor Boas quer ter-me para assistente e vae propor-me a reunião da faculdade a sexta-feira que vem. Informar-lhe-ei ao senhor o resultado. O dia 24 e o dia da defesa de minha tese. Mas isso e uma forma só. Li com muita atenção a sua carta ao Interventor Federal. Como V. sabe, tudo que sei deste negocio do distrito novo sei so dos lábios de Você. O atitude dos allemaes para com o Governo Federal e Estadual so para ouvir dizer.

¹⁸ LAVINA, R. *Os Xokleng de Santa Catarina: Uma Etno-História e Sugestões para arqueólogos*. São Leopoldo-RS: UNISINOS, 1994. Dissertação de Mestrado. p.31.

Também, o homem que não fecha vi uma vez so; e dos negócios delle, os interesses delle nunca conhecia ate agora...¹⁹

No ano de 1936, Getúlio Vargas aprovou, em caráter provisório, o Decreto nº. 736 que visou novo regulamento às atividades do Serviço de Proteção aos Índios, inclusas ainda as intenções de nacionalizar os indígenas. Aqui o cito parcialmente devido a sua elevada extensão:

O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil, no uso da atribuição que lhe confere a Constituição, decreta:

Art. 1º - Fica aprovado, em caráter provisorio, o Regulamento do Serviço de Proteção aos Índios, anexo a este, assinado pelo General de Divisão João Gomes Ribeiro Filho, Ministro do Estado da Guerra.

Art. 2º - Revogam-se as disposições em contrario. Rio de Janeiro, 6 de Abril de 1936, 115º da Independencia e 48º da Republica. Getulio Vargas/ General João Gomes

Art. 1º - O Serviço de Proteção aos Indios, constituindo órgão da Inspeção Especial de Fronteiras, terá por fim:

a) – prestar aos indios do Brasil, proteção e assistencia, amparando ávida, a liberdade e a propriedade dos aborígenes: defendendo-os do extermínio, resguardando-os da opressão e da expoliação, bem como abrigando-os da miseria: quer vivam aldeado, reunidos em tribus ou promiscuamente com civilizados:

b) – pôr em execução medidas e ensinamentos para a nacionalização dos selvicolas, com o objetivo de sua incorporação á sociedade brasileira.

Art. 2º) – A proteção, assistencia, defesa ou amparo que trata o art. 1º, deverão ser dadas na própria terra habitada pelos selvicolas, salvo os casos de afastamento por motivo de enchentes, secas, epidemias ou outras calamidades e motivos justificaveis: e terá por fim:

a) – promover a efetivação dos direitos e garantias que as leis vigente conferem aos índios;

b) – garantir a efetividade da posse de terras habitadas pelos indios, e de seu desenvolvimento futuro;

c) pôr em pratica os meios mais prontos e eficazes para que os civilizados respeitem as terras dos indios e vice-versa;

d) fazer respeitara organização interna das tribus, seus hábitos e instituições, só servindo para altera-los quando indispensável, com brandura e persuasão;

e) fiscalizar o modo como são tratados os indios nos estabelecimentos publicos ou particulares, leigos ou religiosos; nos termos do art. 47, do decreto n. 5.484, de 28 de julho de 1928;

f) exercer vigilancia e impedir que os indios sejam coagidos a prestar serviços ou sejam explorados de qualquer maneira, velando pelos contratos que forem feitos com eles para qualquer genero de trabalho, bem como assistindo e zelando para que não sejam lesados em suas relações comerciais e economias com os civilizados, devendo ficar extatuido em taes contratos, sempre feitos por livre vontade dos indios, as seguintes obrigações essenciais por parte do contratante:

1º) – Estabelecer para os indios salarios suficientes ás suas necessidades, cujo pagamento deverá ser fiscalizado por funcionarios do Serviço de Proteção ao Indios;

2º) Facultar ao funcionario ou delegado do Serviço de Proteção aos Indios o exame da escrituração referente ao trabalho e transações dos indios, ficando claro que por motivo de dividas nenhum indio poderá ser retido ou preso, nem privado dos objetos de seu uso;

3º) não vender, dar ou proporcionar de qualquer modo, bebidas alcoolicas aos indios;²⁰

Embora houvesse um interesse em proporcionar o bem-estar do indígena com essa nova legislação, ele ainda era tratado como uma pessoa irresponsável pelos seus atos. Grande parte desse decreto já estava sendo respeitada antes da revolução promovida por Getúlio Vargas na década de 30 e sequenciada nos anos posteriores.

Em Santa Catarina, dez anos antes da formulação destas novas leis, o SPI que atuava no Posto Indígena Duque de Caxias havia conseguido demarcar uma área onde não havia interferência externa por parte dos regionais, o que evitou, em muito, o contato com o mundo “civilizado”:

Artigo Primeiro. Fica reservado para o usufructo dos indigenas aldeiados no valle do Rio Plate, Districto de Hammonia, Municipio de Blumenau, o territorio comprehendido dentro do perimetro abaixo escripto:

¹⁹ HENRY, Jules. Carta a E. Hoerhann, 11 de maio de 1934.

²⁰ **DECRETO N. 736 – DE 6 DE ABRIL DE 1936.** Rio de Janeiro, 115º da Independência e 48º da República.

Partindo do meio da medição das terras sob N° 1701, na linha colonial do rio Itajahy-Hercilio, collocado no travessão dos lotes do rio Dollmann: pelo mesmo travessão até o marco de canto entre os lotes 1713 e 1714; pelo travessão dos fundos da linha colonial acima referida até o ultimo marco de canto do lote 1725...

Artigo Segundo. O Governo do Estado entrará opportunamente em accordo com os proprietarios cujas terras, porventura, ficarem encravadas dentro do perimetro descripto no Artigo anterior.

Artigo Terceiro. Nenhuma medição poderá ser effectuada no valle do Alto-Itajahy-Hercilio, antes de ser concluida definitivamente a medição e demarcação das terras a que se refere o presente Decreto.²¹

O trabalho não era remunerado, o excedente de produção era comercializado para a aquisição de outros produtos para a utilização no Posto Indígena Duque de Caxias. Mas a partir desse novo decreto o trabalhador integrado era obrigado a receber salário e os chefes dos postos não mais poderiam impedir a sua saída da área delimitada.

A idéia do SPI em pacificar os indígenas para torná-los cidadãos da nação getulista era interessante – na teoria – de ser debatido entre os membros dos governos nacional e internacional. Porém o que não se tinha conhecimento na época era que a falta de verbas prometidas pelo Estado impossibilitaram, em muito, a realização de diversos termos teóricos que estavam prontos para serem colocados em atividade. Apesar dos esforços de Rondon para a recuperação do SPI no governo Vargas, a maioria dos líderes do órgão, incluindo também o próprio Rondon, estava desacreditada na possibilidade de integração do indígena.

Uma constante que se vê na maioria dos documentos analisados é a reclamação da falta de verbas ou as cobranças das dívidas contraídas pelo PIDC. Até o momento no qual se tem ciência dos documentos desde 1911 até a década de 40, é impossível averiguar um ano sem que haja algum problema como a falta de fundos, remédios, ferramentas, sementes,

²¹ **Actos do Poder Executivo.** Mês de abril. 1926.

enfim, materiais necessários para a manutenção do posto e de uma melhor condição de vida aos indígenas. A citação abaixo é um exemplo disto:

...Pelo menos posso transmitir ao bom Amigo, uma noticia boa, há tanto tempo esperada pelo Amigo e por mim, a chegada do dinheiro avisado milhares de vezes. Recebi por intermédio do Banco do Brasil, a importância de Rs. – 33:600\$000. ficando portanto a disposição Sua, Rs. – 10:000\$000, mais ou menos. Eu não remetto nenhum dinheiro, hoje, porque não conheço o portador, mas caso Você tem algum pagamento a fazer, eu daqui, mediante ordem, poderei efectuar os mesmos. Por exemplo o Amigo Berg, que deve uma conta de uns 300\$000, me disse que esperava receber dinheiro da Bugerkomission, para liquidar a sua divida para comigo.²²

Porém o SPI de Santa Catarina não era um caso isolado no quesito “falta de verbas”. Era uma questão democrática de âmbito nacional que assolava a maioria dos postos indígenas espalhados pelo país. Um exemplo disto é a missiva de Miguel Silva encarregado do Posto Indígena Felipe Camarão, direcionada a Hoerhann. Tal posto estava situado entre o Pará e o Maranhão, no extremo norte brasileiro. Silva faz um extenso relato da lamentável realidade de seu posto, assim como um desabafo ao colega de profissão sobre o descaso governamental ao SPI. Miguel Silva trabalhava em prol dos Tembê e Timbira desde 1911, e em 1927 iniciou os trabalhos de pacificação dos Urubu-Kaapor na localidade Canindé-assu, fronteira dos estados do Maranhão e Pará. Eis um trecho de seu relato:

...Como acima ficou dito, desde 1911, que venho lutando pelos nossos selvicolas, vinte e poucos anos de serviço não é tão pouco (uma existência) e, dos encarregados dos Postos deste Serviço, eu sou o menos contemplado, avalie pois, o caro coléga, que meu ordenado é igual aos dos capatazes, dos Postos de Maracassumé, Pedro Dantas e do Tocantins. Eu que tenho toda a responsabilidade sobre os hombros, que muito tenho me esforçado e lutado para o bem estar de nossos selvicolas, ganho somente 400\$000 mensaes igual a um capataz de dez anos de serviço, sem nenhum serviço prestado a nossa causa, ganham

²² SCHMITZ, Fritz. Carta a E. Hoerhann, 17 de set. de 1936.

500\$000 mensaes. Todos os empregados do “Felipe Camarão” tem seus ordenados muito menor do que os outros Postos. É como vulgarmente se diz; uns são filhos, outros, entiadados. Poderá o meu amigo e coléga dizer-me que mistério é este?²³

Além da insistência do SPI em transformar o indígena em trabalhador integrado à comunidade local no decorrer de décadas, a instituição ainda o considerava como indivíduo em transição cultural. Não era cidadão brasileiro, mas estava sendo adaptado para assim se tornar, uma vez que o SPI concluisse suas ambições. Como é sabido, este novo trabalhador deveria miscigenar sua descendência a fim de que seus traços culturais desaparecessem nas novas gerações. Apesar de ter sido inevitável em muitos casos, não era interessante ao SPI manter casamentos entre integrantes dos mesmos grupos indígenas, para evitar que o indivíduo integrado e seus filhos retornassem à cultura tradicional. Essa seria a doutrina matriz da instituição, porém cada chefe de posto espalhado pelo país, possuía sua própria visão evolucionista.

É certo que na entrada da década de 40 o SPI, com trinta anos de história, havia percebido o seu grande equívoco de tentar modificar um grupo humano: erradicar sua cultura milenar em troca de uma outra mais “apropriada”. Porém àqueles grupos contatados e em processo de aculturação, como foi o caso de Santa Catarina a partir de 1914, não havia a possibilidade em fazê-los retornarem às matas e como também abandonar o projeto do SPI. Os núcleos coloniais haviam tomado praticamente 90% das terras consideradas devolutas²⁴, logo nada poderia reverter este quadro. O SPI então precisou manter-se em suas atividades pelo menos com os grupos adaptados pelo contato.

²³ SILVA, Miguel. Carta a E. Hoerhann, 30 de jan. de 1934.

²⁴ Lei de Terras de 1850 considera devolutas as terras: *que não se acharem no domínio de particular por qualquer título legítimo, nem forem havidas por sesmarias e outras concessões do Governo geral ou Provincial;*

A missiva abaixo citada de E. Hoerhann a uma senhora identificada apenas como Dona Lydronêta – não se sabe se trata de um nome ou um apelido íntimo – mostra um pouco este desânimo da específica liderança do posto catarinense na “comemoração” dos 26 anos em que os indígenas se encontravam pacificados:

Não sei a que ponto nos levará este inefável SPI. Por cá (Porca miséria como dizem os italianos), em 1940, ainda não tivemos a súbita honra venturosa de admirar a imponente efigie do egrégio Senhor Presidente Getúlio Vargas, em um níquelzinho de 100 réis! Calcule a nossa situação: sem receber um tostão até a presente data e devendo o “couro e o cabelo”!!! SPI, deve ser: “Serviço de Prontidão” Incurável... Enquanto isso, o Presidente da República, foi ao sertão e esteve em contato com os Chavantes, boquiabrindo-os: desmesuradamente....²⁵

Esta carta é uma ironia à política indigenista de Vargas, quando iniciou o seu projeto Marcha para o Oeste em 1938, que visava desenvolver e povoar o interior do Brasil. No ano de 1940, Vargas visitou a comunidade dos Karajá e ficou conhecido na história como o primeiro presidente a realizar tal feito. Na visita, os Karajá praticaram um ritual singular de sua cultura e logo após cantaram o Hino Nacional diante da bandeira brasileira. Como bom populista e no proveito do calor humano da ocasião, o presidente brasileiro segurou uma criança indígena no colo. Não contente ainda com a impressão que causou, Getúlio esboçou o interesse em “civilizar” uma aldeia Xavante ainda não contatada. Os Xavante eram considerados extremamente ferozes, mas o governo estava disposto a extirpar as raízes do nomadismo, bem como converter os indígenas e caboclos sertanejos em cidadãos produtivos. A tentativa de pacificação não teve o êxito almejado nessa sociedade indígena.²⁶ Infelizmente o documento supracitado termina

²⁵ HOERHANN E. Carta a Lydronêta de 22 de set. de 1940.

²⁶ GAGLIARDI, José Mauro. **O Indígena e a República**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1989.

com a última frase em aberto e tem aspecto de rascunho. Sabe-se que E. Hoerhann guardava as cópias de suas cartas enviadas, conforme foi constatado durante a elaboração da dissertação de mestrado (2005)²⁷ do autor deste artigo.



Eduardo Hoerhann: foto provavelmente dos anos 30.
(Acervo Rafael Hoerhann)

No ano de 1937, o Posto Indígena Duque de Caxias recebeu a visita de um maestro polonês que pretendia lecionar para os Xokleng. Mięszlaw Brzezinski foi recebido pelo encarregado do posto, que apoiou a iniciativa. Brzezinski tinha formação clássica nas artes do balé, folclore, teatro, música, línguas e era também etnólogo, o que lhe despertou o interesse em conhecer estes indígenas brasileiros. Migrou da Europa devido

à iminência da Segunda Grande Guerra e buscou continuar sua vida na América do Sul. Já havia trabalhado com os Chaco paraguaios no momento anterior da sua estada no PIDC. Depois de muito ter se esforçado para a construção de uma escola apropriada aos indígenas e filhos de moradores locais, em 1941 o maestro soube que não lhe seria permitido lecionar na escola, devido à política nacionalista de Vargas, na qual estrangeiros não poderiam ser professores. Com o passar dos anos, Brzezinski entrou em profunda depressão, pois já havia perdido contato com seus parentes na Polônia, não tinha sido correspondido por uma jovem indígena e é claro, a recusa em poder ensinar na escola pela qual tanto havia batalhado em construir. Foi encontrado morto por enforcamento dentro de uma sala de aula em 1944. Esta história eu pretendo melhor expor durante a escrita de minha tese, caso encontre documentos intactos que citem a presença e atuação do maestro no PIDC.

Em princípio, isso é tudo o que se sabe sobre a estada do maestro no PIDC. A respeito de sua figura e da escola que realmente foi colocada em ação, há poucas informações. O próprio Silvio Coelho dos Santos, em suas clássicas obras acerca da temática indígena, comentou pouco sobre a questão devido à dificuldade em coletar dados como legislação da escola e maiores detalhes de seu funcionamento. Não há certeza ainda, mas ao que parece, a escola que atualmente existe dentro da Terra Indígena (TI) no município de José Boiteux foi continuidade da Escola Getúlio Vargas, fundada em 1941, por iniciativa do próprio maestro. Felizmente, dentro do acervo de Eduardo Hoerhann sobram algumas páginas que podem fornecer maiores detalhes sobre a legislação da escola e seus alunos, mas não da presença do professor polonês. Abaixo cito algumas diretrizes:

A escola começará a funcionar às 9 horas e se prolongará até as 17. Ao meio dia será fornecida uma refeição (almoço) aos alunos, com um intervalo de duas horas.

²⁷ Ver: www.tede.ufsc.br/teses/PHST0236.pdf

Isto é conveniente para atrair os meninos indígenas e facilitar-lhe a freqüência, pois em geral moram distante da casa escolar. A escola deve ser organizada tipo de uma escola-granja, onde se ministrará as crianças, além do ensino de leitura, escrita e contas, rudimentos de agricultura e pecuária.

Para estimular as crianças, será fundada uma sociedade agrícola-escolar da qual podem fazer parte todos os alunos de ambos os sexos, e até pessoas entranhas, residentes nas vizinhanças do Posto, como os pais dos alunos não índios e outros.

A sociedade será dirigida por uma diretoria, eleita anualmente entre os alunos, composta de membros que forem necessários inclusive o orador.

O encarregado do Posto será o presidente-tesoureiro perpetuo, e o professor e secretario geral permanente.

Isso porem não impedira que os alunos elejam um presidente, um secretario e um tesoureiro.

Os associados não terão que pagar jóias nem mensalidades, mas devem prestar serviços a granja escolar, cultivando a terra, cuidando dos animais etc.

Os sócios extranhos á escola, que não quizerem e não poderem prestar serviços, poderão fazer donativos.

Anexo á escola serão construídas as invernada e lavouras, com os requisitos indispensáveis para nelas serem praticadas a criação de gados e todas as culturas possíveis.

Aí, sob a direção de um professor diligente, os alunos aprenderão á trabalhar de verdade, podendo receber ao mesmo tempo ensinamentos práticos de historia natural, geografia, física, química, etc...²⁸

Apesar da década de 40 ser considerada desanimadora para muitos líderes do SPI, a escola ainda foi uma ferramenta para dar continuidade ao processo de integração dos jovens indígenas à sociedade regional. Nesta época, pouco se podia fazer mais àquela geração de Xokleng contatada em 1914 e que ainda resistia em manter firmemente a sua cultura tradicional. Muitos indivíduos adultos e velhos insistiam em manter alguns traços étnicos como o uso do botoque (enfeite usado abaixo do lábio inferior semelhante a um *piercing* dos dias atuais, porém em dimensões maiores), pouca vestimenta e a recusa em trabalhar de forma regradada. Àqueles

²⁸ ALMEIDA, Paulino (inspetor do SPI na região Sul). Plano para organização e funcionamento das escolas indígenas. 1º de jan. de 1941.

indígenas que nasceram no Posto já na condição de uma comunidade agropastoril, seria mais simples mantê-los longe da cultura nômade, caçador-coletora da qual descendiam. A iniciativa da criação desta escola teve apoio e incentivo do Departamento Estadual de Educação quando direcionou uma fala aos funcionários e professores de escolas isoladas. Resta-nos saber, com o andamento da pesquisa, se tal instituição conseguiu se manter adequadamente durante os anos seguintes, pois nada sobrevive somente de elogios:

No limiar do ano de 1941 a Superintendência Geral do Ensino vem trazer aos que trabalham pela Educação na terra catarinense os seus melhores votos por que o anos letivo a iniciar-se seja todo êle pleno de realizações, no preparo da Infância sob os nossos cuidados, cinzelando-a animados pelo nosso ideal, de forma a torna-la útil ano nosso estremecido Brasil, nossa grande e idolatrada Pátria.

Com essas esperanças, e porque vê no coração dos mestres de Santa Catarina inscrita a frase síntese do nosso mister: - "MISSÃO E NÃO PROFISSÃO", transcreve a Superintendência palavras Exmo. Sr. Dr. Nerêu Ramos, digníssimo Interventor Federal, extraídas do formoso discurso proferido por S. Excia., no Colégio "Coração de Jesus", como paraninfo da turma de normalistas de 1940, e que merecem lidas e meditadas continuamente, pois são elas, pela justeza dos conceitos, o melhor breviário do mestre catarinense:

É pela educação, processada na harmonia dos seus aspectos intelectual, moral e físico, que incorporaremos na marcha ascensional do Brasil, gerações capazes, altivas, fortes e felizes.

É objetivo primordial da escola-instituição social "preparar para a vida e pela vida".

Relevam desse conceito, que deve ser mandamento e dogma dos mestres, as dificuldades e a importância do seu papel no envolver da nacionalidade...²⁹

Um documento interessante que não está datado, provavelmente é de 1941, pelo teor da ordem aos professores iniciados à educação indígena. É uma lista com a grafia considerada correta por E. Hoerhann dos nomes

²⁹ BARBOSA, Elpídio (Superintendente Geral Interino de Ensino), 6 de jan. de 1941.

das crianças Xokleng. Como a lista é extensa, e complicada a cópia nomes próprios estranhos a língua portuguesa, exponho apenas a curiosa ordem do encarregado:

Organizar a lista de nomes, por ordem RIGORÓSAMENTE alfabética, até a 3ª letra. Não alterar a grafia - - escrever e FAZER os alunos escrever SEMPRE do mesmo modo, empregando as mesmas letras! Jamais preferir um nome como “João” ou “Maria”, a um nome legítimo de índio, como por ex.: “Culá” ou Ngré-vü”. Na aula, chama-los sempre, pelo nome verdadeiro, que é o que consta nesta relação. Faze-los ter orgulho dos seus próprios nomes, que são incontestavelmente MUITO mais expressivos que os nossos, de ‘Manéca’, “Zéca”, etc.³⁰

Através do conhecimento do autor deste artigo sobre a condição do SPI no Alto Vale registrada em documentos, é possível perceber certa ambiguidade na política indigenista: se por um lado as crianças precisavam aprender a ter orgulho de seus nomes indígenas, por outro elas não deveriam, de maneira alguma, voltar à sua cultura medular. Deve ter sido muito complicado trabalhar com esta realidade, pois se sabe, através de algumas obras e pesquisas, que o alto escalão do SPI, aquele que realmente acreditava em sua colérica ideologia, havia percebido o grande equívoco de retirar essa gente das matas (em nível nacional) e tentar “civilizá-las”. Isso de fato refletiu muito nos discursos da liderança do PIDC, cujos líderes poderiam indagar: *Nós mantemos os nomes indígenas nas novas gerações do posto e as faremos sentir orgulho disto, porém ensinaremos o quê aos alunos em nossas escolas?* Eis a resposta:

As aulas da Escola “Getulio Vargas” estão divididas em três classes, a saber:
CLASSE “A”: - composta dos alunos mais adiantados, que já sabem lêr e escrever;

CLASSE “B”: - composta dos alunos alfabetizados, que conhecem as primeiras letras e rudimentos de outras matérias;
CLASSE “C”: - composta dos alunos menores ainda analfabéticos. Para a Classe “A”, foi organizado e está sendo cumprido o seguinte programa de ensino: Português, Correção de pronúncia e de linguagem, Aritmética, Geografia, História Pátria, Lições de Civismo, Civilidade e Canto. Para a Classe “B”: Português, Correção de pronúncia e de linguagem, Aritmética, Geografia, História Pátria, Lições de Civismo, Civilidade e Canto. Para Classe “C”: Alfabeto, Linguagem, Designação numérica, Civilidade e Canto.

O aproveitamento de todos os alunos em geral foi verdadeiramente ótimo; assim, também, sua frequência, aplicação e comportamento, o que, alias, se verifica, claramente, das folhas de chamada a este anexas. - - Eis, Senhor Ajudante, o que me cumpre, de momento, relatar acerca deste trabalho mas interessante e produtivo primeiro mês na Escola Indígena “Getulio Vargas”³¹.

Percebe-se com esta citação que não havia espaço para uma educação indígena, que respeitasse a língua, os costumes e outros traços ancestrais. Além dessas disciplinas, aulas de trabalhos agrícolas e iniciação à pecuária. Nada de caça, pesca e coleta nas matas ocupadas pelas companhias colonizadoras. Porém o que precisam ser averiguadas são as ordens da chefia nacional do SPI repassadas a todos os postos espalhados pelo Brasil. Tais quais para descobrir se os encarregados respeitavam ao pé da letra as ordens recebidas ou se adaptavam à realidade vivenciada de cada posto. Evidente que não há senso nem tempo para verificar esta lacuna em todos os postos que existiram, mas se faz necessário descobrir ao menos como isto era trabalhado no PIDC. Assim espera-se.

No relatório de 1943, elaborado pelo encarregado do PIDC, aparece a reclamação inconformada do mesmo ao descrever que os Xokleng mais velhos não estavam dispostos a aceitar o incremento da soja em sua dieta. A soja era considerada um alimento de fácil adaptação ao solo, o

³⁰ HOERHANN, E. **Grafia crta dos nomes dos alnos**. Sem data.

³¹ HOERHANN, E. Relatório escolar referente ao mês de setembro de 1941.

que facilitava o cultivo, ao oposto de outras culturas que fracassaram as tentativas de produção, como por exemplo, o arroz. Além de possuir alto teor nutritivo e relativamente barata a sua produção. A questão é que os indígenas, pela primeira vez haviam visto e auxiliado no cultivo deste alimento, observavam com maus olhos a comida nova, de cor e aspecto pitorescos. Conforme o ditado *nem tudo está tão ruim que não possa piorar*, o encarregado resolveu adicioná-la também na alimentação dos funcionários do posto, que resistentes, evitavam comer os pequenos e desconhecidos discos ora amarelos, ora pretos. Observadores como sempre foram, os indígenas seguiram o mesmo caminho de recusa ao colocar uma porção de soja na boca e cuspi-la logo em seguida, fato que foi irritante ao extremo para o encarregado Eduardo Hoerhann. Para os alunos da escola, o novo grão, de acordo com este relatório, estava sendo bem aceito nas refeições colegiais:

Desde o início do ano letivo de 1943, passou a soja a figurar no cardápio e, -- o que é mais importante -- na mesa dos alunos da Escola Getúlio Vargas. A princípio receberam eles dois dias de feijoada e um dia soja. Depois, em dias alternados soja e feijoada. A seguir, um dia soja amarela, outro feijoada, no terceiro dia: soja preta. Após dois meses deste regime, passou-se a servir só uma vez por semana a feijoada. Ultimamente, só soja. Soja amarela e soja preta, pra variar -- de gosto e de aspecto. A idéia parece ter sido boa. Vejamos: Máu grado a forte e assídua campanha difamatória feita pelos páis, C O N T R A, temos hoje a grande satisfação de constatar não só que os alunos apreciam muito a soja como alimento, como já descobriram seu alto valor nutritivo. Perguntados “porque” gostavam de comer a preciosíssima leguminosa os alunos responderam: -- “porque” é gostoso. E, quando nós comemos soja (em geral eles pronunciam “chôsa” ou “chôja”), podemos passar tempo, mas muito té-e-e-mpo, sem comer de novo. Não sentimos fome logo, como quando comemos feijão.”
C’est la chose...³²

³² HOERHANN, E. Relatório do Serviço de Proteção aos Índios, 1943.

Este relato, finalizado metaforicamente em língua francesa, mostra aquilo que foi comentado anteriormente: era mais acessível adaptar as novas gerações à ideologia de integração do SPI do que aquelas que tiveram a experiência dos anos iniciais após o primeiro contato pacífico (22 de setembro de 1914). Novos documentos serão analisados na continuidade desta pesquisa e espero com isso compreender melhor a dinâmica da pacificação, promovida pelo governo federal sob a sombra do positivismo humanista e do paternalismo estatal.

BIBLIOGRAFIA

GAGLIARDI, José Mauro. **O Indígena e a República**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1989

LAVINA, R. **Os Xokleng de Santa Catarina: Uma Etno-História e Sugestões para arqueólogos**. São Leopoldo-RS: UNISINOS, 1994. Dissertação de Mestrado.

RIBEIRO. **Os Índios e a civilização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Índios e brancos no sul do Brasil. A dramática experiência dos Xokleng**. Edeme, 1973.

**CAPITALISMO E TERRITÓRIO, UM OLHAR DE
APROXIMAÇÃO ENTRE O TEÓRICO E O EMPÍRICO:
OBSERVAÇÕES E VERIFICAÇÕES *IN LOCO* NO VALE DO
ITAJAÍ-MIRIM, SC**

Urda Alice Klueger*
Nilson Cesar Fraga**

CAPITALISMO E TERRITÓRIO,
UM OLHAR DE APROXIMAÇÃO
ENTRE O TEÓRICO E O EMPÍRICO



INTRODUÇÃO

Este trabalho tem maior importância como análise teórico-conceitual do entrelaçamento dos temas capitalismo e território. É uma tentativa de aproximação e conexão dos dois conceitos, fundamentais para a Geografia no século passado e neste. Cabe ressaltar que a amplitude científica que envolve as questões do capitalismo e do território fará com que eles não sejam esgotados conceitualmente neste texto.

Mas busca-se fazer uma ligação entre a teoria que envolve os dois conceitos com um primeiro trabalho de campo investigativo realizado em janeiro de 2010, entre esta doutoranda e seu orientador pelo Vale do Itajaí e pela cidade, objeto de análise da tese de doutoramento, o município de Atalanta, localizado neste mesmo vale de Santa Catarina.

Pretende-se aqui, fazer uma leitura das observações de campo e uma primeira análise descritiva, com fundamentação histórica daquilo que foi apreendido ao percorrer a região em que se encontra Atalanta, mas, principalmente no trecho entre Atalanta, Ituporanga e Brusque.

* Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal do Paraná – PPGeo-UFPR. Historiadora e Escritora.

** Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento. Professor do Programa de Pós-graduação em Geografia da UFPR. Geógrafo.

Há que se destacar, que este estudo nasce principalmente de memórias e observações – aquelas de longo tempo, numa perspectiva de Fernand Braudel, fruto de estudos e observações de muitos anos vividos no referido Vale. Porém, é preciso esclarecer que o foco analítico das observações não é o Vale do Itajaí como um todo, mas um trecho do trabalho de campo, onde a questão capitalismo e território ficaram mais evidentes, nesta tentativa de unir o teórico com o empírico.

Desta forma, a região de Botuverá e Vidal Ramos (entre Ituporanga e Brusque) foi escolhida, onde extensa terra que um dia esteve coberta por vegetação nativa foi apropriada por grande empresa capitalista, que sem evidente preocupação com o meio ambiente e a história da colonização regional, além de cobri-la de espécies vegetais alienígenas¹, está e estará, pelos próximos cem anos, explorando seu subsolo e solo de maneira que pareceu devastadora, como ver-se-á no decorrer deste trabalho.

1 RELEMBRANDO, PERCEPÇÕES DA AUTORA

Cerca de três décadas atrás, quando era assídua frequentadora da cidade de Brusque, situada no Vale do Itajaí, precisamente no Mirim, recorde de ter ouvido falar, mais de uma vez, que regiões próximas aquele município vinham tendo seu subsolo requerido junto ao departamento competente da União Federal por grande empresa brasileira produtora de cimento, de nome Votorantim². Na altura, eu era jovem e ingênua demais para poder avaliar tal informação, mas ela permaneceu no meu subconsciente. Era-me claro que tal região onde se requeriam os subsolos era formada pelos municípios de Botuverá e de Vidal Ramos.

¹ Entendem-se por espécies vegetais alienígenas, principalmente, o *pinus* e o *eucaliptos*.

² Votorantim: empresa pertencente ao empresário Antônio Ermírio de Moraes, que detém o monopólio da produção de cimento no Brasil.

Por décadas tal informação permaneceu obscuramente guardada no meu cérebro, e somente em janeiro do ano de 2010 a mesma voltou a aflorar, quando em companhia do meu orientador de doutorado, Nilson Cesar Fraga, numa viagem de reconhecimento de área de pesquisa, acabamos estando pessoalmente nas tais áreas “requeridas”.

Juntamente com meu orientador, saímos da cidade de Blumenau, em uma manhã do verão de 2010, subindo o Vale do Itajaí, via Indaial, Timbó, Rodeio, Ascurra, Apiúna, Ibirama, Lontras, Rio do Sul, Trombudo Central, Agrolândia, até a cidade de Atalanta, para observar conjuntamente *in loco* essa cidade que possui enormes extensões de plantações de pinus e eucaliptos, como acontece em grande parte da região atravessada, mas onde há uma particularidade: a pequena cidade de Atalanta (3.682 habitantes no ano 2000³) se intitula “Capital Catarinense da Ecologia”⁴, devido possuir uma pequena reserva ambiental, já de mata nativa secundária, que mede apenas 54 hectares. Depois de visitarmos e fotografarmos parte da cidade, a pequena reserva ecológica e o viveiro de mudas de uma ONG⁵ que tenta

³ Censo feito pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)

⁴ O atual município de Atalanta/SC, situado no Alto Vale do Itajaí, a uma altitude um pouco superior a 500 metros, originalmente pertencia ao domínio do ecossistema da Floresta Atlântica, já em área de transição para o de Floresta de Araucárias. De difícil acesso pelos colonizadores europeus que chegaram ao Vale do Itajaí por volta de 1850, só por volta de 1930 passou a ser colonizado através de loteamento e venda de terras. O local era dominado pela mata virgem e procuravam-se terras férteis para o cultivo. A forma de obtê-las era a que tradicionalmente se usou no Brasil: a derrubada de árvores nativas e a produção de coivaras, o que, em poucas décadas vai destruir a maior parte da cobertura nativa da região, inclusive as matas ciliares. (Página da Prefeitura Municipal de Atalanta, consultada em 11.09.2009 – WWW.atalanta.sc.gov.br)

⁵ Descobrimos a existência de uma ONG chamada APREMAVI (Associação de Preservação do Meio Ambiente e da Vida), fundada na cidade de Ibirama/SC, no ano de 1987, e que tem como missão “a defesa e recuperação do meio ambiente e dos valores culturais, buscando a qualidade de vida na Mata Atlântica e em outros biomas”. A APREMAVI, depois de anos de trabalho, possui hoje cerca de 300 sócios em diversos municípios e possui em Atalanta um viveiro de mudas. (Dados retirados da página da APREMAVI, consultada em 12 de setembro de 2009 - WWW.atalanta.org.br)

reimplantar espécies nativas naquela cidade e em outras da região, dentre outras tentativas voltadas à preservação do meio ambiente; atravessamos o divisor de águas, que se localiza num conjunto de serras, atingindo a cidade de Ituporanga, e em seguida, a de Imbuia.

Naquele ponto, resolvemos tomar o rumo da cidade de Vidal Ramos, que não conhecíamos, e logo estávamos subindo uma serra da qual sequer ouvimos falar, até então, escarpada região com altitudes de até 1.300 metros, grandes precipícios fruto do escarpamento e cerca de 40 quilômetros de extensão em estreita estrada sem calçamento (uma estrada pioneira, referenciada como rodovia estadual).

A pequena cidade de Vidal Ramos (6.000 habitantes⁶) não demorou a chegar, situada em profundo e verde vale. Fotografamo-la do alto e seguimos adiante. Suponho que como no meu e no imaginário do meu orientador também havia como que uma expectativa de que a região seguinte seria como que uma continuação da verdura um tanto quanto idílica daquele vale onde se situava a cidade de Vidal Ramos, mas logo nos embrenharíamos por paisagens de um território sendo esvaziado pela aquisição das terras pela grande empresa capitalista, a Votorantin. O êxodo rural é evidente, pois naqueles 40 km percorridos, se observaram numerosas propriedades abandonadas pelos seus donos e um vazio populacional muito grande, fazendo do lugar, um espaço geográfico qualquer e não um território, como o entendemos. Tal será visto no decorrer deste trabalho, numa leitura conjunta com meu orientador.

2 O CAPITALISMO E O TERRITÓRIO CONCEITUADOS

Torna-se importante nesta altura, colocar aqui algumas definições: a de território e a de capitalismo, para poder, mais adiante,

⁶ Informação do www.sc.gov.br/portalturismo/, consultado em 10.04.2010.

refletir com algum embasamento teórico sobre as observações empíricas. Horizontes inesperados iriam desfilar diante dos olhos dos dois estudiosos em campo, e eram tão cruas as visões que se julgava ter do poder do capitalismo sobre o território que há se ter um apoio teórico mais profundo para entender a realidade daquela região percorrida.

2.1 O TERRITÓRIO NO CONTEXTO

O trabalho de campo mostrou um conjunto de sistemas naturais e culturais sobreposto, ou historicamente em interconexões, fruto do tempo histórico construído pelos imigrantes que ocuparam aquela região catarinense, nesta perspectiva Milton Santos (1997, p. 2) contribui para se entender o que se observou *in loco*:

“O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o ‘território usado’, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. O território em si não é uma categoria de análise em disciplinas históricas, como a Geografia. É o território usado que é uma categoria de análise. Aliás, a própria idéia de nação, e depois a idéia de Estado Nacional, decorrem dessa relação tornada profunda, porque um faz o outro, à maneira daquela célebre frase de Wiston Churchill: ‘Primeiro fazemos nossas casas, depois nossas casas nos fazem’. Assim é o território que ajuda a fabricar a nação, para que a nação depois o afeiçoe.”⁷

Avançando o debate sobre a questão do território na perspectiva geográfica, a análise de Claude Reffestin (1980, citado por Fraga) aponta que, “o território e o espaço não são termos equivalentes. O espaço é

⁷ SANTOS, Milton. Universidade de São Paulo. Texto “O dinheiro e o território”, 1999.

anterior ao território. O território se forma com o espaço e é resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático. Ao se apropriar de um espaço, o ator territorializa esse espaço⁸” Desta forma, acredita-se que os habitantes que chegaram entre o final do século XIX e início do século XX, enquanto atores, territorializaram aquele espaço, tornando-o território, onde por exemplo, se localiza a comunidade quase extinta, de Cinema, entre Botuverá e Vidal Ramos.

Avançando na busca do entendimento da questão do território, Rogério Haesbaert (2004, p.) atesta que,

“Apesar de ser um conceito geral para a Geografia, território e territorialidade, por dizerem respeito à espacialidade humana, tem uma certa tradição também em outras áreas, cada uma com um enfoque centrado em uma determinada perspectiva. Enquanto o geógrafo tende a enfatizar a materialidade do território, em suas múltiplas dimensões (que deveria incluir a interação sociedade-natureza), a Ciência Política enfatiza sua construção a partir das relações de poder (...), a Economia, que prefere a noção de espaço à de território, percebe-o, muitas vezes como um fator locacional ou como uma das bases de produção; a Antropologia destaca sua dimensão simbólica, principalmente no estudo das sociedades ditas tradicionais; a Sociologia o enfoca a partir da intervenção nas relações sociais, em sentido amplo; e a Psicologia, finalmente, incorpora-o no debate sobre a construção da subjetividade ou da identidade pessoal, ampliando-o até a escala do indivíduo.”⁹

Conforme Fraga (2007, p. 37), corroborando com Rogério Haesbaert (2004), o “território é parte de uma extensão física dos espaços, mobilizada como elemento decisivo no estabelecimento de um poder e controle.”¹⁰ Nessa perspectiva, não se duvida que o poder do capital da Votorantin é responsável pela desterritorialização observada naquela região.

⁸ REFFESTIN, Claude (1980). In: FRAGA, Nilson Cesar. Território, Região, Poder e Rede: olhares e possibilidades conceituais de aproximação. Curitiba, Relações Internacionais no Mundo Atual, 2007, a VII, n. 7, p.9-32.

⁹ HAESBAERT, Rogério, 2004, p. 37. In: FRAGA, Nilson Cesar, ibidem.

¹⁰ FRAGA, Nilson Cesar. Ibidem.

Da mesma forma se percebeu que o controle é extensivo a uma área de aproximadamente 40 km, no trecho entre as duas cidades já mencionadas. As placas de propriedade particular, “não entre”, é a prova disso e de que aquelas terras possuem novo dono. Estaria esse novo dono, representado no capital da grande companhia, gerando nova territorialidade? Buscar-se-á demonstrar isso mais adiante.

Para Santos (2007, p.13) “o território é o lugar onde desembocam todas as ações, as paixões, os poderes, as forças, as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência”. É a partir das forças das relações dos seres humanos com o espaço que surgem os territórios, por eles constituídos, fruto da busca dos homens e das mulheres pela segurança, pela garantia de satisfação de suas necessidades. O ser humano constrói o território com o amor pelo solo que se torna sagrado para si, fato que o faz permanecer em determinados lugares. A desterritorialização seria a antítese disto.

As diferenciações teórico-conceituais abordadas nas ciências humanas sobre o território são diferenciadas e, até mesmo, ampliadas na Geografia. Na Geografia, essa amplitude é acentuada, distingue espaço enquanto categoria do território como conceito, com o auxílio da Filosofia, em dimensões que partem do físico ao mental, do social ao psicológico e de escalas que vão de um galho de árvore “desterritorializado” até as “reterritorializações absolutas do pensamento” (HAESBAERT, 2006, p. 38)

As reflexões de Haesbaert (2006, p. 40) sobre o conceito de território iniciam-se pela discussão de sua vinculação naturalista. “O território com base nas relações entre sociedade e a natureza, especialmente no que se refere ao comportamento ‘natural’ dos homens em relação ao ambiente”. Isso parece ajudar no entendimento do que se observou no trabalho de campo.

O olhar filosófico do pesquisador deve ser claro na leitura de Rogério Haesbaert. Assim, um marxista, dentro do materialismo histórico

e dialético, poderá defender uma noção de território em sua concepção. No materialismo-idealismo é que o território apresenta uma perspectiva materialista, não obrigatoriamente “determinada” pelas relações econômicas ou de produção numa leitura marxista (Haesbaert, 2006, p. 42).

Para fechar esta questão, sobre território, continua-se conceitualmente, seguindo a contribuição conceitual de Rogério Haesbaert.

Segundo ele,

“o que tantos autores denominam « desterritorialização», em visões muitas vezes dicotômicas, na verdade se refere à criação de novos tipos de território, nos quais o elemento rede adquire um peso fundamental e, de forma mais complexa, a intensificação do fenômeno da multiterritorialidade. Por outro lado, também não devemos esquecer que, contraditoriamente, se intensificam os processos de precarização e/ou de “contenção” territorial - os “novos muros”, em novas-velhas estratégias de controle territorial.” (Haesbaert, 2004, p. 249).

Haesbaert coloca ainda que “não há território sem um vetor de saída do território, e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte. Isto implica identificar e colocar em primeiro plano os sujeitos da des-re-territorialização, ou seja, quem des-territorializa quem e com que objetivos. Permite também perceber o sentido relacional desses processos, mergulhados em teias múltiplas onde se conjugam permanentemente distintos pontos de vista e ações que promovem aquilo que podemos chamar de territorializações desterritorializadoras e desterritorializações reterritorializantes.” (Haesbaert, 2004, p. 252).

Num mundo de maior mobilidade territorializar-se implica cada vez mais, “gerenciar” a disposição e a circulação dos corpos no espaço – e não de corpos individualizados, como na sociedade disciplinar, mas da “massa” potencialmente incontrolável que eles compõem (Haesbaert, 2004, p. 278).

É verdade que o capitalismo manteve como constante a extrema miséria de três quartos da humanidade, pobres demais para o endividamento, numerosos demais para o confinamento: o controle não só terá que enfrentar a dissipação das fronteiras, mas também a explosão dos guetos e favelas. (Gilles Deleuze, 1992, p. 224), citado em Haesbaert (2004, p. 259).

2.2 O CAPITALISMO NO CONTEXTO

O Capitalismo tem sua pré-origem, ou origem histórica na Europa do século XV. Desde então esse sistema passou por diferentes etapas ou fases e constitui hoje o modo de produção dominante.

O Capitalismo comercial se estende do final do XV até meados do século XVII. Este é marcado pelo período das chamadas grandes navegações. Momento histórico em que as grandes potências marítimas (Portugal, Espanha, Inglaterra e Holanda) se lançam ao mar em busca de novos mundos. Há o surgimento das Colônias de exploração na América, África e Ásia. É o período que ficou conhecido como acúmulo primitivo do capital, graças à exploração de minerais, especiarias, produtos agrícolas tropicais e utilização de mão de obra escrava. Essa estrutura favoreceu o desenvolvimento da manufatura e mais tarde veio a alavancar a atividade industrial na Europa. O Capitalismo comercial estabeleceu as bases da primeira Divisão Internacional do Trabalho (DIT).

Já o Capitalismo industrial se estende da segunda metade do século XVII, com o advento da revolução Industrial, até fins do século XIX.

A Primeira Revolução Industrial é marcada pela implantação da indústria moderna na Inglaterra como principal atividade econômica. O acúmulo do capital em função da exploração colonial passa a segundo plano. A produção de mercadorias industrializadas em larga escala passa a ser prioridade.

O capitalismo industrial consolidou a DIT. As colônias se especializaram em enviar matérias-primas baratas para as indústrias européias, as metrópoles, que por sua vez puderam ampliar seus mercados consumidores, vendendo produtos industrializados para as áreas coloniais. Dessa forma consolidou-se a subordinação econômica e tecnológica das colônias em relação às grandes potências européias. As vendas em larga escala permitiram o aumento do lucro e maiores investimentos no desenvolvimento de novas tecnologias.

O liberalismo, nesse período do capitalismo, é regido na concepção da livre concorrência. O mercado, visto como suficiente para regular os preços, ou seja, quando a oferta de um produto é maior que a procura, os preços diminuem, mas quando a procura é maior que a oferta os preços aumentam. Os princípios elementares do liberalismo se dão por meio da ampla liberdade individual: direito a propriedade privada e respeito à livre concorrência, como princípios básicos de ordenamento da economia; ausência do Estado na economia. O liberalismo teve vários defensores teóricos, porém Adam Smith, (1723 – 1790), foi o seu principal mentor, que defendeu no livro *Riqueza das nações*, publicado em 1776, o mercado como elemento suficiente para organização da economia, eliminando a responsabilidade do Estado na organização econômica.

Já o Capitalismo financeiro ou monopolista se consolidou nas primeiras décadas do século XX, gerando a Segunda Revolução Industrial, marcada pelo aumento da competição, mais a necessidade de garantir acesso a novos mercados, fontes de matéria-prima e de energia e áreas para investimento, levaram a uma fase expansionista, chamada de imperialismo ou neocolonialismo, que culminou com a conquista de territórios na África e na Ásia. Estava instaurada a fase financeira do capitalismo. É dominado pela Fusão do capital das indústrias com os capitais dos bancos. Os bancos cresceram de tamanho e importância, passando em muitas vezes a assumir

o controle das indústrias. Surgiram em vários setores da economia grandes empresas, que em geral controlavam todas as etapas da produção de um determinado setor, ou seja, os trustes.

Os trustes evoluíram para monopólios, pois as grandes indústrias eliminaram o poder de concorrência das pequenas industriais e passaram a comandar sozinhas os mercados consumidores. O máximo que ocorria era a formação de oligopólios, ou seja, grandes indústrias de um mesmo setor que disputam um mesmo mercado. Como consequência imediata, temos a decadência das idéias de Smith de livre concorrência.

A grande crise de 1929 marca o mundo capitalista de então. Na virada do século XX, os EUA tinha se tornado destaque na industrialização, principalmente com o desenvolvimento da indústria automotiva. Por volta de 1920 a produção industrial crescia aceleradamente. No entanto os salários permaneciam estáveis (Mais Valia). Por conseguinte passou-se a ter uma superprodução que não foi acompanhada pelo consumo. O mercado externo não conseguia absorver a produção excessiva, pois a Europa acabara de viver a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Sem conseguir vender, as indústrias passaram a ter prejuízos. Suas ações nas bolsas de valores foram se desvalorizando. Os investidores foram vendendo suas ações cada vez mais barato, em função da desvalorização. Em 29 de outubro de 1929 veio a “Quinta-feira Negra”. A quebra da Bolsa de Valores de Nova York. Como conseqüências diretas disso, temos: Recessão econômica, Falência de empresas, Aumento da inflação e Desemprego. (BRAUDEL, 1992).

Em função da crise de 1929, as idéias do economista inglês Maynard Keynes (1883-1946), ganharam notoriedade no mundo capitalista. Em seu livro *A teoria geral do emprego, do juro e da moeda*, publicado em 1936, defende que o Estado deve intervir na economia com objetivo de regular o mercado e evitar monopolização, garantindo dessa forma um controle sobre a economia. A recuperação da economia norte

americana na década de 1930 se deu com pesados investimentos do Estado, principalmente em setores geradores de emprego em massa. O planejamento estatal, utilizado nos países capitalistas do pós-guerra para definição de desenvolvimento econômico, também foi fruto do Keynesianismo.

Após a 2ª Guerra Mundial, dentro dos princípios do Keynesianismo, o capitalismo prosperou durante mais de 30 anos. Foram criadas instituições reguladoras de mercado e de capital. Em julho de 1944 (ainda durante a 2ª Guerra Mundial), os EUA convidaram 44 países para um encontro na cidade de Bretton Woods. Como resolução desse encontro firmou-se: o dólar seria utilizado como moeda internacional; criação do FMI (Fundo Monetário Internacional), que teria como objetivo zelar pela saúde financeira do mundo, socorrendo por meios de empréstimos países em crise econômica; criação do Bird (Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento), conhecido como Banco Mundial, que teria como função conceder empréstimos para reconstrução no pós-guerra e a longo prazo, estimular o desenvolvimento, especialmente por meio de construção de obras de infra-estrutura como hidrelétricas, portos, ferrovias e rodovias. Mais tardiamente, em 1948, foi criado o Gatt (sigla em inglês) Acordo Geral de Tarifas e Comércio. Teria como finalidade estimular o crescimento econômico mundial e diminuir as barreiras alfandegárias, a fim de estimular as trocas internacionais de mercadorias.

Posteriormente, em 1994, o Gatt, se transformou em OMC (Organização Mundial do Comércio). Desde então ganhou força como mediador de conflitos comerciais entre seus países membros. O capitalismo continua mais industrial do que nunca e também financeiro. Os trustes cresceram e diversificaram suas áreas de atuação. Abririam filiais por todo o planeta, as multinacionais.

Diversos estudiosos têm atribuído o atual estágio de consolidação do espaço mundial, economicamente globalizado, aos

avanços científicos e tecnológicos alcançados com a chamada Terceira revolução Industrial – Revolução Técnico-Científica. Nos últimos anos essas e outras inovações saíram do papel e foram transformadas em bens de consumo, resultado do grande capital investido em pesquisas científicas e tecnológicas, principalmente nos países desenvolvidos (GIDDENS, 1999).

No final do século XX, o Capitalismo é marcado pelo surgimento do neoliberalismo. A política neoliberal foi implantada, primeiro no Reino Unido, no governo da primeira-ministra Margaret Thatcher (1979-1990) e nos EUA, no governo do presidente Ronald Reagan (1980 – 1988). Depois sob influência do FMI e do Bird foi adotada em vários países do mundo, inclusive no Brasil de FHC (Fernando Henrique Cardoso). Tem como proposta: um Estado mínimo, ou seja, o Estado deve atuar o mínimo possível na economia, de preferência apenas como regulador (fixando taxas de juros, tarifas alfandegárias, etc.) e não como empresário; uma política de privatização das empresas estatais, para reduzir o papel do Estado na produção; criação de agências de fiscalização, planejamento e controle dos serviços privatizados ou repassados pelo estado por meio de concessões e maior abertura econômica, ou seja, menos barreiras para circulação de mercadorias e capitais.

Seguindo a mesma linha de raciocínio da discussão teórica sobre o território com o objeto de análise aqui proposto, o capitalismo precisa ser visto em conexão com o que a região oferece ao capitalista, ou seja, a formação geológica como “produto” a ser capitalizado e as modificações territoriais que este vem gerando e gerará por décadas àquela região.

A região por onde se passou pelo trabalho de campo atravessa grande maciço cortado por profundos vales, onde há nascentes de ribeirões que formam o Rio Itajaí-Mirim, mais adiante. No seu passado geológico, ali já fora o fundo de um mar e ali estão preservadas grandes camadas de calcário, oriundas de depósito de conchas e outros elementos existentes em

tempos idos que marcam as eras geológicas e que não vem ao caso explicitar aqui. Apenas iniciava-se a atravessar aquela região quando deparou-se com uma placa à beira da estrada, placa que se repetiria a intervalos regulares por todos os quarenta quilômetros seguintes, dizendo o seguinte: “Entrada proibida. Propriedade da Votorantim”. Surpreendeu por um momento, mas logo emergiram as lembranças, sobretudo da autora, a informação de décadas atrás, sobre a Votorantim estar a requerer o subsolo de alguns lugares por aquela região. Não imaginava, no entanto, que aquela placa significava os próximos quarenta quilômetros de montanhas e precipícios, nascentes e povoados abandonados, além de duas grandes fábricas de calcário¹¹, montanhas explodidas a dinamite e muitíssimos milhares de pés adultos e jovens de pinus e eucaliptos, entre outras coisas sob o domínio de uma única empresa capitalista. Em poucos quilômetros ficaria evidente a força do capital sobre aquele território que já fora colonial, berço de mananciais e de parte da Floresta Atlântica, e também era evidente que se um dia a empresa Votorantim requerera o subsolo da região, agora eram dela solo e subsolo.

Nos dias seguintes, intrigados com a questão, faríamos pesquisas a respeito do que lá se observara, e descobriríamos que a Votorantim tinha licença para explorar a área pelos próximos 100 (cem) anos. Diante do que foi visto, pensar que a situação daquele território se agravaria por mais cem anos era uma coisa quase que impossível de imaginar, e então se acredita que é necessário passar a relatar o que foi visto, para deixar,

¹¹ Uma das fábricas em funcionamento; outra, em construção. Esta segunda deverá entrar em funcionamento neste ano de 2010, conforme notícia que segue: “O Grupo Votorantim Cimentos confirmou ao governador Luiz Henrique a instalação de um complexo industrial em Santa Catarina (...). O investimento de R\$400 milhões será em Vidal Ramos, com uma fábrica de cimento tendo como matéria prima calcáreo minerado localmente, e uma moagem de cliquer no litoral catarinense. O início de ambos empreendimentos está previsto para 2010 (...). Notícia no sítio WWW.belasantacatarina.com.br/noticias/2007/08/31, consultado em 09.04.2010.

desde já, registrado este texto, pois, apesar de não possuir dados científicos suficientes até o momento, o visto e os sentidos também têm o seu valor, e torna-se impossível calar-se diante de tais atrocidades que já se fazem e que ainda se farão com a natureza e o meio ambiente daquela região, sem que sequer as populações do entorno estejam informadas a respeito e nada circular na imprensa além de notas elogiosas às fábricas e aos empregos que geram ou gerarão¹².

3 O VISTO E O SENTIDO

O maciço/serra já anteriormente citado(a) abrange importante área do Estado de Santa Catarina que une as cidades de Ituporanga a Brusque, região ainda pertencente ao Vale do Itajaí. De Ituporanga a Vidal Ramos a distância é curta, e ainda há estrada asfaltada e não chega a haver um choque quanto ao desrespeito à natureza, além das sempre presentes plantações de matas alienígenas (pinus e eucaliptos). A partir da cidade de Vidal Ramos, no entanto, até a região de Botuverá (já do outro lado da serra) há tal sequência de afrontas ao território existente, que se acredita que só uma força poderosa como o Capitalismo para ter poder para tanto.

Falou-se anteriormente que aquele território já foi colonial, e lá estão lugarejos, pequenas vilas, ainda com suas igrejazinhas e pequenas escolas, além das propriedades rurais que existem ou existiram ali um dia, pois grande parte delas está abandonada. Pouca gente resiste na inospidez daquela região que está sendo sufocada pela força do Capital, e quem ainda resiste, decerto não o fará por muito tempo, pois já não há condições para tal.

¹² Pesquisa sobre as publicações na imprensa feita através do WWW.google.com em 09 e 10.04.2010. Entre muitas outras coisas, uma das informações lá encontradas dizia que a FATMA (órgão protetor do meio ambiente) havia dado a licença para a construção da nova fábrica.

Provavelmente já na altura de cerca de três décadas atrás, quando a autora freqüentava a cidade de Brusque e ouvia falar que a Votorantim estava a requerer o subsolo de algum lugar próximo, os projetos para o século seguinte já estavam a ser feitos pelos donos do Capital com grande perícia e cuidado de detalhes. Uma das comprovações de tal coisa é o plantio de árvores alienígenas de uma forma que se classificaria de criminosa: plantaram-se tais árvores nos picos das montanhas e deixaram-nas crescer e tornar-se adultas produtoras de sementes.

Já se disse que o maciço e o conjunto de serras é cortado por profundos vales, onde minam as nascentes dos muitos ribeirões que irão alimentar as cidades que virão depois, formando o Rio Itajaí-Mirim. Ao produzirem sementes no alto das montanhas, no entanto, os pinus e eucaliptos, pela força da gravidade, através dos ventos ou pela própria inércia, espalham tais sementes pelas encostas das montanhas e vales abaixo, e nesse tempo todo que transcorreu desde as primeiras notícias que se tem daquele “requerimento de subsolo”, trinta anos atrás, nasceram e nascem árvores por todos os lados, sendo que, grande quantidade delas hoje já é adulta também, e a multiplicação da produção de sementes é constante. Tais árvores estranhas àquele meio ambiente já sufocaram ou vem sufocando, paulatinamente, a mata nativa, e é de se ficar imaginando a quantidade de animais nativos que também são sufocados pela falta do seu habitat natural. O que ainda não o é, mas está se transformando em deserto verde, e os poucos moradores que resistem àquela invasão exótica mais cedo ou mais tarde não terão mais como resistir, pois o *plantation* vem ocupando o espaço de muitas lavouras.

Além do deserto verde que praticamente já tomou conta daquele grande território, coisas inesperadas podem ser vistas em alguns locais, como a explosão à dinamite de cristas de morros, o que deve lançar calcário, mas também pedras e outros materiais a grande distância. Ficou

bem evidente, em determinado lugar, já perto da cidade de Botuverá, o cinturão de pinus adultos plantados no entorno da área das explosões, onde decerto há extensão suficiente para os diversos detritos causados pelas explosões sejam absorvidos pelos extensos bosques, não chegando a atingir poucas residências habitadas que ainda existem naquela área. Mas que em todos os lugares, ali fica muito evidente o poder do Capital, que previu décadas antes, o possível atingimento das casas, vidas e bens daqueles moradores, e plantou os bosques com a antecedência necessária para servir de anteparo entre aqueles e os detritos das explosões, evitando assim, talvez, pedidos de indenizações nos tempos que ora correm.

Também é estranha a falta de infraestrutura em torno das fábricas de cimento, tanto a que já funciona quanto a que ainda está em construção. Essa última se situa não muito além do município de Vidal Ramos, e o que está em construção são somente as estruturas e prédios da fábrica, sem o menor vestígio de alojamento para empregados, restaurantes, etc. Conversando a respeito com uma pessoa que é natural da cidade de Imbuia¹³, ficou-se sabendo que a Fábrica Votorantim em construção pretende localizar seus empregados naquela cidade, ou mesmo na cidade de Vidal Ramos – seriam seres humanos trazidos de outras áreas do país e alocados em pequenas e distantes cidades onde deveriam ficar mais ou menos como se cativos fossem, se considerar as distâncias e dificuldades que teriam para chegarem a centros maiores, e se ainda se considerar notícia que se localiza sem dificuldade na Internet, da utilização de trabalho escravo pela Votorantim no Estado de Goiás, no ano de 2009¹⁴. Segundo a professora Elaine, abaixo identificada, há uma intensa discussão nas cidades

¹³ Trata-se da professora Elaine Hoffmann Tenfen, atualmente residente em Blumenau/SC.

¹⁴ A fiscalização do Ministério do Trabalho encontrou 98 trabalhadores em regime de escravidão numa obra da Votorantim no Estado de Goiás. Informação de 09.09.2009 no endereço WWW.ecodebate.com.br/2009/09/09-fiscalizacao, consultado em 10.04.2009.

de Imbuia e Vidal Ramos, pequenas cidades agrícolas que não desejam receber de uma hora para a outra, centenas de moradores estranhos e de costumes e hábitos, possivelmente, diferentes dos a que estão acostumados os habitantes daqueles municípios, o que está dificultando saber como fará o Capital para resolver o caso daquela carga humana, que deverá viver a maior parte das horas dos seus dias dentro do deserto verde, com a respiração impregnada da poeira do calcário moído.

Na fábrica antiga, que já deve ter anos de funcionamento, e que se situa mais próxima à cidade de Botuverá, vêem-se precários alojamentos nas imediações, mui pequenos e de pouca qualidade para habitação humana, cobertos da poeira que o calcário moído produz. Uma casa um pouco maior e de melhor qualidade deve ser habitada por alguma chefia – mesmo assim, os poucos alojamentos não devem ser suficientes para as centenas de operários que ali trabalham. Fica-se a imaginar que os que ali não se hospedam devem morar na próxima cidade de Botuverá, que não fica muito distante, ou, quiçá, em outras que existem mais além.

CONCLUSÕES

Este foi apenas um vislumbre do que acontece nessa serra de Santa Catarina que existe entre Vidal Ramos e Botuverá, e tem o propósito de se tornar uma denúncia para que mais pessoas se inteirem do que lá passa, e de que como o capital pode intervir e transformar violentamente um território que no passado teve outra flora, com certeza outra fauna, e onde hoje tem seu modo de vida inteiramente transformado, com a saída do local dos antigos moradores coloniais para serem inseridos no mesmo território operários com poucas chances de liberdade e saúde.

Acredita-se que o capitalismo vem transformando os espaços

geográficos desde seu advento. Isto pode ser percebido na região dominada por serras entre Botuverá e Vidal Ramos, no Vale do Itajaí, em Santa Catarina. É possível observar uma territorialização construída entre o final do século XIX e início do XX, por imigrantes majoritariamente de ascendência européia. Vê-se hoje aquela região desterritorializada, pois os descendentes destes imigrantes das velhas colônias do Vale do Itajaí transmigraram para outras áreas de Santa Catarina ou para fora do Estado. Mas também se observa uma reterritorialização por meio da entrada do capital do Grupo Votorantin, que adquiriu a maior parte das terras entre as duas cidades citadas. Este novo território em formação possui outra dimensão econômica, social e cultural, pois traz consigo pessoas oriundas doutros rincões do território brasileiro. No tocante a configuração deste novo território em formação, cabe esperar, pois ele se encontra em pleno processo de formação marcada pelo poder do Capital.

Sugere-se que mais estudos sejam feitos sobre a área pelos mais diversos cientistas, para se saber a extensão dos males lá já implantados e a implantar, pois da degradação ambiental daquele território muito se tem a perder, citando-se como um primeiro e grave fato a extinção das nascentes que daquela serra vão formar o Rio Itajaí-Mirim, que no seu trajeto atravessa as cidades de Botuverá, Guabiruba, Brusque e Itajaí, além de extensas regiões rurais daqueles municípios.

E o que poderá vir a acontecer nos próximos cem anos naquele lugar?

REFERÊNCIAS

- BRAUDEL, Fernand. **A dinâmica do capitalismo**, trad. Portuguesa, Ed. Teorema, 1992.
FRAGA, Nilson Cesar. **Território, Região, Poder e Rede**: olhares e possibilidades

conceituais de aproximação. Curitiba: Relações Internacionais no Mundo Atual. 2007, v. VII, n. 7, p. 9-32.

GIDDENS, Anthony. **Capitalismo e moderna teoria social**, trad. portuguesa, Ed. Presença, 1999.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto, 2006.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1980.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. Técnica e Tempo, Razão e Emoção, São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2006.

www.atalanta.sc.gov.br, acessado em 11.09.2009.

www.atalanta.org.br, acessado em 11.09.2009.

www.belasantacatarina.com.br/noticias/2007/08/31, acessado em 09.04.2010.

www.ecodebate.com.br/2009/09/09-fiscalizacao, acessado em 10.04.2010..

www.google.com, acessado em 09.04.2010.



COLÉGIO NORMAL SAGRADA FAMÍLIA: O COLÉGIO DAS FREIRAS

COLÉGIO NORMAL SAGRADA FAMÍLIA: O COLÉGIO DAS FREIRAS

Ellen Crista da Silva*
Colaboração: Sueli Scharf da Costa**

E PRA FIM DE CONVERSA...

Ainda ali, sentada numa das mesas do Cafehaus Glória, dei uma última olhada ao redor: a mulher que estava com uma jovem já não estava mais... Mas os homens de camisa vermelha continuavam conversando e rindo... algumas outras pessoas tinham tomado lugar e aguardavam serem atendidas... terminei meu café e me dirigi ao Caixa. Agradei com um pequeno sorriso e saí do recinto. Parei ao final dos dois degraus, já na saída e, já do lado de fora do Cafehaus, levantei o olhar novamente para o Colégio Sagrada Família.

Um sorriso nostálgico fez-se presente enquanto observava a escada incrustada no barranco onde antigamente era o Jardim. E onde antigamente ficava a sede das Bandeirantes. E de novo me invadiu uma certa magia e uma certa aura de majestade que o Colégio todo transpirava ... Ah, os tempos de Colégio!

Dei uns passos pela calçada e parei. A Samrig não existe mais. A Loja das Linhas e o seu antigo prédio não existem mais. Tudo mudou, ficam apenas as lembranças! Tudo muda, mas ficam as marcas do

* Ex-aluna do Colégio Sagrada Família.

** Ex-aluna do Colégio Sagrada Família.

amor, do carinho, da alegria e da felicidade vividas em um tempo. Espiei novamente a escada de cimento, imponente, descendo pelo perfil do barranco, e me lembrei de nosso último dia de aula do Segundo Grau, em dezembro de 1975. Ainda deu tempo de tirarmos uma foto neste dia, nesta escada. Tínhamos participado de uma breve homenagem e cada aluna tinha recebido um botão de rosa como despedida. As aventuras de colegial haviam terminado. Os dias de lição de casa, provas orais, trabalhos manuais e passeios no matinho tinham findado. Novas perspectivas de vida, novas mudanças nos aguardavam!

Fui para casa e me debrucei no computador. Abri minha caixa postal e verifiquei que acabara de receber mensagem de uma colega do Sagrada Família e que fazia muito tempo não tinha mais encontrado: - Sueli ! E foi a partir daí que lembramos as duas, dos tempos do Segundo Grau, e passamos então a bater um papo nostálgico via internet!

BATE PAPO CIBERNÉTICO

E não foi de outra maneira que tiramos algumas tralhas das nossas mochilas (da memória) e começamos a trocar informações e lembranças: “Nossa, mas lembrei de muita coisa legal. Eu já não lembrava mais os nomes das freiras. Por exemplo, a Irmã Veralba. Gente, agora até vejo na lembrança aquela figurinha...das aulas de ciências no laboratório... que legal! Você falou das bainhas das saias...eu me lembro de que a Irmã Clotilde ficava de tocaia na subida do primeiro para o segundo andar, bem naquela esquina, pra conferir os cumprimentos. E quem percebia a tocaia, ia avisando as que vinhas atrás. Era um tal de desenrolar saias....”

‘Desenrolar saias’ quer dizer que as enrolávamos na cintura, dobrando o cós. E assim que a Irmã Clotilde era anunciada, desdobrava-se rapidamente o cós!

Entre um comentário e outro, entre um e-mail e outro, brotavam mais lembranças e risos, muitos risos! E Sueli continuou a recordar: “Eu também nem lembrava mais do nome da professora de Inglês, Dona Liselotte Lepper. Fiquei matutando esse nome, sabia que ela tinha um apelido. E acabei lembrando: Dona Lillo! O nome daquela professora de Francês, também não lembras o nome, né? Não sei se tinhas a mesma (acho que no ginásio não estudamos juntas). Eu lembro dela, uma mulher baixinha, gordinha, com um sapato todo apertadinho, que o pé dela mal cabia dentro. Mas não lembro do nome”.

Diz o poeta que recordar é viver... se colhemos hoje, foi porque plantamos ontem! E percebemos que recordar, além de viver, é se divertir um bocado! Percebemos que criamos laços, laços que ficaram. Sejam laços de amizade, sejam laços de memória; o que importa é que são laços fortalecedores do espírito e da alma. Aliás, falando em nomes, Sueli ainda lembra, e acho que o equívoco foi meu, ao redigir o artigo sobre o Ginásio: “Falando em nome, o do Zeca saiu errado no artigo da revista. Aparece como José Capistrano ao invés de Campestrini. Lembro também que o Zeca nos dava aulas de música e canto. Acho que tive as primeiras noções de teoria musical com ele.”

Nossa! Eu nem lembrava mais que ele tinha dado aula de música! Mas agora, lendo o e-mail, começo a lembrar dessas aulas... e de como algumas colegas importunavam e perturbavam a aula, pois não gostavam de teoria musical. Enquanto isso, Sueli e eu estudávamos a teoria e à tarde nos reuníamos na casa dela e tocávamos piano a quatro mãos! Sueli tocava muito bem ao piano. Eu tinha tido algumas aulas e arriscava tocar a quatro mãos com ela! Estes eventos tinham lugar ainda no Ginásio. Mas 1973 entrou em nossas vidas com muitas novidades e aventuras. Na minha, em especial, por ter tido Sueli como colega de turma.

1973: ÉPOCA DE MUDANÇAS

Março anunciava seus dias de outono e lá ia eu, novamente, a pé, no caminho da rua Araranguá até o grande portão de ferro da entrada do Colégio. Com a mudança de endereço, da rua Sete de Setembro para a rua Araranguá, meu percurso de casa até a escola ficou aumentado: a caminhada de poucos metros e poucos minutos tinha se transformado em uma caminhada de dois quilômetros e aproximadamente 20 minutos. E lá ia eu, feliz da vida, na expectativa das experiências do Segundo Grau! Eu já sabia que algumas colegas não estariam comigo neste ano, por terem escolhido outra instituição. Mas outras meninas seriam colegas até o final do Segundo Grau. Ficara era a curiosidade em saber quem tinha mudado de Colégio e quem tinha permanecido. E algumas decepções aconteceram, pois eu e mais colegas sentimos muita falta de algumas que não mais faziam parte da lista de chamada. As mais diversas razões levaram-nas a mudar.

Sim, mudar de Colégio! E estávamos mudando de ciclo: estávamos mais **maduras!** Na **imatura** e inocente concepção de adolescentes de **maturidade**. Estávamos entrando no Segundo Grau! Avistava-se um novo ‘grau’, um ‘grau’ de promessas, de novidades, de responsabilidades. E esta era talvez a parte mais dolorosa: **responsabilidade...** pois com ela avistavam-se, no limiar do horizonte, os concursos vestibulares, os casamentos e os futuros empregos. Frequentar o Segundo Grau significava então, preparar-se para uma idade ‘adulta’, madura... Mas ainda havia algum tempo para isso, pois estávamos recém com 15, 16 anos... talvez alguém com 18! Então podíamos relaxar e paquerar um bocado mais!

Além de mudanças de endereço, de Colégio e de fase da vida, enfrentamos outra mudança radical no ensino brasileiro: o que até então era denominado e estabelecido como “Curso Normal” no Colégio Sagrada Família, passou a ser denominado e regulamentado como “Segundo Grau”.

Éramos assim, um dos 1^{os}. anos do que ficou conhecido como ‘Reforma do Ensino’ adotada no país. Os 2^o e 3^o anos continuaram com sua grade curricular de Curso Normal, mantendo assim uma coerência de forma que as alunas já ingressadas neste, não tivessem seu estudo bruscamente interrompido. Estas alunas, enquanto estudantes e, mesmo depois de formadas, eram conhecidas como *normalistas*, pois estavam preparadas para ensinar no Jardim de Infância e, possivelmente, no 1^o. Ano primário. Enquanto isso, o novo currículo da ‘Reforma do Ensino’ prometia ser o melhor do ensino no país, uma vez que era programado para preparar os alunos a uma profissão. Foi assim que tivemos duas opções: Técnicas de Secretariado e Magistério. O primeiro abria as portas a profissionais com habilitação para atividades de Secretária Executiva, enquanto o segundo continuava formando as alunas para exercerem atividades de professora de Jardim de Infância. Desde o início do curso até o final dele, nos deparamos com muitas “falhas” neste novo esquema e entramos em discussões acirradas com a Diretoria do Colégio por várias vezes, pois o Magistério não preparava as alunas para a possibilidade de realizarem o vestibular, uma vez que não oferecia matérias como química e física. Estas eram matérias constantes no currículo do curso de Técnicas de Secretariado, apenas. Indignadas, pois as alunas do Magistério, desejosas de realizar o vestibular, sentiram-se excluídas, à margem. As discussões foram muitas, a ponto das meninas se revoltarem e todas, tanto as do Magistério quanto as do Secretariado, fazerem manifestações na Portaria e defronte à Secretaria do Colégio. Diz o velho ditado que “a união faz a força”. Diante do clamor das alunas, não houve outra alternativa: o Colégio modificou a grade curricular e inseriu também as disciplinas pertinentes ao vestibular no Magistério. Tudo isso teve suas consequências, como por exemplo, a inserção de aulas no horário da tarde e a exclusão de um e outro horário ou disciplina.

OUTRA MUDANÇA: NOVAS SALAS!

Outra mudança radical neste primeiro ano de Segundo Grau foi a localização das salas de aula. Se nos anos anteriores as salas se encontravam no corpo principal do prédio, destinado às salas, neste novo ano as aulas do Segundo Grau e do Normal tinham mudado de prédio. Era engraçado, pois havia partes do Colégio que eram áreas restritas às freiras. Óbvio que estes recantos, estas áreas restritas despertavam a curiosidade das alunas, pois não lhes era permitido o acesso. Eram trancados a chaves e portões que não permitiam ver o que havia do outro lado. Mas eis que, neste ano, abriram as portas do andar superior do prédio onde, no térreo, aconteciam as aulas de trabalhos manuais. De repente podíamos subir aquelas escadas e, finalmente, descobrir o que havia naqueles quartos! Quartos que agora tinham se transformado em salas de aula! Em tempos anteriores, estes eram apenas outros quartos-dormitórios das freiras. Sem mais vestígios deste dormitório e sim, guarnecidos com enormes quadros-verdes, giz, muita luz e muitas carteiras. Desvendava-se assim o mistério que rondava em torno daquele andar daquele prédio... mas uma porta... sim, havia uma porta que dava acesso a outra área do enorme prédio do Colégio e que permanecia trancada! Havia uma porta que poderia guardar algum segredo! Inevitável ouvir-se rumores a respeito. Inevitável adolescentes tagarelas e curiosas não tecerem comentários a respeito. E o mistério continuava: o que haveria do outro lado daquelas portas?

Sueli também lembrou da mudança de prédio: “Quando falares do segundo grau, me lembro de como ficamos orgulhosas de estudar naquele outro prédio, lá fora, perto dos aposentos das freiras. Aliás, quem nunca ficou curiosa imaginando o que elas faziam lá dentro da tal de “clausura”...”

E... continuando: “Eu não tinha me lembrado de que as salas do segundo grau tinham sido dormitórios, mas agora relembrei. Eram na verdade, do antigo internato. Lembra que o colégio tinha meninas internas? Eu tinha uma amiga (mas acho que foi no ginásio) que era de Jaraguá do Sul, morava no internato e não era aspirante a freira. O nome dela era Márcia. Tenho uma foto dela. Algumas vezes eu fui visitá-la no dormitório. Na verdade, era de uma família mais ou menos bem de vida, pelo que me lembro. Tenho a impressão que devia ser caro manter filha na internato. Era chique, na época. Mas ela ficou só por um ano. E também aprontou de monte. Ela me contava que elas iam xeretar as freiras lá na clausura. Lembro que uma vez ela me contou que fizeram uma tocaia, no escuro, e quando uma das freiras passou, elas deram um baita susto nela. Coisas desse tipo... Depois, quando acabou esse regime, os dormitórios viraram nossas salas de aula.”

Pois é... ao final do Segundo Grau, em 1975, minha amiga Mary e eu resolvemos invadir a clausura. Vínhamos programando a invasão desde os primeiros anos, mas tínhamos de esperar 1975 bater à porta para o caso de sermos pegas em flagrante e, de repente, sermos “expulsas”! Assim, conversávamos muito a respeito, planejando. Observávamos os movimentos das freiras: quando entravam pela porta, se haviam trancado como trancavam aquela enorme porta que dava para o corredor das nossas salas de aula. Depois de tudo confirmado, sabendo da hora silenciosa em que ficava a clausura, ou seja, a hora do almoço –quando todas estão no refeitório, resolvemos por nosso plano em ação. E resolvemos invadir pela porta que dava acesso à Biblioteca, por ser mais discreta e menos movimentada neste momento. Abrimos, entramos e fechamos de novo, sem fazer o menor barulho! E, pé ante pé, andamos até a primeira porta da clausura: um quarto com duas camas im-pe-cá-vel-men-te vestidas de roupas de cama brancas... uma pequena mesa de cabeceira abrigava uma Bíblia e um copo de água. Havia mais um roupeiro de madeira, bem antigo.

E mais nada: nem tapete, nem toalhas, nem roupas espalhadas. Tudo estava impecavelmente arrumado, ordenado, organizado e com o tradicional cheiro de cera. Abrimos tudo, espiamos, fuçamos o que deu... sentamos na cama., matamos a curiosidade! E, da mesma forma que entramos, saímos. Pé ante pé. Fechamos a porta com cuidado para não fazer barulho. Mas um ruído... passos... nos assustamos! Corremos. Fugimos! Os passos se aproximavam. Abrimos a porta e a fechamos atrás de nós. Fizemos barulho ao fechar a porta. Saímos correndo. Descemos as escadarias aos pulos, mas aos pulos também estavam nossos corações. Sentimos que fomos percebidas. Nossa presença foi denunciada. Despistamos saindo pela outra saída do Colégio, que não a convencional. Estávamos apavoradas! Ai! Meu Deus! E se alguém nos viu? Se alguém nos pegou? Seria bronca na certa. E a bronca veio. No outro dia mesmo! As freiras passaram em todas as salas passando o maior pito por terem invadido a clausura, os aposentos das freiras. Não conseguiram identificar quem foi. Sorte a nossa! E daquele dia em diante as portas eram trancadas com mais segurança. Não conseguimos mais invadir a clausura!

Anos mais tarde, quando já frequentava a Furb, as amigas da faculdade Tati (de São Bento do Sul) e Letícia (de Canoinhas) alugavam os quartos que antes eram da clausura e que as freiras tinham liberado para estudantes universitárias. Estes quartos faziam parte do terceiro andar do prédio onde se localizavam o Primário e o Ginásio. Como minhas amigas alugavam ali seus quartos, pude visitar esta ala por muitas vezes. Para as estudantes os quartos eram guarnecidos com beliches e roupeiros.

E... continuando mais um pouco: “Tinha até uma sala grande, no térreo, que servia de auditório pra gente, lembra? Aliás, no térreo tinha um belo pátio interno, com bancos, além da cantina.”

Nesta sala do térreo, que servia de auditório, acontecia, vez por outra, alguma ‘missa moderna’ ou alguma homenagem. Era alí também

que a Sra. Niemayer, mãe da colega Beatriz Niemayer, dava aulas de yoga, à tarde, de forma extracurricular. Nesta época o traje adequado para a yoga era uma malha preta, um colant preto de mangas curtas e meia-calça preta. A explicação para o tipo e a cor da roupa ficavam por conta de melhor concentração durante os exercícios e a meditação. Hoje esta concepção é totalmente diferente!

Outro dia a freira que dava aula de religião reuniu a turma, neste auditório, e entregou a cada aluna um pequeno cartão com uma frase cuidadosamente escolhida. A frase tinha a ver com a personalidade de cada uma. Após a entrega dos cartões seguia o sermão...

NOVOS PROFESSORES, NOVAS MATÉRIAS

Dado o sinal para o início das aulas, sinal este dado por uma sineta, subíamos a estreita escadaria e dávamos com o enorme corredor-varanda que conduzia às salas de aula. Uma nova professora apareceu dando-nos as boas-vindas e se anunciando como professora de psicologia e orientadora deste Segundo Grau. Chamava-se Iria Romer. Outros novos professores foram apresentados, enquanto alguns permaneciam do quadro do Ginásio, como por exemplo o Prof. Nicanor Poffo, de biologia e a Prof. Liselotte Lepper, de inglês. Alguns novos eram: Profa. Marli e José Gonçalves, de física; Prof. Nilo Boing e Prof. Anselmo, dos quais um lecionava Direito e Legislação; Profs. Ivo e Edmundo, de química; Prof. Wiegand e Irmã Maria, de matemática; Profa. Dinorah Gonçalves, de português; as senhoras que integravam a Socilca, localizada no Teatro Carlos Gomes e que davam aulas de maquiagem, etiqueta e andamento e postura. Algumas freiras também continuavam no seu cargo de professoras.

Sueli ajudou a lembrar de mais alguns: “Hoje lembrei também

do Prof. Olímpio. Era magrelo e tinha cabelo só nas laterais e um topete no topo da cabeça. Ele dava uma matéria de que não me lembro, mas era para o secretariado. Tinha também um outro professor... Ele era lindo! E por isso, muito convencido. A gente tinha aula com ele aos sábados (aliás, naquela época a gente tinha aula aos sábados, né?), e ele sempre contava alguma história de festinhas curtidas nas noites de sexta-feira e sempre envolvendo alunas. Lembro que a gente se uniu contra ele e ele foi demitido do colégio. Se a história foi bem assim, já não tenho certeza, mas era mais ou menos assim.”

Relembrar é viver... e alguns professores deixaram marcas mais profundas em nossas memórias: “Tem o Fronza, né? Falastes dele no artigo do ginásio. Ele também entrava na sala sempre pisando forte. Gostava de assustar as meninas. Mas era super “gente boa”. Lembro de uma época em que ele entrava na sala, e sem nem ao menos cumprimentar, ele vinha fazendo perguntas do questionário. Uma delas que me marcou foi:”O que é Transumância?” (O pior é que eu não faço mais a menor ideia do que seja isso...hehehe)

Eu nunca mais vi o Nica. Ele ainda é parecido com aquela época? Ou ficou muito velho? Eu gostava muito dele e das aulas dele. Ele dava Biologia, né? Acho que também Química. Muito querido.”

É com gratidão que lembramos dos professores. É com certeza, com gratidão e amizade que todas nós, alunas, guardamos suas lembranças em nossas mentes. E de cada um, guarda-se alguma lembrança em especial: lembro que o prof. Nicanor certa vez me recomendou a leitura de “A expedição Kon-tiki”, de Thor Heyerdhall. E, realmente, comprei o livro e li-o. E fiquei muito emocionada ao ver o próprio Thor, muitos anos mais tarde, em entrevista num programa de televisão.

A professora Íria foi importante na introdução à psicologia, ajudando-nos a desvendar facetas do ser humano. Foi assim que

aprendemos a dar importância a si mesmas, lembrando sempre de “eu sou”: inteligente, bonita, simpática etc. Foi também a época dos questionários de personalidade e QI. A profa. Iria nos trouxe alguns deles para respondermos e analisarmos as respostas, mostrando-nos novamente os vários caminhos que nos levam ao auto-conhecimento.

Da profa. Dinorah Gonçalves ficou a lembrança de nossa língua portuguesa falada corretamente, no seu mais rebuscado estilo padrão! Ela primava por pronunciar cada letra de cada palavra! E lembro também de uma vez em que chamou a atenção da classe, com relação às gargalhadas que soltamos, por um motivo qualquer: disse-nos ela, que uma mulher não ri, apenas sorri!

Certas coisas são marcantes em nossas vidas. E muitas coisas marcantes são oriundas de nossos professores ao longo dos anos.

NOVAS ALUNAS, NOVAS AMIZADES

Muitas colegas deixaram o Colégio ao fim do Ginásio e assim não continuaram conosco a caminhada do Segundo Grau. Muitas delas, ou seja, a maioria das que vieram da Escola Barão do Rio Branco, no início do Ginásio, bem como de outras instituições, foram algumas das que não continuaram conosco.

A colega Rejane não fazia mais parte da nossa turma. Tinha mudado de colégio, o que nos deixou muito tristes. Mas outras novas colegas vieram e tivemos boas novas amigas! Maria Inês Müller e Sara Zamporlini foram algumas delas. Lembro que dei umas aulas particulares de matemática para Maria Inês, num dos anos do Segundo Grau. Como ela morava perto de casa, no início do bairro Garcia, me deslocava a pé mesmo e repassava alguns temas de matemática. Assim estudávamos um tanto e

fofocávamos outro tanto! Acima de tudo estes momentos eram divertidos! Divertido também era passar momentos de conversa com Sara: casada com um executivo e mãe de três filhos, ela era mais que colega, era uma conselheira para nós! Gostávamos de papear sobre os mais diversos assuntos, mas, principalmente, sobre namoro e relacionamentos! Neste item, quem também parava suas aulas e mudávamos assim o rumo da conversa, por vezes, era o Prof. Nicanor. Estava noivo e por isso nos proporcionava bons momentos de reflexão quanto ao assunto. Tivemos outras colegas, mas minha memória falha na lembrança dos nomes. Havia uma de nome Rosa, vinda de Chapecó e cujo irmão, se não me engano, fazia curso superior na Furb. Enfim, foi uma fase de novas amizades. Algumas ficaram por muitos anos após os anos de Colégio. Outras apenas o tempo do Segundo Grau.

Da relação do final de 1975, quando da formatura, constam as alunas:

Beatriz Bruning, Bettina Hardt, Dayse Regina Hass, Cristiane Müller, Ione Ma. Santiago, Cornelia Clebsch, Karin Klemz, Marlene Stribel, Kátia Paker, Nara Denise Maders, Ma. Aparecida Pereira, Mary Reif, Marili Fröschlin, Marise Persuhn, Ângela Ma. de Oliveira, Marise Röthlisberger, Sueli Scharf, Mônica Andréa Müller, Bárbara Otte, Kátia Schneider, Lúcia Helena Müller, Ma. Raquel Heusi, Marit Knaesel, Cintia Beatriz Radtke, Neuza Mariza de Campos, Elenice Martins Ferreira, Ana Ma. Conceição Lami, Florinda Alves, Geny Mogk, Iara Regina Gomes, Liana Olinger, Ma. Cristina Neves du Pasquier, Janete Jane Duwe, Jocelene Ma. Cardoso, Marli Fey, Mary Müller, Mirtes Cristina Sada, Rogéria Pereira, Rosa Marlene Martini, Sara Alicia Zamporlini, Sandra Zen, Sonia Schneider, Susan Schindler e Tânia Denise Becker.

A GAROTA DA SINETA

Como o prédio do Segundo Grau distava do bloco das salas do Primário e do Ginásio, era impossível ouvir-se o sinal que marcava os intervalos entre uma matéria e outra. Além disso, os horários de aula agora diferiam dos horários do Ginásio e assim precisávamos de um novo sinal ou, uma -'sineta'! Sim, a entrada para as salas, bem como os intervalos entre as matérias e o sinal do final do dia era anunciado por uma sineta de prata. E a aluna escolhida para tocar esta sineta, durante os três anos deste Segundo Grau, tinha sido eu.

Assim, era normal que eu fosse odiada por algumas alunas, por estar justamente tocando a hora de começar as aulas... quando preferiam que nem tivesse aula naquele dia! Ou quando tocava a sineta anunciando um intervalo de matéria quando as meninas preferiam continuar tendo aquela aula. E podia ser por vários motivos: o trabalho estava intenso naquele momento, ou o professor era cativante, ou a prova ainda não tinha sido finalizada. Mas também era normal que eu fosse amada por outras, por ter tocado o sinal 'bem na hora': a aula estava por demais chata, o calor estava insuportável ou estava frio demais, e por aí se vão as desculpas.

Esta sineta ficava sempre na mesa da Professora orientadora, no hall do prédio do Segundo Grau, perto da escadaria. Ali eu a recolhia de manhã, logo após uma freira ter aberto as portas deste prédio e que dava acesso às salas. À hora consultada no relógio, assim que tinha subido as escadas, eu batia a entrada para o início das aulas e, à cada nova hora consultada, eu me levantava de minha carteira e me dirigia à porta da sala. Saía para a varanda e batia a sineta, anunciando o término de uma matéria e o início de outra. Ao final da manhã lá ia eu de novo, anunciar o término das aulas para aquele dia. As portas das salas se abriam e as meninas saíam alvoroçadas pela varanda, em direção à escada e, mais adiante, em direção

às portas que levavam para as saídas do Colégio. Depois de tocada a sineta eu voltava para a sala, recolhia meu material e deixava a sineta novamente sobre a mesa do hall. Então descia com as colegas, até a portaria e depois seguia para casa.

Era comum ouvir algumas gracinhas das colegas. Ou chateações; a respeito da sineta. Seja como for, eu gostava da minha tarefa e tentava realizá-la da melhor forma possível. Mas, vez por outra meu relógio falhava em alguns minutos e lá vinha uma freira me avisar de um atraso ou de um adiantado na hora da sineta... Outras vezes eu me 'esquecia'... e nestas horas eu preferia sumir a ter que ouvir alguma reprimenda das freiras e ter que dar alguma explicação... Ao final do curso, em 1975, já saudosa da minha incumbência, resolvi tomar 'posse' da sineta e levei-a para casa. Fiquei algum tempo com a sineta sobre minha penteadeira... observava-a todos os dias. Até que um belo dia resolvi devolvê-la, pois não me pertencia. E, voltando ao Colégio, cuidadosamente subi as escadas do prédio do Segundo Grau e retornei a sineta ao seu lugar, sem que ninguém percebesse o que estava fazendo. Será que ninguém percebeu mesmo?

PAQUERAS E CASAMENTOS

Como segurar os impulsos hormonais? Ah, doce fase de paqueras e namoros! De dúvidas e certezas. De querer casar e sentir todas as angústias que surgem com a possibilidade de uma nova vida a dois. Ou de nem casar... Mas... como não comentar os jeitos e trejeitos das paqueras? Dos homens que surgiam diante de nossos olhos com a possibilidade de namoro, de paquera, de flerte (esta palavra estava em desuso, era por demais careta! Flertar era coisa de nossos pais!) E quanto mais a floravam os impulsos hormonais e as perspectivas de viver um amor, mais surgiam

as oportunidades de se “matar aula” e paquerar na rua XV. Lá íamos nós... e lá iam os ‘boys’ da época, em seus possantes fusquinhas de tala larga a descerem e subirem a XV (na época ainda era mão dupla), bem devagar, apenas sorrindo para as pretendentes... até que alguma aceitasse a carona! Por vezes iam duas ou mais, de carona. Pois estavam em grupinhos. Mas outras vezes apenas uma aceitava a carona. Embora os pais e os professores alertassem sobre estas ‘caronas’, era corriqueiro que elas acontecessem. Era uma das maneiras de se iniciar uma paquera, um namoro.

Outra maneira para se badalar eram as boites: boites eram a pedida nos finais de semana. Havia clubes que igualmente promoviam festas de finais de semana, como por exemplo, o Guarani, na Itoupava Norte, ou na AABB. Lembro que na AABB aconteceu, outro ano, o concurso da “Glamour Girl”. E uma de nossas colegas tinha sido a eleita! Se Miss Brasil era o assunto das mais ‘adultas’, o concurso da “Glamour Girl” tinha tudo a ver conosco, jovem-adolescentes! Além destes lugares frequentados pelos adolescentes, havia o CEJUPA – Centro da Juventude Porta Aberta, instituído pela Igreja Matriz de São Paulo Apóstolo. O CEJUPA se localizava num prédio nos fundos da Igreja Matriz e oferecia reuniões e festinhas para jovens nos finais de semana.

Um outro namoro e casamento surgiu dentro da sala de aula: tínhamos um jovem professor, cativante e bonito, arrebatador de diversos corações jovens! Acabou por namorar, engravidar e casar com uma das suas alunas e nossa colega. Este foi um caso inusitado e super comentado entre todas nós. Afinal, ele era muito lindo e muitas queriam conquistá-lo!

Assim, ao mesmo tempo que nos fascinava a perspectiva do namoro e todo o romantismo que o envolve, nos deparamos com outra faceta de uma relação: a gravidez! Vivenciamos com algumas colegas esta fase de gravidez, em geral precoce. Habilmente os professores e professoras souberam nos conduzir a tomarmos atitudes de apoio e compreensão

com as colegas. E conosco mesmo, pois esta era uma situação nova para nós também. Sentimentos diversos se misturavam dentro de cada uma, provocando questionamentos e discussões. Por fim, tudo se resolvia da melhor forma. E Sara, mãe que era, de três filhos, foi outro braço forte nestes nossos questionamentos.

E A FEIRA DE CIÊNCIAS CONTINUA

O grande lance da época era a soja: plantar soja era o grande negócio do momento. Quem pudesse ter terras plantadas com soja “estava feito”. Marily, nossa colega de turma, era filha de industrial da Cia. Hering e que estava instalando a Ceval em Gaspar. A Ceval era uma empresa totalmente voltada para o beneficiamento da soja e foi assim que uma equipe da nossa turma se preparou sobre este cereal para a Feira de Ciências. Marily fazia parte desta equipe, bem como Geny e Sueli. E, para honra da turma e do Colégio, a equipe foi agraciada com um troféu! Sueli lembrou deste evento: “E a feira de ciências!!! E o nosso troféu, uhau!!! Ainda tenho nossas fotos.”

A empolgação com a Feira foi tanta, que para o ano seguinte estávamos dispostas, novamente, e agora em quatro, pois eu iria participar também, a trabalhar sobre o algodão. Nada a ver com a Cia Hering: Mera coincidência! E foi então que surgiu um nome para a Equipe: Gema’s. G de Geny, E de Ellen, Ma de Marily e S de Sueli: “Não me lembrava do Gema’s. Agora que vc falou, me lembro...era Geny, Ellen, Marily e Sueli... nossa equipe...”

Embora estivéssemos empolgadas sobre o assunto, o trabalho não vingou e nem me lembro se a Feira saiu naquele ano. Ficamos apenas com o nome guardado na memória!

**“OUVI ESSA MÚSICA E ELA ME PEGOU”: ENTREVISTA COM
NOEMI DA SILVA KELLERMANN**

Viegas Fernandes da Costa*

**“OUVI ESSA MÚSICA
E ELA ME PEGOU”**



Nesta entrevista, concedida em fevereiro de 2009 ao Sarau Eletrônico (site de literatura mantido pela Biblioteca Universitária da FURB,) Noemi Kellermann aborda aspectos da sua história pessoal e profissional, da história musical e cultural de Blumenau e da trajetória do ensino superior de Artes no Vale do Itajaí.

Noemi da Silva Kellermann nasceu na cidade de General Câmara, região Metropolitana de Porto Alegre, em 1939. Em 1971, integrando a equipe do maestro Oscar Zander, mudou-se para Blumenau a fim de lecionar na recém criada Escola Superior de Música do Teatro Carlos Gomes. Em 1974 foi a Áustria estudar a Pedagogia de Carl Orff, no Orff Institut da Hochschule für Musik und Darstellung Mozarteum de Salzburg. Lecionou no curso superior de Artes da Universidade Regional de Blumenau desde a sua fundação, em 1973. Durante muitos anos chefiou a Divisão de Promoções Culturais desta mesma Universidade. Integra e presidiu o Conselho Municipal de Cultura de Blumenau e é Diretora Pedagógica da Escola de Música do Teatro Carlos Gomes.

Sabemos que a senhora nasceu em General Câmara, no interior do Rio Grande do Sul. Assim, gostaríamos de saber da sua infância e dos motivos que a levaram para Porto Alegre.

* Escritor e Historiador pós-graduado em Estudos Literários. Trabalha na Universidade Regional de Blumenau, onde edita o site de Literatura Sarau Eletrônico.

Nasci nesta cidade pequena e bastante próxima de Porto Alegre que tinha um nome muito mais original e bonito do que General Câmara. Chamava-se Margem do Taquari, rio que banha a região. Acredito que a cidade passou a se chamar General Câmara depois que recebeu um arsenal de guerra, que passou a ser uma das coisas mais importantes da cidade no que diz respeito à oferta de emprego. Câmara era uma família muito importante da região, dona de muitos campos. E a finalidade do arsenal de guerra era construir e consertar armas. Você pode imaginar que no auge da guerra, em 1939 – ano em que nasci –, este arsenal estava também no auge da sua produção de armamentos para o Exército brasileiro. Nasci então nesta cidade, e meu pai, Valdemiro Gomes da Silva, veio das regiões mais pobres de Pernambuco, das proximidades de Olinda, filho de pessoas de lá, que primeiramente trabalharam na lavoura de cana e depois foram para as fábricas de tecido. Para sair daquela situação de miséria e de muitos filhos, alistou-se no Exército muito jovem e foi para o Rio de Janeiro. Devido a esta permanência no Exército, foi com um pelotão fundar um quartel, um agrupamento militar, junto a este arsenal de guerra. Conheceu então minha mãe, que morava ao lado do quartel e se chamava Alaíde Oliveira. E se a história do meu pai me era contada com muito humor, já a história da minha mãe era a história de uma filha de um casal já velho que teve onze filhos, todos mortos, em que só ela restou. Meu avô era filho de índio com branco e bem mais velho que a esposa. Minha avó, pura africana. Então nasci no Rio Grande do Sul, minha mãe é gaúcha, mas tenho muita mistura: da Bahia, porque meu avô era de Salvador, e do meu pai, que era de Olinda. Nasci de Alaíde, gaúcha mas filha de baiano, e de Valdemiro, filho de pernambucano – na verdade, de pernambucano com paraibana. Minha avó por parte de pai era branca, com todo aspecto de portuguesa, e meu avô, também por parte de pai, era uma espécie de cafuzo, não sei bem que mistura era aquela, mas ele não era mulato ou negro.

Vocês são em quantos irmãos?

Fomos três irmãos. Sou a do meio, tenho uma irmã mais moça e tive um irmão mais velho, que já faleceu.

De onde vem a influência musical na sua vida?

Na memória as vivências musicais que tenho são algumas. A mais antiga, e que esteve na minha vida durante muito tempo, era a da minha mãe e do meu avô materno cantando em casa. Os avós paternos já tinham falecido, e nós morávamos com nossos avós maternos, já muito velhos. Uma das memórias que tenho é a do meu avô sentado na porta da cozinha, ou no pátio da casa, cantando. Ele cantava de tudo o que tu puderes imaginar, desde os hinos da Igreja Assembléia de Deus até aquelas canções bem safadas, bem despudoradas, do repertório de um bando de soldados. Antigamente havia o costume de se colocar as crianças nessas escolas da Marinha, e ele foi para um destes internatos, depois foi para o Exército e lutou naquelas revoluções do Rio Grande do Sul. A vida dele foi muito de caserna, de revoluções, de matar pessoas e tudo mais. Essas histórias ele nos contava, e tinha aquelas músicas muito indecentes mesmo. Ele cantava tudo aquilo e nós, como crianças, não entendíamos muito bem, mas depois, adultos, começamos a prestar mais atenção nas letras. Ele cantava aquilo naturalmente, mas também cantava hinos na Igreja Assembléia de Deus e na Igreja Batista, por onde também passou. Foi católico, depois frequentou a Igreja Batista e, nos últimos anos, foi para a Assembléia de Deus. Mais tarde, e pela primeira vez, meu pai trouxe um rádio. Você pode imaginar que coisa maravilhosa foi para mim, para os meus irmãos e para toda a minha família aquele rádio dentro de casa. Quando fiquei maior, e isso é uma coisa importante, meu pai saiu do Exército e, como civil, entrou como operário no arsenal de guerra. Como o salário era muito pouco, minha mãe lavava roupa para completá-lo, e meu pai passava filmes no único cinema existente

na cidade . Além de passar filmes para complementar o salário, ele, já desde o Exército, tocava banjo e cantava. Então as músicas que eu tinha eram as do meu avô, as mais variadas, as do meu pai, que tocava banjo e violão em um grupo que se apresentava em bailes e ensaiava lá em casa, dos hinos que cantávamos na escola dominical e também dos filmes que víamos no cinema. Meu pai começou passando os filmes, ele era operador de máquina, e depois ele passou a ser sócio do cinema. Então nós tínhamos cinema de graça! Isso tudo em General Câmara, onde vivi até os 16 anos. Além disso, foi para a cidade a Igreja Metodista. A essa altura minha família já era batista e tinha passado pelas influências católicas, mas minha avó tinha uma amiga muito antiga, desde Jaguarão – uma cidade lá do Rio Grande do Sul –, que era mãe-de-santo. Minha avó era católica, mas frequentava a amiga! Então as músicas que foram formando os primeiros repertórios de minha vida foram essas, e depois, quando veio para a cidade a igreja Metodista, eu tive mais música. Porque as igrejas protestantes cantam muito. Eles tinham um pequeno órgão, desses de fole e pedais, para acompanhar os hinos, e eu tenho até hoje a lembrança da minha mãe cantando aqueles hinos. Minha mãe era muito afinada, tinha um timbre de voz muito bonito. Tive como guia esse timbre de voz. Depois, como professora de música, soube que esta vivência musical dentro de casa é a primeira iniciação musical. Resgatando ainda a história de frequentar o cinema, naquela época não se via apenas filmes de Hollywood. Assistia-se a filmes franceses, italianos, muitos filmes mexicanos e, pela primeira vez, vi, em um filme, um pianista tocando o Concerto nº 1, de Tchaikovsky. Este concerto é até hoje uma música do coração. Acho que posso resumir assim essa minha fase de infância, com todas estas influências musicais que me foram permeando a memória sonora, digamos assim, e afetiva também. Conclusão é que os meus irmãos cantam afinado, têm boa memória para música e cantam muito bem. Meu irmão cantava muito bem e minha irmã também, porque tivemos essa vivência

musical. Uma coisa que eu gostaria de resgatar, e que até hoje me intriga, é que naquela época, quando começamos a ouvir rádio, durante a Semana Santa e Finados as rádios somente tocavam música erudita. Não havia outra música! Podias sintonizar qualquer emissora e não ouvirias qualquer outra música que não fosse esta. Naturalmente meus pais não estavam querendo ouvir aquela música porque não era do meio deles, e eu não tinha nenhuma referência em relação à música erudita. Mas desde criança era aquilo que me tocava o coração: música erudita! Tanto é que me emocionou ver o Concerto nº 1 de Tchaikovsky no cinema!. Ouvir aquela música, que era completamente diferente daquilo que eu ouvira até então, era como abrir os horizontes misteriosos de coisas que eu não conhecia mas que me calavam fundo. A minha família brincava: “Ah, essas são as músicas de defunto da Noemi, deixa ela ouvir.” Eles tinham condescendência para com o fato de eu ouvir aquelas músicas. Eles não gostavam, mas eu gostava! Sempre tive um repertório interno bem mais amplo do que apenas música erudita, mas naquela época isso me tocou muito, sem nenhuma interferência de outra pessoa. Simplesmente ouvi essa música e ela me pegou, me encantou....

Aos 16 anos a senhora vai a Porto Alegre para cursar o Magistério no Colégio Americano, e depois música com o professor Oscar Zander da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Como se deu a ida a Porto Alegre? E a experiência com o maestro Oscar Zander?

Em General Câmara só havia estudo até o ginásio, então a opção era ir a Porto Alegre. Tanto meu pai, quanto minha mãe, valorizavam muito o estudo. Minha mãe era uma pessoa simples, fez todo o primário completo, mas lia muito – meu pai já não. Por exemplo, mamãe leu toda coleção Alexandre Dumas. E ela não só lia, como também contava o que lia. Nos nossos almoços a conversa era também essa: sobre o que ela lia. O almoço era uma hora em que se falava muito, as crianças não ficavam

quietas, podíamos conversar com nossos pais sobre todos os assuntos e, entre eles, as leituras da minha mãe. Ela nos incentivou a ler. Não havia biblioteca na cidade, mas havia um livreiro, um revisteiro, um italiano que aparecia todas as sextas-feiras com uma pasta cheia de livros e que tinha de tudo, desde os livros clássicos até romances para senhoritas. Ele tinha também a Revista Biliken, uma revista argentina para crianças que trazia quadrinhos, contos e histórias. Aprendi a ler espanhol ali. Ele tinha também a Tico Tico. Tínhamos ainda a revista Bem-te-vi, da Igreja Metodista, e revistas de quadrinhos. Havia uns livrinhos de história muito pequenos, bonitos, que tinham apenas uma gravura muito linda, desenhos muito bem elaborados de pintores clássicos. Era só aquele desenho, e o resto era prosa sem qualquer outra figura. Minha mãe guardava um dinheiro que ganhava lavando roupa para, toda sexta-feira, comprar um livro para ela, um livro de histórias para nós e uma revista de quadrinhos. Então nós três, os irmãos, somos bons leitores, porque tivemos esse aprendizado lá em casa. Uma mãe que é boa leitora e dá valor ao estudo, um pai que dá valor ao estudo, não poderiam deixar seus filhos marcando passo naquela pequena cidade. E eles foram à luta, foram atrás de um lugar para que eu pudesse estudar fora. Fui então para o Colégio Americano, através da Igreja Metodista, com bolsa de estudos. Tive, naturalmente, ajuda, e tive que convencer as pessoas para que me dessem essa bolsa. Fiz também um teste, durante muitos dias, para merecer essa bolsa, e fui com essa finalidade: fazer Magistério, na época chamava-se Normal, um curso que hoje não existe mais. Depois fiquei como professora nesta mesma escola durante dez anos. O Colégio Americano era, naquela época, uma escola de mil alunos e muito elitista, só de pessoas muito ricas, como por exemplo as filhas de chineses donos da fábrica de óleo de soja Primor, que foram minhas alunas. Inicialmente era uma escola só para meninas (hoje é um colégio misto), porque na época havia um colégio correspondente, da mesma igreja, chamado Instituto

Porto Alegre (IPA), para os rapazes. Nós temos pessoas, aqui em Blumenau, que estudaram no IPA e no Colégio Americano. Saí da minha cidade bem pequena, bem simples, bem pobre, e fui para esse meio social, bem diferente do meu, como bolsista.

Sofreu algum preconceito?

Sim! O Rio Grande do Sul era o estado que, naquela época, tinha muito preconceito contra o negro. Não sei como está agora, já faz muito tempo que saí de lá. Tanto é que na minha cidade – hoje já não é mais assim – havia um baile para brancos e um baile para negros, e ninguém de um baile entrava no outro. Quando cheguei ao Colégio Americano houve preconceito, e eu só soube mais tarde, porque as professoras me protegiam. Ao mesmo tempo em que havia um número de pessoas que tinham preconceito, havia também um grande número de pessoas que não tinham preconceito, pelo contrário, estimulavam-me a estudar e de certa forma me protegiam. Eu era muito tímida, por incrível que pareça, acho que até por força disto, desta transferência de um meio social para outro e por perceber que havia preconceito. Então eu era uma pessoa muito calada, tanto que uma professora de psicologia me disse: “Noemi, você deve ter uma vida interior muito intensa, porque você é muito calada.” Cheguei a pensar um pouco sobre isto. Mas em relação ao preconceito, uma coisa é certa: tive em casa muita segurança sobre essa questão de ser negro, sobre essa questão de identidade. Em nenhum momento ser negro, para nós, era motivo para sentimento de inferioridade, pelo contrário.

Nós sabemos que existe o mito de uma Blumenau ariana. A senhora veio para cá na década de 1970 e instala-se no Teatro Carlos Gomes que, de certa forma, reúne uma elite intelectual da cidade. Sentiu este preconceito também em Blumenau?

Nunca! Para não dizer nunca, senti duas ou três vezes, mas nunca por pessoas de origem alemã. Uma foi com um advogado de origem portuguesa. Outra foi com um italiano, aqui na FURB, um professor. O terceiro não me lembro. Mas como disse, passei pela vida considerando que a pessoa que tem preconceito contra negro, mulher, homossexual ou qualquer etnia, o problema é dele até porque ninguém vai deixar de ser homossexual, negro ou seja lá o que for. O problema é dele até o ponto em que ofenda física ou moralmente. Se há esta ofensa, então tens que tomar uma atitude, como tomei algumas vezes. Minha avó dizia: "coloque-se no seu lugar". Sem histerismo ou qualquer outra coisa semelhante. Simplesmente eu mesma me colocando para a pessoa de forma que ela perceba que "não é bem assim". Inclusive, nessas situações de preconceito que tive de enfrentar aqui, as pessoas mudaram, posteriormente, completamente seu comportamento. Mas com relação aos alemães, nunca tive problema, bem ao contrário, tenho grandes e verdadeiros amigos e uma relação de grande respeito com as pessoas de origem alemã.

A sua aprendizagem sistemática de música começa no Colégio Americano?

Comecei lá, paralelamente ao Magistério. Estudei no Conservatório de Música, que até hoje existe. Um Conservatório muito importante, muito bem organizado. Lá estava o maestro Léo Schneider, que era também professor da Universidade do Rio Grande do Sul, no Instituto de Belas Artes. Ele era organista, regente de coro e compositor também. Ali comecei o estudo formal de Música.

E como se dá o acesso ao professor Oscar Zander?

Não estudei formalmente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mas com Oscar Zander. Comecei com Zander quando

alguém me ouviu cantar em Santa Maria. Essa pessoa participava do Coro de Câmara de Porto Alegre, que era regido pelo Zander, que estava recém voltando da Alemanha. Essa pessoa lhe disse que viu uma soprano cantando. Oscar Zander pediu-lhe que fizesse contato comigo, e me convidou para cantar no coro. Posso dizer que a minha vida, profissional e musical, foi antes e depois de Oscar Zander. Os alunos que tiveram contato com Zander têm esta mesma sensação, esta mesma consciência, de que ele era um músico que não só dava a oportunidade de se conhecer mais profunda e amplamente sobre música, sobre os elementos da música, os instrumentos, o canto, a história, mas que dava aos alunos elementos de cultura de tal modo que fazia despertar para as mínimas e máximas coisas para as quais não tínhamos despertado ainda. Um mestre que te instigava o tempo todo e te despertava e mantinha vivo para tudo aquilo que estava relacionado à cultura. Ele era um apaixonado por Música e por ensinar. Não era como esses mestres que trabalham burocraticamente. Nós tínhamos ensaios do coro todos os sábados e todas as quarta-feiras. Nos sábados, o ensaio era das duas às seis da tarde, e havia um grupo sempre interessado em aprender mais. Então essas pessoas ficavam lá, ouvindo música com Zander, lendo partituras, e ficávamos até quase meia-noite estudando informalmente. Além disso, também tínhamos aulas formais em outros dias: aula de leitura, de morfologia, de harmonia, de história da música e tudo mais.

É o Oscar Zander que vem a Blumenau para fundar a Escola Superior de Música do Teatro Carlos Gomes, em 1971. Como foi feito este convite a ele? E quanto à senhora, já conhecia a cidade?

Este convite veio através de Dieter Hering, na época presidente do Teatro Carlos Gomes, que recebeu uma sugestão de Ivo Meyer, um violoncelista filho do Sr. Meyer, da Casa Meyer de Blumenau. Hoje Meyer está na orquestra da Universidade Federal do Paraná. Dieter Hering quis

reformular o conservatório Curt Hering. Ele estava entrando como jovem presidente do Teatro e queria fazer a reformulação de uma série de coisas. Depois, lendo o livro "Dos camarins ao grande espetáculo: 145 anos de história do Teatro Carlos Gomes", a gente começa a ver quantas coisas foram reformuladas naquela época, durante a gestão de Dieter Hering, dentre elas o Conservatório Curt Hering, que no entender dele deveria passar por uma reformulação para uma escola nova, que pudesse atender melhor o tempo contemporâneo. Ele queria uma pessoa que conduzisse isto, já que o maestro Heinz Geyer estava se aposentando. Certo dia nós estávamos na casa de Oscar Zander, porque os ensaios eram lá, quando chega alguém de surpresa e aperta a campainha. Estava lá o Dieter Hering. Como vimos que era uma visita que não conhecíamos, deixamos eles conversando na sala. Quando saíram, Oscar Zander veio até nós e disse: "Essas pessoas são de Blumenau e vieram para esta finalidade: estão me convidando para fundar uma escola lá. Mas eu disse duas coisas para eles que não quero chegar lá, iniciar a escola, sem antes fazer um trabalho preparador e uma sondagem." Ele então propôs que se fizessem seminários de música, e isso realmente começou; disse ainda que quando ele viesse, viria com uma equipe, porque "uma andorinha só não faz verão". Já nos "Seminários Catarinenses de Música" uma equipe começou a vir com Zander. Foram realizados quatro seminários, e antes da escola começar a funcionar foram realizados dois seminários. Vinham para estes seminários, em Blumenau, professores e artistas renomados de todo o Brasil e do estrangeiro, e também alunos. Você vê hoje o festival de Jaraguá do Sul, e Santa Catarina já teve tudo isto em 68, 69, 1970 em Blumenau, através destes seminários catarinenses de música. Esses seminários começaram a mobilizar a cidade em torno da idéia de uma nova escola de música. Em 1971, finalmente, Oscar Zander veio a Blumenau com uma equipe da qual fiz parte, pois Zander fez o convite para que eu viesse com ele – porque, uma coisa que não sei se disse

aqui, paralelamente aos meus estudos de música também trabalhava como professora de música do Colégio Americano, com crianças bem pequenas, com a orientação da pedagogia Orff, sob a influência de uma professora e cantora, Ellen Klohs, que trabalhava com o instrumental Orff com os alunos maiores. Essa minha experiência refletia-se no meu trabalho. As minhas crianças criavam músicas, poemas, e eu gravava.

Quando Zander vem para Blumenau fundar a Escola Superior de Música, já trouxe consigo a pedagogia de Carl Orff?

De uma forma incipiente, mas tínhamos principalmente os fundamentos. Nós não tínhamos todo o instrumental, mas tínhamos o espírito Orff. Quando viemos para cá, eu e uma outra professora, Cassilda Canfield, trabalhamos com este espírito de Orff, que se expressa no trabalhar a criação, a improvisação, o corpo em movimento, o cantar e trabalhar com todos os poucos instrumentos que tínhamos trazido. No Conservatório, Curt Hering, antes, não era assim, e não havia esse trabalho de musicalização em grupo. Já a proposta da Escola de Música para o trabalho com crianças era o trabalho de grupo e essa forma ampla de trabalhar com as crianças a sua musicalidade. Nós trabalhamos durante um ano com pouco instrumental, só um ou dois xilofones e flauta doce. Depois o Teatro Carlos Gomes importou da Alemanha muitos xilofones, metalofones, jogos de sino, pandeiras e outros instrumentos de percussão, e então nós tínhamos o instrumental todo. Atualmente, revendo a história, percebemos que a pedagogia para Educação Musical de Carl Orff, já existente e reconhecida internacionalmente, no caso de Santa Catarina teve início em Blumenau na década de 70 através do nosso trabalho na Escola de Música do Teatro Carlos Gomes. Neste meio tempo, em 1973, ouvi que havia em São Paulo dois professores de Salzburg dando um curso Orff. Fiz a inscrição. Neste curso estavam o músico e compositor Hermann Regner e

uma professora de Educação do Movimento, Adelheid Weidlich. Durante o curso havia a perspectiva de alguém ganhar uma bolsa de estudos, mas eu não sabia disto. Simplesmente fiz o curso como faço tudo! Não faço nada pela metade, simplesmente me joga apaixonadamente. Trouxe isto de casa. No final do curso o Hermann Regner disse: "Noemi, sente aqui e vamos conversar." Ele falava um pouco de português com um forte sotaque austríaco. "Tu me disseste que estudas alemão. Por que estudas alemão?" "Bem, porque estou em uma cidade de origem alemã, e também porque descobri, com meus estudos, que há muita matéria preciosa em música que está no idioma alemão." Ele fez uma pausa e disse: "Você nunca pensou em estudar música na Europa?" Na verdade eu nunca tinha pensado, isso nunca tinha me passado pela cabeça. "Pois então comece a pensar, porque eu quero te dar uma bolsa para você estudar no Instituto Orff. Você aceita?" Preparei então meu currículo com uma fotografia, levei a ele, passou-se um tempo, veio a resposta e eu fui estudar no Orff Institut da Hochschule für Musik und Darstellung Mozarteum no período de 1974 a 1975, em Salzburg.

A senhora veio para Blumenau em um bom momento profissional. Na mesma época foram criados a Escola Superior de Música e, em 1973, é fundado o curso superior de Educação Artística, do qual a senhora fará parte desde o começo. Qual foi a necessidade de se criar este curso em Blumenau? Qual foi o seu envolvimento neste curso e qual o envolvimento deste para com o desenvolvimento cultural catarinense?

O meu envolvimento com o curso, àquela época chamado de Educação Artística, deu-se porque era um curso polivalente para formação do professor em Música, Artes Plásticas e Artes Cênicas. Aliás, este foi o primeiro curso de Educação Artística de Santa Catarina. Quando o governo instituiu a lei do ensino de Artes a ser ministrado por professor polivalente,

foi necessário formar recursos humanos para começar a implementá-la. Então as pessoas vinham de diversas partes do estado, moravam aqui, inclusive, e tinham aula de manhã e de tarde. Os alunos tinham que ter Artes Plásticas, o que incluía Desenho, Pintura, Escultura e tudo mais que tenha a ver com artes plásticas e também Música e Artes Cênicas. Na parte de Música o Teatro Carlos Gomes era a única referência, e a melhor, até porque nós estávamos com esta escola nova. Formamos então uma equipe, dentro daquela equipe da Escola Superior de Música, para atender o convênio feito entre a Universidade e o Teatro. As pessoas iam, no dia da aula de música, lá para o Teatro Carlos Gomes. Em outros dias da semana iam lá para o antigo Kander, na rua Curt Hering, para estudar Artes Plásticas e Artes Cênicas. Não havia uma sede. É muito importante lembrar que o curso de Educação Artística, durante muitos anos, foi nômade. Ele não tinha lugar dentro do campus, e andou por muitos lugares. Fiz parte da equipe trabalhando principalmente Musicalização, o Oscar Zander trabalhava a parte de teoria e de coro. Depois a equipe foi mudando, outros professores foram se incorporando às disciplinas, porque Oscar Zander saiu do Carlos Gomes e foi para o Rio de Janeiro, para a Funarte. Quando retornei de Salzburg, retomei minhas atividades no Teatro e as minhas disciplinas no curso de Educação Artística. Mais tarde o curso de Educação Artística saiu do Carlos Gomes e começou a ter o seu lugar no campus da FURB, e isso se deveu muito ao trabalho do professor Jorge Hartke que teve essa visão: "o curso de Educação Artística está disperso e precisa estar localizado em algum lugar dentro do campus." Depois de algumas lutas, o curso teve o seu lugar, primeiramente no Campus II. Por este curso passou todo tipo de aluno! Primeiro foram aquelas professoras que vieram especialmente enviadas pelo governo do Estado para suprir o "lote" inicial previsto na lei. Depois que o curso passou desta primeira etapa de formação urgente, instituiu-se um curso de Licenciatura Curta de Educação

Artística, ainda polivalente, de dois anos. E as pessoas começaram a vir espontaneamente, sem subsídio do governo, porque queriam fazer parte do quadro de profissionais de Artes. Eram alunos regulares da FURB que vinham de todos os lugares, ficavam alojados na cidade, porque naquela época ainda era o único curso de Educação Artística que existia. Hoje nós temos cursos em outros municípios, mas naquela época não, e por isso nós tínhamos alunos de todo o estado. Os alunos eram desde donas de casa, que queriam fazer uma coisa diferente, moças que queriam fazer universidade e que talvez achassem que fosse fácil fazer Artes, mas também pessoas muito vocacionadas e que queriam mesmo fazer especificamente Artes, ou que queriam ser professores. Tínhamos também artistas que começaram a vir depois que o curso começou a se solidificar. Mas só começamos a caminhar para isto, de atrair artistas com uma certa história na cidade, depois que o curso deixou de ser polivalente e começou a ser um curso de Artes Visuais de Licenciatura Plena com a duração de quatro anos. Você pode imaginar um curso que precisa "formar" uma pessoa que tenha competência para ensinar teatro, música e artes visuais em dois anos? Por outro lado, muitos que se formaram nesse curso voltaram depois para fazer a licenciatura plena.

Quando o curso passou a Licenciatura Plena, era só de Artes Visuais?

Uma característica dos nossos professores é que nós frequentávamos muitos cursos. Não ficávamos apenas aqui, na cidade. Eu mesma participei da Associação Brasileira de Educação Musical e fui professora da Funarte, viajando pelo país ministrando cursos e convivendo e conhecendo outras realidades. Percebemos que havia um movimento, no Brasil inteiro, para a eliminação da licenciatura curta. Também o nome "Educação Artística" começou a ficar muito deteriorado, pois embora pretenda muita coisa, ficou associado a essa necessidade de se exercer a polivalência, o que começou a ser renegado tanto pelos professores, que

começaram a ver que era muito difícil exercer isso, como pelos artistas. Quando os professores da FURB se reuniram para montar um curso de Artes que teria licenciatura e bacharelado em música, licenciatura e bacharelado em artes cênicas e licenciatura e bacharelado em artes visuais, fomos com esse projeto para o reitor da época. Levamos muito tempo para terminar este projeto, que foi muito bem feito. Consultamos os alunos, os ex-alunos, nossos professores, outras universidades mas, resumo da história: o reitor disse que não iria fazer um curso que desse defasagem de alunos. Disse que música nunca teria alunos, que artes visuais seria possível pois era um curso que não necessitava de muitos investimentos, mas que cênicas e música seriam deficitários. Conclusão: hoje Música é o curso que mais tem alunos. Mas naquela época o reitor não teve essa visão, e nós perdemos o bonde da história. Neste período a UDESC instalou o seu curso de Música e outros cursos foram se instalando. A gente sabe que as vezes o tempo não significa nada, mas creio que em relação à instalação de um curso, significa, sim, porque se aproveitarmos este tempo cronológico, ele nos dará maturidade. E os cursos de Música e Artes Cênicas só foram instalados dez anos depois! É muito tempo! Quanto à influência que o curso exerce, esta se dá em muitos aspectos. O primeiro é o fato de que muitos artistas vieram estudar e se formaram aqui, e alguns voltaram para fazer pós-graduação. Estes artistas têm influências da Universidade, e esta também aproveita muito da bagagem que estes alunos trazem. Como nosso público é extremamente heterogêneo, nós temos desde aquele aluno que não sabe absolutamente nada de artes visuais, cênicas ou música, quanto aquele muito experiente – então nosso professor de Artes tem que estar atento e preparado para este grupo heterogêneo. Neste sentido, o que este curso faz é dar uma formação formal àquele artista que já está aí, ajudar a encontrar valores nas três áreas e também promover ação efetiva nas escolas através dos estágios e de projetos. Nós temos hoje um projeto chamado Arte

na Escola, que começou dentro do nosso curso – na época eu era Chefe de Departamento – quando recebemos o convite para participar de uma rede que promovia a arte na escola. Encaminhei o convite para a professora Marilene Schramm, uma professora muito dinâmica, importante dentro do curso, que está sempre estudando, é organizada e também artista. Talvez agora ela não produza mais tanto nas artes, como gravurista, porque está mais como administradora. Para ser administradora e gestora a gente deixa um pouco de lado a produção artística. Ela então foi para as primeiras reuniões desse polo de Arte na Escola, que hoje é uma rede nacional. Hoje o Departamento de Artes da FURB abriga este polo regional. Então estas influências se estendem não só ao mundo artístico, mas também à rede de ensino. Assim, nós temos um corpo docente, um corpo discente e um grupo de alunos formados que participam da vida artística da cidade.

Em uma entrevista que a senhora concedeu em 2004 para um projeto de história da FURB, há uma afirmação que considerei muito interessante. A senhora se referia, provavelmente, às décadas que antecederam a sua chegada a Blumenau, principalmente a de 1960, dizendo que no Teatro Carlos Gomes difundia-se muito a música erudita, e que isso era um reflexo da cultura blumenauense. Inclusive, que em uma determinada época, ouvia-se quase que exclusivamente música erudita nas rádios da cidade. Como a senhora explica esta mudança, de as pessoas começarem a olhar para a música popular; do Teatro Carlos Gomes oferecer cursos de música popular?

Neste tempo, não só o Teatro Carlos Gomes, mas Blumenau era uma cidade muito fechada. Acho que isso era da própria natureza da cidade. Até os meios de comunicação eram assim. Acho que isso ainda era um reflexo da colônia, das famílias tradicionais, do reduto alemão. Àquela época ouvia-se muito o idioma alemão nas ruas. Já a mudança atribuo ao fato da cidade começar a ser procurada devido às possibilidades de emprego. Havia

a pujança econômica e começaram a vir pessoas de fora. Inclusive, no artigo que escrevi para a revista Blumenau em Cadernos (*"Cultura em Blumenau: trinta e seis anos!"*, nov./dez. de 2007) falo sobre isto. Ao olhar meus livros, em minha biblioteca, deparei-me com algo que não imaginei que poderia ser fundamento para aquele artigo, que era uma publicação da Associação Comercial e Industrial de Blumenau chamada "ACIB Blumenau 90 Anos de Memória". Neste livro há uma relação de fatos importantes ocorridos na cidade, publicados ano a ano. Li o livro perguntando-me: o que tem de notícias sobre cultura aqui? Fiz uma seleção e retirei somente cinquenta eventos relacionados à cultura. O que se observa ali é que, a partir de um determinado momento, devido a sua pujança econômica, Blumenau recebe pessoas de todas as origens. Quando tu colocas pessoas de culturas diferentes em um determinado lugar, tu não tens como subjugar uma outra cultura. As culturas afloram naturalmente. Então as rádios começaram a tocar música sertaneja, por exemplo. E hoje não se ouve mais música erudita como se ouvia antes. Mas para falarmos especificamente do Teatro Carlos Gomes, ele ainda é, hoje, um reduto de música erudita. Depois que me aposentei da Furb, voltei ao Teatro para ser Diretora Artístico Pedagógica da Escola de Música, porém, quando no passado fui diretora lá, já havia a prática de música popular como repertório em alguns instrumentos, mas não com a ênfase de hoje. Hoje temos um núcleo de música popular e um núcleo de música erudita. Assim, no passado, o ensino de música mudou, passando de Conservatório Curt Hering para Escola Superior de Música – e já em 1971 nós trouxemos novidades, porque naquela época se ouvia música erudita, mas exclusiva e somente a música erudita de uma certa época. O Maestro Geyer cantava e tocava com os seus grupos de coro e orquestra apenas uma "fatia" deste tipo de música. Se formos pesquisar os programas de Concerto sob a direção de Geyer, veremos de música brasileira um repertório que era do gosto específico de Geyer, além de outros compositores de música

erudita e também óperas, que eram de sua autoria. Quando a escola de música veio para cá, com o Zander, este veio com uma visão muito ampla de música. Tocou-se então música de diversos períodos e estilos, música antiga da Idade Média e da Renascença, música de compositores do século XX, música folclórica e música popular. No primeiro grande concerto sob a regência do Oscar Zander com a Orquestra do Teatro Carlos Gomes, o grande coro, e um Coro de Câmara que Oscar Zander formou com pessoas da cidade, alunos e professores da escola de música, cantamos Schumann, Schubert, Heinrich Schütz, músicas da Renascença, da Idade Média, Debussy, Ravel, música moderna e contemporânea. Após o concerto as pessoas do grande coro disseram: “que coisa linda, nunca tínhamos ouvido isso!” Ou seja, aquilo que era comum para nós, lá em Porto Alegre, o grupo daqui não conhecia. Atualmente nós temos que ter o cuidado de manter um equilíbrio. Hoje nós temos na escola músicos de grande competência e reconhecimento, de peso na música popular, e este é o tipo de atitude que a escola do Teatro Carlos Gomes não poderia deixar de ter, visto que, por mais que atualmente tenhamos boas escolas na cidade, nós somos uma escola que tem herança. Só a escola nova tem 37 anos! É uma herança que não dá para perder de vista. É um nome forte há muitos anos, e até hoje, quando se fala na Escola de Música do Teatro Carlos Gomes sabe-se que é uma escola de respeito. As mudanças na cidade aconteceram com as culturas que vieram para cá e a cidade teve que – e deve – conviver com estas mudanças, mas sem perder o que ela tinha de bom, que é essa herança de gostar de música erudita, entre outros valores. E este cuidado em manter um equilíbrio entre a música erudita e a música popular, a escola do Teatro Carlos Gomes tem. Nós não temos mais um reduto só de alemães. Temos uma cidade que acolheu – e vou usar esta palavra, sim, porque podemos dizer que a cidade rejeita, mas isto é muito relativo – pessoas das mais diferentes culturas.

A senhora fala em não deixarmos perder o que já conquistamos. Cada geração cria movimentos que imagina inéditos. No início desta década tivemos o MPBlu, na década de 1990 o movimento dos Poetas Independentes e, na década de 1970, o Movimento Barriga Verde, do qual a senhora fez parte. O que este movimento propunha, quem eram as pessoas e como ele se articulava?

Esse Movimento Barriga Verde foi capitaneado pelo Lindolf Bell e – não tenho certeza – o nome deve ter sido ideia dele. Este movimento se deu em Blumenau e, depois, estendeu seus eventos para outros lugares. Consistia em eventos multiculturais. Havia música, artes plásticas, poesia, tudo em uma mesma noite. A ideia era que esses eventos pudessem mostrar a força do artista barriga-verde. Ao invés de se fazer coisas isoladas, juntava-se os artistas e fazia-se uma coisa forte e que impactasse, tanto a nós, que fazíamos, quanto àqueles que participavam. Então, capitaneado por uma pessoa como o Lindolf Bell, que era paixão, energia e movimento puro, isso ganhava uma dimensão muito forte.

Este movimento possuía uma proposta estética específica? Ou a proposta era aglutinar pessoas que produziam arte?

Sim, mas naturalmente estas pessoas eram selecionadas por ele. Porque a gente via que só tinha coisas muito apaixonantes nestes eventos. Lembro-me de uma vez em que ele me chamou para cantar em um desses eventos, e cantei músicas africanas, umas duas ou três de rituais de candomblé e outras do folclore africano, com tambores e tudo mais. Isso foi uma coisa tão forte! Estavam lá poetas de Curitiba e de outros lugares. Naquela época, trazer músicas africanas para Blumenau! Hoje é comum, mas não naquele tempo. Eu tinha um cabelo black-power, grande, ninguém andava por aqui com um cabelo assim. Então o visual era contundente, a música e o instrumental também. Assim ele reunia, neste movimento Barriga Verde,

coisas muito fortes, de tal forma que, se pudesse marcá-lo, a marca era a força do movimento artístico e do artista Barriga Verde. Porque naquela época tudo isso era muito disperso, e havia valores por todo o estado. Mas a proposta estética estava muito mais em como ele reunia as pessoas. Sob o aspecto teórico, acho que não havia uma proposta estética. Mas era ele que organizava e selecionava as pessoas, como um grande diretor teatral que tem um grupo, uma energia e uma estética, não havia uma equipe que fazia as seleções. Ele primava não pela igualdade, mas pela qualidade e pela heterogeneidade.

Vamos fazer, novamente, uma incursão no privado. A senhora é casada com o artista plástico Roy Kellermann. Como se deu a aproximação da cantora com o artista plástico?

Na verdade, não foi a cantora e o artista plástico, mas a Noemi e o Roy. Em uma ocasião uma pessoa me disse: “Noemi, pelo que conheço de você, acho que vais gostar de conhecer um amigo meu, o Roy Kellermann.” Passou-se um ano, eu estava na Casa do Artista, um espaço que existia na esquina da ponte que liga o Centro de Blumenau ao bairro Ponta Aguda. Lá aconteciam exposições, eventos e, no andar de cima, havia uma oficina para o pessoal trabalhar. Naquela época o artista plástico Rubens Oestroem fazia bolsas de couro com ossos. Comprei uma bolsa dele e fui à Casa do Artista para que ele fizesse um conserto, e quem estava lá? O Roy Kellermann, de quem tinham me falado! Fiquei conversando com o Rubens e, do outro lado da sala, o Roy estava conversando com um outro grupo. Ouço o assunto sobre o qual estavam conversando – para ser sincera, nem me lembro qual era o assunto – e me chamou a atenção, porque era o tipo de conversa que eu tinha com os amigos em Porto Alegre e que aqui eu não tinha. Então comecei a olhar para ele, claro, por causa do assunto (*Risos*). Ele percebeu e começou a se exhibir na fala. (*Risos*) Fui embora, ele também, fomos

caminhando pela Beira-Rio e nunca mais nos desgrudamos. Mas o mais interessante foi que, depois de alguns dias, ele me disse que tinha uma loja de antiguidades, a Porto Bello Road. Ali na rua Marechal Floriano Peixoto Esta foi a primeira loja de antiguidades da cidade. O Roy tinha morado no Uruguai, e quando voltou, trouxe peças de antiguidades e se instalou aqui. Este homem, dono de uma loja de antiguidades, eu tinha conhecido há dois anos, de terno, gravata, cabelo bem curto, formal, quieto; e este Roy que conhecia agora não era o mesmo! O visual era completamente diferente, a postura... era extrovertido, o cabelo comprido, despojado na roupa... Era outro ser! Ficamos amigos. Fui para a Europa, de lá nos escrevíamos e, quando voltei, começamos a nos ver como namorados. Depois casamos, e já são 32 anos! Então não foi a cantora e o artista plástico, mas duas pessoas que vieram com uma bagagem cultural bastante grande, e vivemos bem justamente porque nosso encontro foi este. O Roy é uma pessoa que fala cinco idiomas, tem lá seus problemas, mas tem uma cultura vasta, é espiritualizado e possui uma bagagem de vida fenomenal. O Roy é uma pessoa que me surpreende todos os dias. É um sobrevivente! Eu aprecio as coisas que ele produz como artista plástico e, quando não está bom, também digo. Ele gosta de me ouvir cantando, tocando. Então existe esse apoio, esse elo de compreensão, de amor e de admiração mútua.

A senhora sempre teve uma vida muito intensa na vida cultural da cidade. Primeiramente como professora, depois como diretora da Divisão de Promoções Culturais da FURB e hoje como Presidente do Conselho Municipal de Cultura. Quais os momentos que a senhora poderia destacar nesta história que a senhora vivenciou?

A Divisão de Promoções Culturais existiu na FURB por mais de 20 anos; fui chefe do setor de 1996 a 2006. O setor que foi extinto no final de 2006 administrava as atividades culturais da universidade, fazendo

conexão com a comunidade de Blumenau e região, tendo construído laços muito fortes com o universo cultural da cidade com a universidade, através das ações da DPC, realizando exposições de Artes Plásticas e administrando os Grupos Estáveis de Produção Artística da FURB: Grupo Teatral Phoenix, Grupo Folclórico de Dança Alemã, Coro da FURB, Camerata de Violões e Orquestra da FURB, além da produção do Festival Universitário de Teatro de Blumenau. Já na história cultural da cidade... um dos momentos – para pegar algo mais recente – uma das coisas mais importantes que gostaria de destacar é o Fundo Municipal de Apoio a Cultura de Blumenau. É pouco? Financeiramente sim. Para quem está na gerência do Fundo, nós, Conselheiros, pensamos que algumas coisas deveriam ser revistas, mas a maioria dos projetos que são desenvolvidos com o Fundo Municipal de Cultura revelam uma efervescência muito grande na cidade. Para algumas pessoas parece que nada acontece na cidade. Isto não é verdade! O fato deste fundo existir produz uma provocação, a gente vê essa efervescência acontecendo. São grupos de música pop, de música erudita, livros publicados, produção de cinema, fotografia e vídeo, de teatro, de artes plásticas, de produção de diversas expressões da cultura popular... Claro, tem de tudo! As pessoas veem que o Fundo está aí, mas também não se pode usar o dinheiro público para tudo. Temos que ter critérios. A maioria das propostas são muito boas. Destaco este Fundo como sendo uma das coisas mais importantes que já aconteceram em Blumenau em tempos recentes.

A senhora se aposentou da Universidade, retornou à Escola de Música do Teatro Carlos Gomes e preside o Conselho Municipal de Cultura. Quais os projetos que a senhora tem para este ano?

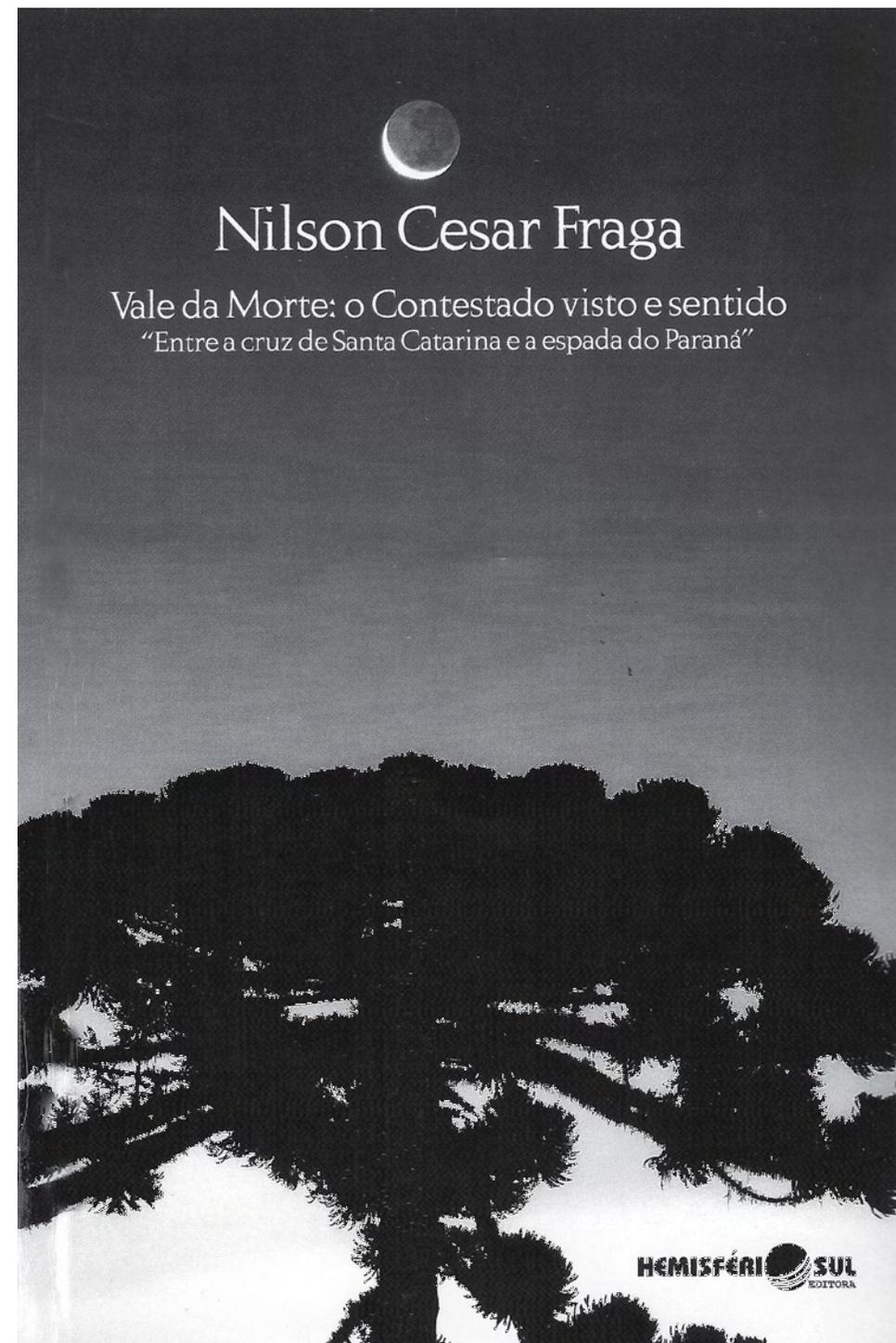
Na verdade, não tenho projetos pessoais. Aliás, nunca tive projetos pessoais. Este foi um defeito na minha vida. Sempre trabalhei para instituições. Então agora meu projeto é a Escola de Música. Quando

trabalhava na Universidade, meu projeto era a FURB, eram as coisas que me instigavam aqui na universidade. Do Teatro Carlos Gomes nunca me desliguei de todo, porque fui eleita para o Conselho e sempre participei dos eventos. Agora, retornando, quero tornar a Escola de Música uma escola equilibrada, sem perder de vista tudo aquilo que conquistamos durante todos estes anos, mas também aquilo que é contemporâneo. Então o meu projeto é para com esta Escola de Música. Que ela se mantenha na sua liderança, que merece. Tenho também um sentimento de responsabilidade para com o Conselho Municipal de Cultura de Blumenau, pois estive sempre presente, como presidente quatro vezes, secretária e conselheira. Peguei o vício de estar sentada em um evento cultural e ficar vendo com carinho as coisas positivas que estão acontecendo na cidade, sempre torcendo para que as coisas deem certo em relação à vida cultural.

No âmbito da cultura, qual a diferença entre a Blumenau de hoje e a da década de 1970?

A Blumenau de hoje é muito diferente daquela da década de 1970. Hoje nós temos, por exemplo, uma associação de nordestinos, capoeira, música sertaneja. Na década de 1970 não havia nada disso. E hoje há porque essas pessoas vieram buscando a cidade que lhes ofereceria emprego e uma qualidade de vida melhor. Então a Blumenau de hoje é multicultural, é mais cosmopolita. Não há como voltar a 1970! Mas como já disse, não se pode perder o que já tivemos. Aqui a música erudita era muito cultivada e apreciada, e isto não se pode perder. É diferente de uma cidade em que só se toca música sertaneja e as pessoas não conheçam música erudita. Em General Câmara, onde nasci, não se ouvia música erudita a não ser no rádio, e aqui em Blumenau não. Aqui não só se ouvia esse tipo de música no rádio, como havia música erudita sendo produzida. Se era somente de uma época, ou se eram somente óperas de Heinz Gayer, não

importa, era música erudita! Esta é uma herança que não se deve perder. Mas por que é tão importante ouvir música erudita? Por que não se faz como a massa da mídia, que só demonstra música popular, e até da pior qualidade? Eu, que fui tocada pela música erudita, e que ao mesmo tempo tive a influência da música popular na minha casa, e que hoje ouço de tudo, posso te dizer, tranquilamente, que ouvir de tudo é muito bom. E ouvir de tudo incluindo a música erudita, porque ela te dá uma amplitude de alma e também mental, cerebral. Se começa a ouvir Bach, por exemplo. Esta é uma música que trabalha com teu espírito e com tua mente, e há músicas que no nível das ideias são tão abstratas que tu não tens como construir uma imagem concreta, mas que te leva a desenvolver outras emoções... além ... A convivência com música erudita instrumental pode levar-te a este equilíbrio interior.



LIVROS SOBRE O CONTESTADO

Enéas Athanázio*

A bibliografia sobre o Contestado vem crescendo de forma admirável. Muita gente vem se debruçando sobre o assunto, o que é surpreendente e representa uma espécie de desforra histórica porque a guerra que ensanguentou grande parte de nosso Estado, entre 1912 e 1916, foi sempre escamoteada pelos historiadores ortodoxos, como se escondessem algo feio ou vergonhoso, transformando o tema em verdadeiro tabu. Mesmo tendo nascido e crescido na região contestada, jamais se tocou no assunto nas escolas que frequentei, tanto que mais tarde, ao tomar conhecimento dos fatos, fiquei surpreso ao saber que tinham acontecido em lugares onde estive e conheci desde a infância. Mas os tempos mudaram, o preconceito foi vencido e o movimento caboclo passou a ser visto com novos olhos. Ainda bem, antes tarde do que nunca!

A maioria dos trabalhos sobre o tema, pelo que tenho observado, é de conteúdo histórico, ou seja, o Contestado não tem inspirado muitas obras de ficção ou poéticas, embora seja um filão inesgotável para autores dotados de criatividade ou pendor para a poesia. Tenho comentado nesta coluna diversos livros a respeito do assunto que me caíram nas mãos e hoje abordarei dois que não conhecia e que acabo de examinar com interesse.

O primeiro deles é “Vale da Morte: o Contestado visto e sentido”, de Nilson César Fraga (Editora Hemisfério Sul – Blumenau – 2010). Professor de geografia em nível superior, o autor reuniu neste volume suas observações a respeito de viagens realizadas com seus alunos pela região contestada para conhecer **in loco** os lugares mais significativos

daquele movimento e sentir de perto o clima reinante nos dias de hoje. É o resumo de diversas expedições bem planejadas e realizadas com a disposição de examinar com acuidade, com olhos de ver. E com tal propósito, ele e seus alunos visitaram lugares emblemáticos da guerra, a exemplo de Santa Maria, onde estava situado o célebre reduto, Perdizinhas, local em que foram construídas as fornalhas para cremação de cadáveres, Irani, onde se deu o primeiro combate, no Banhado Grande, ocasião em que pereceram o “monge” José Maria, líder dos revoltosos, e o coronal João Gualberto, comandante das forças oficiais. Visitaram ainda outros locais, traçando uma espécie de roteiro para futuros exploradores, buscando reconstituir com fidelidade tudo que aconteceu. Há momentos tocantes, como o encontro do “cemitério dos anjos”, local em que eram sepultadas as crianças que faleciam sem batismo, fora dos cemitérios comuns. Chocante foi o encontro do rio Lava Tripa, afluente do Santa Maria. “Tinha esse nome – relata o autor - desde os tempos das batalhas finais no reduto. O número de mortos era muito grande para ser enterrado durante os bombardeios federais, então os caboclos colocavam os corpos dilacerados naquelas águas geladas, montanas, para evitar a putrefação. (...) Enquanto os corpos jaziam sobre o leito gelado do rio, suas águas correntes faziam a limpeza das vísceras, e o caldo vermelho seguia por quilômetros...” (pp. 96 e 97). Como conclusão final, acentua ele, o desconhecimento generalizado reinando sobre o assunto, mesmo nos locais que lhe serviram de palco, e muita coisa que deveria ser preservada ameaça desaparecer. Também a versão dos vencedores, martelada durante sucessivas gerações, está encastelada nas cabeças de muita gente que paga ainda hoje o preço da guerra. É curioso observar que o ponto de apoio dos exploradores foi o extinto Hotel Ronda, na cidade de Caçador, no qual eu também me hospedava nas incursões pela região. Cedendo à pressão imobiliária, o velho e simpático estabelecimento não existe mais.

* Escritor e Advogado. Colaborador da Revista Blumenau em Cadernos

O segundo livro, já mais antigo, me foi oferecido pelo velho amigo Desembargador Orli de Ataíde Rodrigues. Trata-se de “Taquaruçu”, de autoria de Sérgio de Lorenzi (Edição do Autor – 2003). Nele o autor busca reconstituir o que aconteceu durante a guerra naquele reduto, hoje Fraiburgo, através de pesquisas no local, investigações em documentos antigos e depoimentos de sobreviventes do conflito ou seus descendentes. Ele procura estabelecer a distinção entre jagunços e revoltosos, aliás bem apropriada, uma vez que os primeiros muitas vezes estavam a serviço dos coronéis que lutavam pela manutenção do **status quo** e contribuíram para a eclosão do conflito. Também relembra a figura de Chica Pelega, a heroína do Taquaruçu. Os mortos no reduto ultrapassaram as seiscentas pessoas, incluindo idosos, mulheres e crianças. O livro é bem documentado e contém interessantes fotografias de lugares importantes para a reconstituição histórica da guerra.

“Adolfo, o cãozinho das praias” é o mais recente lançamento de Anair Weirich (Hemisfério Sul/Miteca – 2010). Trata-se de pequena história infanto-juvenil, bem apresentada e ilustrada, que revela aos pequenos leitores a história simples e terna de um pequeno cão estimado por todos que o conheciam. É também uma leitura agradável para os adultos em geral, revelando que, apesar de tudo, a simpatia pelo melhor amigo do homem prevalece. É um texto de poesia em prosa.

REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS

Política editorial

Blumenau em Cadernos é uma revista editada desde 1957, idealizada pelo pesquisador José Ferreira da Silva. Contempla a publicação de matérias da historiografia de Santa Catarina, em especial da região do Vale do Itajaí. Aborda temas relacionados a questões históricas, sociais, econômicas e culturais.

Registrado com o ISSN 0006-5218, é um periódico científico-cultural publicado bimestralmente pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva e pela Editora Cultura em Movimento, unidades da Fundação Cultural de Blumenau.

Tem um Conselho Editorial constituído de historiadores, jornalistas, tradutores, escritores e pesquisadores.

É dividida em várias seções ou colunas:

Artigos

Os textos devem obedecer aos seguintes critérios: notas, citações, referências e bibliografias. Devem estar, preferencialmente de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). As notas de conteúdo precisam constar no rodapé e as referências e bibliografias no final do texto. Os artigos poderão ter até 18 páginas (incluindo citações, referências, imagens e tabelas), apresentando, preferencialmente, resumo de até 10 linhas em português e 3 palavras-chave em português.

Autores Catarinenses

Com comentários, críticas de obras e resenhas de lançamentos de autores catarinenses.

Biografias

Seção dedicada ao registro de biografia de pessoas que fizeram e fazem parte da construção da História local e regional.

Burocracia & Governo

Para publicação de documentos oficiais que sejam de interesse da história regional.

Crônicas do cotidiano

Coluna que contempla autores que narram, sob a forma de crônicas, aspectos das vivências regionais.

Documentos Originais

Seção bilíngue, contendo textos em língua estrangeira e a respectiva tradução para o português.

Entrevistas

Coluna dedicada a depoimentos de história de vida e/ou temáticos.

Fragmentos da nossa história local

Artigos de antigos jornais de Blumenau, revelando aspectos do passado sob a ótica jornalística.

Memórias

Setor que contempla aspectos do cotidiano descritos por memorialistas, oportunizando a participação comunitária.

Transcrição de documentos

Transcrição de cartas e relatórios relacionados à história regional.

Para todas as seções recomendamos/solicitamos/comunicamos aos autores:

- a) Vínculo institucional do autor e da sua titulação, se houver;
- b) Endereço eletrônico para correspondência e telefone/fax para contato;
- c) Os textos devem ser encaminhados para o endereço eletrônico: arquivohistorico@fcbu.com.br, digitados no programa Microsoft Word for Windows, fonte Garamond, tamanho 12, com espaço 1,5cm;
- d) As imagens e tabelas, além de virem no corpo do texto, devem também ser enviadas em arquivo anexo com suas respectivas legendas e fontes;
- e) Os textos encaminhados à revista serão apreciados pelo Conselho Editorial. Este se reserva o direito de publicar ou não os textos encaminhados à sua apreciação, bem como de sugerir mudanças aos respectivos autores;
- f) Cada autor receberá cinco exemplares da revista, referentes ao número que contiver seu texto;
- g) Os textos publicados e a exatidão das referências citadas são de responsabilidade exclusiva do(s) autor(es).
- h) O Conselho Editorial não se responsabiliza pela redação, nem pelos conceitos emitidos pelos autores.

Para proceder à assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R\$ 80,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R\$ 60,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R\$ 100,00
- Encadernação: R\$ 150,00 o volume (até 1998, um volume para cada tomo. De 1998 em diante, dois volumes por tomo).
- Tomo completo encadernado: R\$ 180,00 (para tomos de 1998 em diante. Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento).

a) () Desejo assinar a revista Blumenau em Cadernos para o ano de 2011.

Anexo a este cupom, a quantia de R\$ _____ (_____ reais)
conforme opções de pagamento abaixo.

b) Outras opções acima: _____ Preço: R\$ _____
(_____ reais)

Formas de pagamento:

() Vale Postal - Fundação Cultural de Blumenau - Blumenau em Cadernos

() Depósito no Banco do Brasil - 0779.952-7 - Agência 0095-7. Após o pagamento, passar Fax do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.

() Cheque - Banco: _____ Número do Cheque: _____

Dados do Assinante:

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cx. Postal: _____

CEP: _____ - _____ Fone para contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Caixa Postal 425 - CEP 89015-010 – Fone: (47) 3326-6990 – Fax (47) 3326-4237

Blumenau (SC) – E-mail: arquivohistorico@fcblu.com.br